

IPIRANGA

1800
1800

3600

Marca Regist. Ind. Brasileira

PAPELARIA LORGE LTDA.

Rua Wenceslau Bras, 92

Fone: 35-3967 3.50

IMS

Meu Brasil

1

Meu Brasil praeminente
Ídolo da nossa gente
país belo e altaneiro.
Tudo em ti pode elisar
Senho orgulho e de lavar
- São Brasileiro!

Esta é a pátria do amor
Desconhelemas a dar.
A trulência ambação.
Os teus filhos te veneram
E nobremente caoperam
Na grandega da Nação.

Brasil querido e amado
pôr nossos antepassados
Ganzaga, Takios e Hernal.
Muitos que honraram a nossa gente
Cambateram heróicamente
Pela glória Nacional.

IMS

Estas estrelas brilhantes
 Que habitam o céu lá distante
 Que fulgôr maravilhosos
 É bela a nossa terra!..
 Que imensa grandeza enche
 O Brasilino, é venturoso.

Esta é a pátria de cirismo
 Tothemas o cataclismo
 Trabalho, e o nosso roteiro
 Aertemas emalte ger.
 Amar, e defender
 - O portilho brasileiro.

Inspiração

Meu anjo venho ao meu lado
 Contempla as flores no Prado
 Como é lindo o aretostol
 Aute - se a arte cantar
 São paqueira pelo ar.
 Aquecendo - se ao sol.

Se eu fosse um passarinho
 Arquitetava o nosso ninho
 No topo de um carvalho.
 A danar a com brilhantes
 Estas jóias cintilantes
 As puras gâtes d'arvalho.

Se nós meus braços eu a embolasse
 E depois eu cantasse:
 A tua canção Preferida,
 Perderíamos as flores estas
 Dijia - lhe frases como estas
 Amo - a, és minha querida.

Amá-la, sempre por o meu desejo,
 de acariciá-la e dar-lhe um beijo
 do vê-la sabe, pensar.
 Quero premi-la nos meus braços
 vamos residir num lindo paço
 somente ~~para~~ eu serrei.

Beijo prose tão doce e pura
 é o que os meus lábios murmuram
 Quando estão perto de ti,
 eis como a flor que regeta
 Que é a musa de um poeta
 Sou feliz, desde que a vi.

Contemplo a esbelta e paguinha
 tens um "quê" de Brasileira
 genuína do meu sertão
 do vê-la nem mesmo eu sei
 porque foi que te amei
 é o que dei meu coração.

Amar, eu sei não é crime.
 É um sentimento sublime
 e você é tão bonito.
 do seu lado, vivo contente.
 pretendo dar-lhe um presente
 um lindo laço de fita,

O meu desejo, é perdê-la
 porque eu gosto de tê-la
 unido ao meu coração.
 eu nasci, para amá-la
 não tens se eu beijá-la
 você, é minha inspiração.

O meu amor é ardente
 penso em você, constantemente
 você proporciona-me alegria
 você é musa, você é lira
 é a deusa que me inspira
 a compor esta poesia

Sua de mel.

Reclinado na janela
 Tristonho pensando nela
 Olhas verdes. Linda cor.
 Dentro do peito eu sentia
 & o meu coração que batia
 Era o desejo do amor.

Eu sempre fui apressado
 Pus-me a caminho ao seu lado
 De vez em quando, um suspiro
 Ela, fitou-me sorridente;
 — Se sou incansavelmente
 Com licença me retiro

Ela fitou-me sorrindo
 & disse-me: como es lindo!
 Qual é o seu nome Sentia
 Sou uma pessoa simples
 Que a ama e a venera
 Que pôr você, mãe de amor

É linda como a primavera
 Eu ansioso e vivo a espera
 Do seu meigo e doce andar.
 O meu nome, é Israel
 Vamos passar a lua de mel
 Lá em São Salvador.

Há muito tempo que a vejo
 & o meu único desejo.
 & beijar seus lábios de mel
 Mas eu hei de insistir
 Jurando que hei de conseguir
 O teu andar, Israel.

& com toda reverência
 E jovem sem experiência
 Entregou-lhe o coração
 Um romance assim começa
 Amor, beijos e promessas
 & depois a união.

Há um mês que estou casado
 Vivo em casa desprezada
 Sero... que o nosso amor more
 Quem sabe por onde andou
 Outra mulher encontrou
 Mais bonita do que eu...

Cada frase que eu dizia
 Ele ao meu lado sorria
 E beijava a minha boca
 Não mais diz que sou bonita
 Quando pelo ele se irrita
 Ficaste feia e... Paula.

Agora não sei porque
 Ele fingi que não me vê
 E esqueceu o juramento!...
 Tudo isto é o teu erro
 Ele dizia! Juuro!
 Amo - a em todos momentos

Vivo em casa reclusa
 Sem alegria no vida
 Como hoste que não dá lugar.
 Outro dia - ele a mim dizia
 Que só a mim pertencia.
 E esqueceu-se o seu andar...

E eu lhe tento amizade
 Com toda sinceridade
 Com profunda dedicação
 Se este afeto esquecer
 Que sera' do meu viver?
 - Ficarei o meu coração.

Amo - o com intenso ardor
 Com carinho e devoção,
 No mundo es meu unico amor
 E' hóspede do meu coração.

Súplica de mãe.

Nesta campa zas inerte
 Querido filho, desperte
 Saís o meu andar infinito
 para adamar esta laura
 do jazigo em que repousas
 estas flôres depositas.

Sonhei que estavas ao meu lado
 No meu peito reclinado.
 Contemplava o teu sorriso
 Dizia - me meigamente
 Mamãezinha estou contente
 E' tão belo o paraíso...

Não lamenteis minha ausência
 Ainda - se a minha existência
 Sou tão feliz aqui no ~~espaço~~
 Deus sendo o meu bom amigo
 Sobre pai justo comigo
 Colhendo-me nos teus braços.

Constrange-me a tua aflicção
 Deixei-a na solidão.
 Venho lerir a tua dor,
 Não lamenteis a minha partida
 Porque espero-a querida
 No seio do Criador.

A mãe tristonha fitando
 E dos seus olhos jarroram
 Lágrimas ao vé-lo defunto.
 Enriando a Deus uma prece
 Ora - lhe o céu - Ele mercede
 Com o meu filho quero ir junto

A mãe desperta a bramin
 Com o filho quer seguir
 Prende-lo nos braços seus.
 Nesta aflicção succumbiu
 E com o filho partiu
 Para o reino de Deus..

Deus!

Deus, não selécionas
 O que lhe emôcionas
 É a virtude e a bondade,
 Se no céu queres entrar...
 Deves ser bom, e amar
 A humanidade!

Deus, não apellia o mal
 Daí um prêmio colossal
 Dás que sabem lhe honrar
 Não seja mau e arrogante
 Auxiliai o teu semelhante
 porque, é pecado maior

No céu não há preconceito
 Lá não preterem o preto
 Não há orgulho nem vaidade
 Reinos que para lá chegar
 É necessário praticar:
 A caridade.

Deus disse: por no terra
 do homem de boas vontades
 Não pediu para fazer a guerra
 Que dizimo a humanidade
 A vida humana tem inenso valor
 para o bom Deus Nosso Senhor

Saudades de mãe

Oh! meu Deus quantos saudades
 Da minha infância ridícula
 Não conhecia a desgraçada
 Que atinge a vida da gente
 Era criança não pensava
 Que existia o sofrimento
 Os brinquedos me fascinava
 Há todos os momentos.

Quando a aurora despontava
 Eu rodava o meu pião...
 Das meus colegas eu contava
 Estórias de assombração.

Hoje, é bem triste a minha vida
 porque não vivo contente
 Estou distante esquecida
 longe dos meus parentes.
 Um dia deixei minha terra
 Minha mãe e o meu irmão.
 Mas, não sabia que era
 eterna separação.

A desventura me perseguia
 ou, o meu destino era fatal,
 Eu deixei ela um dia...
 É a minha terra Natal.
 Todas nós temos saudades
 De um lindo trecho da vida
 Ou de uma velha amizade
 Ou de uma aventura perdida

Jenho saudades de alguém
 partiu, e não mais voltou.
 Eu lhe queria, tanto bem!
 Manae! A morte levou,
 Charei espiosamente
 Quando a minha mãe morreu
 Manae!, foi o melhor presente
 Que Jesus Cristo me deu.

Súplica do enclausurado

Nesta cela solitário

O preso tem um rosário
 Viril em constante oração.
 Vós, Oh! Rei do paraíso!
 Dó vosso auxílio preciso
 Tirai-me desta prisão

Recanteço que pequei:

Vós praticista, eu sei,
 Mas, traiu-me a tentação.
 Imploro-te de mãos postas.
 Tirai-me o jugo das costas
 Dae-me a tua absolvição.

Disse outro dia o vigário
 Sendo todas um colitório.
 Quem sofre tem uma cruz.
 Esta cela, é tenebrosa
 A liberdade é ditosa
 Heráico, só - foi Jesus!

A vos lero o meu olhar
 De mãos postas, a implorar
 Vós a infinita bondade.
 Eu nesta cela sem lume.
 Sou tal qual uma arte implume
 Em busca da liberdade.

Cometemos as pecados
 Quando somos castigados
 Imploramos remissão.
 Eu vos peço hó! meu Jesus!
 A liberdade e a luz.
 Tirai-me, desta prisão!

Vai vai

Amar! por amor. La vicio a sofrer
 O meu amor é impindo como a eternidade
 Quando amo não sei esquecer:
 É porque amo-a, de verdade.
 O meu amor sempre diz:
 Oitida-me, deixe-me em paz.
 Creio que assim, serei feliz.
 Confesso-lhe, não, a amo mais.

Vai vai para sempre elle diz:
 Deixe-me viver sozinho.
 Eu com você não posso ser feliz
 Tu não sabes me fazer carinho.
 Estas frases deixo-me doente
 Eu fico triste, começo a chorar.
 Faço tudo, para vê-lo contente
 Elle diz vai vai, para não mais voltar.

Os que ouvem começam a zombar.
 Fazer criticas, não comprehendem.
 Soltey porque não sabem amar
 Ou porque nada do amor entendem

Minha filha

A minha filha morreu!
 Deixou-me só, e aflito,
 Peço, diga-me se es feliz
 Já no céu, onde habitas.
 Eu vi minha filha espirar
 Quase mári de paixão
 Este golpe veio a bratar
 Para sempre o meu coração.

Minha filha era tão bela!
 Quantos saudades deixou.
 Eu gostava tanto d'ella.
 A morte intrusa a levou
 Resta-me apenas a saudade
 Da minha filha! Minha boneca
 Morreu na maternidade
 Na rua Terri Caneca.

Ela morreu em me lumbro
 Dia 29 de setembro
 A mãe nunca esquece
 O filho que perdeu.

páeta

páeta, en que medita?
 porque vive triste assim.
 É que eu a olho bonito
 & você não gosta de mim.

páeta, tua alma é nobre
 é triste o que o desgosta?
 Amo-a, mas sou tão pobre
 & dos pobres, ninguém gosta.

páeta fita o espaço.
 & deita de meditar
 & que... eu quero um abraço
 & você persiste em negar

páeta esta triste em vago
 porque eis tão tanto assim
 queria apenas um beijo
 Não deu, não gosta de mim.

páeta!

Não queiras todas aflições
 das que vivem em ritos virulentos
 Não lhe darão atenções
 supunções, paróias, são lendas.

O ébrio

O homem que bebe:
 Não tem valor na sociedade.
 Não tem nenhuma utilidade
 Amar um homem assim.
 & ir aos braços da infelicidade

O homem que bebe;
 Não pensa na prosperidade.
 Não tem noção de responsabilidade
 Amar um homem assim
 só nas proporções contrariedades.

O homem que bebe!
 Diz apenas futilidades
 Nunca diz a verdade
 Não tem dignidade
 & digno de piedade,
 promete se regenerar
 Mas não tem força de vontade
 & é um escravo da bebida
 & não prospera no vida.

O homem que bebe:

Quando está bêbado, presalese
por que o álcool embutece
& transforma-o em animal.

O ébrio não tem valor
No núcleo social.

— Homens que bebem:

Seus filhos não vivem em paz
& não sabe o que faz.

É prático nas ações.

Quantos crimes têm cometidas
Homens que não têm bebido
Têm a vida nas prisões.

O homem que bebe:

pela espássa é reprovado.

É o seu lar desmórado.

Fica jogado na rua.

Se queres ser ditoso no viver,

O homem não deve beber

Se és infeliz, a culpa é sua.

O ébrio é um inciente.

É abarrece diariamente
Não tem valor, o seu deprimido.

No poder judiciário.

Sua existência é abjeta
& o seu vício lhe acarreta
A cruz do seu calvário.

Ele não tem força mental
para afastar-se deste mal

É apenas fama de homem.

Que enfraquece lentamente
Fico, tuberculoso ou demente

Apenas bebe. E não come.

O ébrio é péssimo vizinho

Pois não trata com carinho

As que estão ao seu redor

O ébrio é irracional

É degradado. É um animal

— É um homem inferior

prece de mãe

O meu filho tem muito valor
 Diz a mãe, cheia de vaidade!
 É imenso o seu amor
 É sincera a sua amizade.
 Quando o filho está doente,
 A mãe não dorme um segundo
 Sempre temo e impaciente
 E o seu regêio é profundo.
 O seu afeto não a deixa
 Pensa no filho demasiadamente
 E se algo lhe acontece
 A mãe está sempre presente.
 O meu filho há de ser um homem!
 Ele, há de saber lutar
 Quando alguém citar seu nome
 Será para o elogiar.
 O meu filho não haverá de esmorecer
 Vai ser honesto e trabalhador.
 Os inimigos, há de vencer
 Vai ser um homem de valor.
 A luta na vida não vai lhe estarrecer
 Hei de vê-lo prosperar. Se
 Deus há de lhe proteger,

E os seus passos guiai-las.
 Do filho a mãe é um escudo
 Pôr elle, ela empresta tudo.
 Oh! Deus grande senhor!
 Dai-lhe sempre protecção
 Que elle seja superior,
 A sedução.
 O meu filho, há de crescer
 Heroico, bom, e inteligente.
 Deus ajude que há de ser
 Uma boa semente.
 Que não viole a retidão.
 Que faça o próximo feliz.
 Que tenha um bom coração
 E que ama o seu país.
 Que faça o bem sem opções
 Os fracas, os humildes, elle protêja
 Que pratique boas ações!
 E assim seja.

O infeliz

Vejam; tenho as cabelos grisalhos
 já passei tantos trabalhos
 Que não passo enumerá-los
 Vi, o meu irmão enlouquecer
 Minha esposa falecer.
 E os meus filhos para cria-los.

Vejam, tenho as cabelos grisalhos
 já passei tantos trabalhos
 Agora é a minha prostração.
 Vi um filho transviar-se.
 E a turba imensa a gritar
 Mata! Lincha este ladrão!

Vejam, tenho as cabelos grisalhos
 já passei tantos trabalhos
 Que até perdi a ilusão.
 Passo os dias a meditar
 Oh! se eu pudesse libertar
 O meu filho da prisão!..

Vejam, tenho as cabelos grisalhos
 já passei tantos trabalhos
 Não tenho alegria para viver.
 Estou ciente que não tenho sorte
 Por isso, a Deus, peço a morte
 Para findar o meu sofrer.

Vejam, tenho as cabelos grisalhos
 já passei tantos trabalhos
 Nada mais me prende ao mundo.
 Virto ao relento sem abrigo
 Tenho que vagar sujo, imundo
 Sem filhos, sem esposa e sem amigo.

Vejam, tenho as cabelos grisalhos
 já passei tantos trabalhos
 Estou exausto e deitado.
 Quando jovem, eu vivia tão bem...
 Sítios, prédios, e armazém
 Hoje... sou um homem folgado..

Vejam, tenho as cabelos grisalhas
 já passei tantos trabalhos
 Meu Deus! Que fatalidade!
 perdi, a minha rica habitação
~~que me abrigava~~ ~~em~~ ~~um~~ ~~lugar~~ ~~de~~ ~~grande~~ ~~condição~~
 Desliguei-me da sociedade
 vim residir neste parão.

Vejam, tenho as cabelos grisalhas
 já passei tantos trabalhos
 Meu Deus! Fico alucinado
 por isso eu viro a vagar.
 Não gasto de recordar
 o meu pungente passado.

Vejam, tenho as cabelos grisalhas
 já passei tantos trabalhos
 As que conheceu-me, "diz"
 Aquêlle é um home honrado
 Mas, sofreu tanto, o cãitado
 é um verdadeiro infeliz

No topo de uma colina
 Construí uma cabana
 De manhã surge a neblina,
 Que a natureza promana.
 Quem reside neste casinha
 Que é um verdadeiro primão
 Eu e a minha mãezinha
 A quem dedico o meu amor.

Quando o sol desce o palêste
 Tudo encanta na colina
 Surge a noite lentamente
 Tudo é bello, e me pacino,
 Minha mãe sempre cantando
 É anareel e carinhosa.
 passa os dias cuidando
 Dos seus canteiros de rosas

Como é linda o meu viver!
 Nesta cabana que eu fiz
 Creio que... eu posso dizer!
 Graças a Deus, São Feliz!

O marginal

Vou citar - lhe o meu passado
 Quando jovem fui notado
 Era alegre, de janeiro a janeiro
 Eu cantava uma canção
 E tocava violão
 Com, os meus companheiros

Shás fazíamos serenata
 E a luz lã de prata
 Brilhava no firmamento
 Para a minha ^{amada} eu cantava
 O canção que ela adorava
 Não me saí do pensamento

Uma luz lá dentro a brilha
 Era ela que me aurtia
 Minha voz lhe despertava.
 Era profunda a emoção
 Parecia que o meu coração
 Dentro do peito oscilava.

Meu Deus! Que ansiedade
 Vi-la era a minha vontade
 Para dizer - lhe, querida!
 Quero levá-la ao altar
 E se Deus nos auxiliar
 Vai ser bela a nossa vida.

Shas versos que eu cantava
 Meu afeto eu retribua.
 E ela, com preceito:
 Queremos de nos unir.
 E o meu pai consentir...
 Para mim, que alegria.

Ela, passou o olhar no chão
 Não sei se foi emoção.
 E começou a chorar.
 Meu pai apressa um nome
 E disse-me que tã é polare
 E não nos deixo casar.

Duas palavras me feriu
 E o meu coração dividiu
 E eu perdi todo o ideal
 Ela, vive ao lado de um noivo
 Não revolta pôr eu ser pobre
 E não lhe desejo, mal.

Outro dia nos encontramos
 Pôr uns minutos nós pitamos
 Com ardor e emoção.

Não sei se que ela deu,
 Percebe, que ando e n'eu
 O seu termo coração.

É um pecado desligar
 Dois entes que se amam
 Pôr mera futilidade
 É egoísmo, é um crime
 pois, não há nada mais sublime
 Do que o amor e amizade.

Se eu estivesse ao seu lado
 Não virteria assim, magoados
 E não estaria sozinho.
 Envelheciomas contente
 E quem sabe se atualmente
 Já tenho um netinho.

Ela, vive no meu pensamento
 Não lhe obvido um só momento.
 Estejo eu, onde estiver.
 Enquanto o mundo existir
 O homem há de amar e sentir
 Afeto pôr uma mulher.

Eu ando adrogo assim
 Pôr não tê-la perto de mim.
 É ela, o meu ideal!
 Virto, ao relento sem atreigo
 Sem afeto, e sem amigo
 - Sou, um marginal!

Dr. Adhemar de Barros

Terre volar inenso
O ilustre Dr. Adhemar
foi um político de senso
e soube governar.

Adhemar e D. Leonar
duas almas santas
sem inenso volar
e ninguém Ches suplantam
Adhemar foi político patente
gostava de realização
deveria ser o presidente
desta grande Nação.

foi nosso interrelator
deputado e tem prefeito
foi também nosso governador
pelo povo, foi eleito.
Terre muita tenacidade
nas polémicas, que é um lodo.
Deu provas de capacidade
vencendo as lutas, com derrota

Adhemar soube conduzir
chaseu para governar,
Os que procuram lhe regridir
foi usando lhe ofuscar,
Adhemar político ilibado
Não foi indolente não foi favel
Não foi ele quem foi derrotado
foi o povo. Foi o Brasil
Adhemar político habilitado
Foi o bem, sem opção.
Deveria ser o veterano,
para dar impulso a opção
Adhemar, político visionário
com ele São Paulo progrediu.
Se fôs bonito no quarto centenário
foi com as obras que ele construiu
o único coisa que eu voto!
Adhemar foi carreto e gentil
e lhe acompanhei com o meu voto
Mas, não pude vê-lo Presidente do Brasil

Mãe, é sempre mãe

Se eu tivesse a minha mãe
Oh! que grande felicidade
Foi a única mulher
Que andou-me com sinceridade,
Das suas orações.

Incluía-me no pensamento
para Deus cortar-me as aflições
E libertar-me das sofrimentos,
Quando eu adoeço
Era inenxoso o seu estertor
O olhar que me dirigia
Revelava o seu amor.

Mos, um dia ela succumbiu
Quem mãe não volta mais.

Depois que ela partiu...
Mater!

Que falta se a mãe nos fez!
Mãe foi o meu relicário
O que me ensinou ainda dentro
O dia do seu aniversário
Viste o linco de desgosto.

O Chapéu

Antes do ano de 1932.
qualquer político que
dirigia uma cidade, era
denominado "o presidente"
E o senhor José Afonso, era
o presidente vitalício de
Sacramento. Estado de Minas
Gerais - Das épocas eleitorais
não havia outro homem
para substituí-lo. e ele
continuava no cargo.
Quando ele visitou a capital
do Estado de São Paulo, ficou
deslumbrado com o progresso
da cidade gigantesca.
As pessoas de outros Estados
quando visitava São Paulo,
iam tirar um retrato no
jardim da Luz. com roupas
de lã e o guarda-chuva
aberto para camuflar que
em São Paulo, chovia todos
os dias, ou então, aquela

deu
garão que fama a capital
paulistana.

Tudo para elle era novidade,
de, não acreditando, que
esta cidade deslumbrante
seja obra do homem.

O seu ídolo era o bonde
que delicia viajar naquêl
curso. elétrico que lhe
conduzia pãr todas as partes.

É elle ia comprar uns
bundes para levar - los
para Sacramento. É o
bonde levaria o porto de
Sacramento até o Cipo.
Era um bom negócio.

Ele passava as tardes
dentro do bonde. É ficou
viajando da Penha para a
cidade, e da cidade para
a penha.

É adormeceu no trajeto.
Quando despertou - se,

desceu do bonde. Percebeu
que todos lhe dirigiam o
olhar. Ficou intrigado
preocupado e pensando;
- Será que este porto já
sabem que eu sou o
presidente de Sacramento
Será que elles já sabem
que eu sou fazendeiro?
Com o porto parando,
para elle passar, elle
pensou:

- Será que elles desejam
homenagear - me?
Será que perceberam que
sou importante?

Ele seguiu quando passou
diante de uma vitrina e
viu a sua imagem
refletida no espelho,
Compreendeu a causa dos
olhares. É que enquanto elle
dormia trocaram - lhe o seu

chapeu pãr um de pedreiro
 todo suyo de tal e timento
 d'êl' êlle sarriu, e foi
 comprar outro chapeu.

Êle estorta usando roupas
 de pall - litchi, sapatas
 de bico fino envernizado
 relógio de ouro, e
 o distintivo de político
 Entrou numa loja e
 comprou outro chapeu.

Um chapeu naquêl tempo
 custorta quarenta mil réis.
 8 tempos depãis, as bondes
 chegaran em Sacramento.

Quem teve a gentileza de pegar
 o chapeu do presidente José
 Afonso, naquela época, fêz
 um bom negócio. porque para
 ganhar quarenta mil réis naquela
 época - só mesmo um político.

De minha mãe ganhou três ovos
 que a D. Faustina deu - lhe.
 Que alegria quando virios
 os ómos.

Eu pedi; Me dá um manãe!
 Ela deu-me.

O meu irmão estigiu os dois
 e sarriu, estitando os
 para mim. e dizendo; com
 ironia.

Eu ganhei os dois! E você
 ganhou só um! Eu ganhei os
 dois, e você ganhou só um!
 pedi; Manãe já que eu ganhei
 só um, frito o meu primeiro?
 Ela fritou, e eu comi com
 farinha.

Quando chegou a vez de fritar
 para o meu irmão, êlle sarriu
 demonstrando contentamento
 Quando a minha mãe quebrou
 um, tinha um pinto. Quando
 quebrou o outro deu um
 estouro. Estão eu sarri!

O meu primo Adão.

25-

30
35
40
4550
55

Na minha terra, eu convivia com os meus parentes. E entre eles, o meu primo Adão Nunes, que era arfão. Filho de minha tia Ana. Não tratava a tia Ana, de "Danda". Quando eu ia tomar banho, eu dizia: Não me lavar porque quando eu transpire muito, o meu corpo fica com odor. O meu primo Adão interferia-se. Éta Bitita, Coôca! Não é odor é fedor. Você quer falar bonito, quer falar difícil e fala errado. E me olhava, franzindo o nariz. Prasseguia. Você, escova os dentes todos os dias, e ainda toma banho. Pra que isto? Se você pensa que tomando banho, todas as dias você vai ficar branca pode desistir que não fica não. Mas que mania que você tem de querer imitar os brancos

Minha madrinha

Quando eu estava com seis anos, pensaria em comer só as coisas gostosas. Lembra-me que comi bananas fritas com canela.

Oh! Que coisa gostosa! E por vários dias eu fiquei pensando nas bananas fritas com canela. Oh! Se eu pudesse comer mais um pedacinho! Oh! Se eu pudesse comer novamente.

Comi cocada em lata. Oh! que coisa gostosa e fiquei pensando na cocada em lata.

A primeira vez que vi sardinha em lata e comi sardinha com pão... pobre mamãe! Não mais teve saquê. Eu pedia todos os instantes!

Eu quero aquela coisa gostosa

Eu quero aquela coisa gostosa!
Eu quero aquela coisa gostosa,
& seguia a minha mãe por
todos recantos.

A tia Tereza perguntou - Ehe:
- o que ela quer?

ouvi a minha mãe dizer
quer sardinha com pão.

& assim fiquei sabendo que
aquela coisa gostosa era
sardinha.

Eu era insuperável,
quando queria alguma
coisa era capaz de chorar
dia e noite até conseguir.

Eu, era persistente em
todas as caprichos.

Pensava que o importante
é conseguir o que desejava.

& os meus desejos, eram
satisfeitos. & o único meio
de minha mãe conseguir
por era me contentar,

A minha mãe era tolerante.
Me olhava, sorria e dizia
- olha a cara dela!

Não me esportava.

As vizinhas me olhavam e
diziam: Que negrinha feia.

Além de feia antepática.

Se ela fosse minha filha.

eu, matava - a.

Minha mãe me olhava
sorria e dizia: Mãe, não
mata o filho! O que eu a
mãe precisa ter é um
estoque de paciência.

O senhor Eupedes Barro-
nullo disse-me que ela é
prática! Quando a minha mãe
ia trabalhar deiscorta-me
aos cuidados de minha
madrinha - d' Sra Maruca.

Quando completei sete anos
a minha mãe convidou a
Dona Matilde para crismar-me

Ela comprou um vestido de chita para eu usá-lo.

Quando vesti o vestido, pensei que estorta muito bonita e olhava todos os que passavam pelas ruas para ver se estavam me olhando pãr eu estar usando um vestido nôto.

Como é bom ser criança! É porê que tudo que é nôto têm imenso valor para nós. Eu estoro descalça porque a minha mãe não pode comprar um par de pé' de anjo para mim.

Fui com a minha madrinha para a igreja. Ela alugou um carro de praça.

O cachorro do carro, era o primo mutato de minha mãe O José Marcelino.

Ele cobrou 0500, réis.

Cada pessoa. A minha madrinha deu-lhe 70 mil réis.

Eu pensei: Puelha! Ela, têm muito dinheiro! Já sou importante. Tenho uma madrinha rica.

Os perros adultos circulava pelas ruas acompanhados com as crianças, segurando-as pelas mãos.

A igreja estorta super-lotada. Os altares enfeitados com flôres cor-de-rosa. A minha madrinha fez a genuflexão.

perguntei-lhe: porque é que a senhora se ajoelhou?

Quando entramos na igreja temos que ajoelhar para saudar o Santíssimo Sacramento, no altar

IMS

As mulheres da roça estavam na cidade para crismar as crianças. Usando os vestidos compridos e estampados. Os cabelos eram penteados coques, ou cachos ou então tranças com fitas. O Bispo era de Uberaba. Minha madrinha me explicou, que o padre batiza, e o Bispo crisma. As velas acêses.

As que entravam na igreja cantavam cânticos e a fusão dos cânticos alegravam o templo santo. O perfume do incenso e dos flores, mesclavam-se. A quilo para mim, era um deslumbramento. Depois que a minha madrinha crismou-me, voltamos a pé. Eu achei um tempo e a minha madrinha disse-me

que eu poderia usá-lo depois que tornasse - O. Pensei agora, eu tenho que obedecer a minha madrinha rica que tem dez mil réis.

Fiquei pensando: Tenho, três madrinhas, qual era a melhor. Uma preta, uma mulata, e a outra era branca. A branca era tão agradável que eu lhe atenciei de: madrinha doce.

A tia Manoela, era preta. Mas, era carinhosa. Penteava e trançava os meus cabelos. A madrinha Notilde que crismou-me, era mulata. A madrinha Mariinha era branca.

A minha mãe dizia: quando a mãe morre, a madrinha é obrigada a criar o apilhado.

de madrinha e a segunda
mãe. Você não pode xingar
as suas madrinhas, você tem
que respeitá-las.

Eu era magrinha e o vestido
era folgado eu parecia um
palito, dentro do vestido.

Eu ia observando tudo.

Que alegria, quando,
chegamos na casa de minha
madrinha. e luofandos.

Sentados na mesa. e frays
peijão, tamarino, carne de
porco e quiabo.

e sobre-mesa. Frays doce
com canela.

Oh! Que coisa gostosa!
Esclamei. Oh!, se eu
pudesse comêr outra vez...

Fiquei com vergonha de
pedir mais. Minha mãe
havia me recomendado que
eu deveria ser bem educada

com as minhas madrinhas
Que se a mãe mandar o
filho ir para o inferno, só
a madrinha é que vai
retirar a criança quando e'
o seu afilhado.

para mim, o mundo consistia
em comêr, crescer, e brincar.

Eu pensava: o mundo e' gostoso
para viver-se nele. Eu, nunca
hei de morrer para não deixar

o mundo. O mundo ha de ser
sempre meu. Se eu morrer,
eu não vou ver o sol, não
vou ver a lua e nem as
estrelas. Se eu ~~est~~ estivesse
com Deus ia pedir - lhe;
- Deus! Da' o mundo para
mim?

possui o dia com a minha
madrinha, e s'aito e néia da
noite eu fui para a minha
casa. Mas o meu desejo, era

manar definitivamente com a minha madrinha.

Hoje comentei o dia feliz que passei. Mas, pensei constantemente na minha madrinha. Deitei, e adormeci logo.

Quando as pássaros iniciaram a sinfonia natural eu deixei o leito, abri-me e fui correndo para a casa de minha madrinha.

Quando ela abriu a porta, eu pullei para dentro e disse - he!

- Ahêça madrinha!

Ela assustou-se e respondeu

- Deus que te atenção.

Passei o dia com a minha madrinha, Ela deu-me

bananas fritas, com canela

- Hum... que coisa gostosa!

Eu estou super-satisfeito com aquela madrinha

que me dava coisas gostosas para eu comer. Puchá! Como é bom ter uma madrinha.

No outro dia levantei e fui correndo. Arrei que ela abriu a porta eu disse - he! - Ahêça madrinha!

Ela respondeu-me dividindo as palavras.

- Deus... te... atenção... câ.

Passei o dia com a minha madrinha, mas não comi doces.

E tarde fui para a casa, descontente. Mas mesmo assim quando o dia, despontou-se, lá fui eu correndo.

Quando ela abriu a porta lá estava eu.

Ahêça madrinha!

Ela não respondeu-me nos pés assim.

Hum... Hum... Hum...
 Olhou-me e disse:
 - Se eu soubesse não
 crismorta está menina.
 Fiquei máquedíssima
 fui para a casa tristonha
 E yuree! Nunca mais
 hei de ir na casa de
 minha madrinha
 No início ela não precebe
 por-se, passaram-se
 meses e anos.
 De vez em quando ela
 mandava um prato de
 carne picadinho lá em
 casa. Só o cheiro despertava
 o apetite
 das conissas. Eu comia
 a maior parte, porque
 era para mim que ela
 entendi. O meu irmão
 me indulto. Volté sim!
 É que tem madrinha lá

Minha mãe mandava eu
 levar os pratos. Eu não ia
 para não quebrar o juramento
 O meu irmão levanta-os.
 Ela caíra uma menina que
 fogia o serficeu no dinheiro
 sair de manhã para procurar
 portagem para os páreos.
 Minha madrinha adoeceu
 eu não fui visitá-la...
 Ela morreu, eu não fui no
 enterro. Não fui vê-la
 pela última vez.
 Minha opinião e dizia quando
 desligo-me de alguém lá de
 ser para sempre.
 Rezaram o terço. Eu não
 comparei.
 O meu padrinho Carriano
 e a menina ficaram
 cuidando da casa.
 De manhã lá ia a menina
 retirar as portagens do

do hotel, cortava os pedaços de carne que encontrava na louçagem e guardava. Depois fencia água e despejava na louçagem. O meu padrinho estava em casa. Deixou o trabalho até normalizar a sua vida normalmente.

Observava a menina trabalhar para ver se ela sabia cuidar da casa. Ela pegava uma manineta retirava a gordura, coagulada da louçagem e dizia:

O tio Corriano, está louçagem, o senhor pode dar as peças porque eu já recolhi a gordura. O que é que você faz com esta gordura?

Perguntou, o meu padrinho

preocupado

- Com esta gordura, eu vou fazer a comida. A madrinha fazia assim.

- É aquela carne que você retirou da louçagem.

- Aquela carne, a madrinha cortava, depois picava e refogava com cheiro verde, pimenta e tomate e fazia angú.

É aquele pão duro que você guardou?

- Aquêl pão duro, a madrinha aquecia no leite de cabra deixava no forno e nos comia com café.

É pilona gostoso!

É o dinheiro que eu dou para ela fazer as compras? Ela guardava o dentro de uma lata.

- Onde está a lata?

IMS

A menina conduziu o meu padrinho para o quarto, e pulhou um caixote que estava debaixo da cama, e retirou um saco que estava dentro do caixote e dentro do saco estava uma lata com o dinheiro. O meu padrinho ficou admirado com a quantidade de moedas de dois mil réis e as notas de cinco, dez, cinquenta, cem e duzentos.

Passaram a tarde contando o dinheiro - 13 contos de réis - ficou habismado e pensando!

Com que finalidade ela ajuntou aquele dinheiro - Ela diz que era para construir uma casa com alpendre, para ela

andar pra' lá e pra' cá. O meu padrinho exaltou-se. Ah! Cadeira! Ordinária! Me dava coragem para eu comer! Só para ajuntar dinheiro!

Ela, dexteria ser louca!

- E ela, comia?

- Comia padrinho.

O meu padrinho deu um longo suspiro comentando: Infelizmente, o homem não conhece a sua esposa, profundamente, não sabe com quem se lida.

Há quanto tempo será que estou comendo este tipo de comida!

Que sacrifício tremendo para conseguir uma casa com alpendre, somente para andar, pra' lá e pra' cá.

Quando a minha mãe
soubu cuspiu, e disse
Hum! Ela me convidou
para eu ir alugar, o
picadinho com angu.

Eu estorta sempre lhe
prometendo que via,
mas não tinha tempo.

O meu irmão comentou
O que não mata engorda
com as 13 cantos de réis
O meu padrinho comprou
terras para plantar,
cardeiras. Quinze alqueires
de terras era o seu sonho
concretizado. Mas ele
sanhava em silêncio. Dizia
que o dinheiro não tem
emprego, e o dinheiro
que se gasta comprando
terras, não está empobreci-
ndo, estão enriquecendo.

e contrariar novos múltiplos.
Ouri dizer que ficou rico,
como ele, todos têm um ideal
que é o combustível da
alma.

Naiquel tempo a minha
madrinha poderia construir
a sua casa com alpendre
para ela andar, pra lá
e pra cá.

Quando a minha madrinha
Matilde não tinha nada em
casa para comer ela pegava
um prato de vidro e um garfo,
e ficava de pé na porta
principal de sua casa.

fingindo que estava comendo
e dizendo: faço isto para os
meus vizinhos ver que eu
não passo fome.

porque sempre existe
um vizinho de língua
grande.

A árvore de dinheiro!

Um dia, eu ganhei 2 mil réis uma pratinha mortinha deu-me a minha madrinha Mariinha. Que alegria! pensei... com este dinheiro eu vou comprar um vestido com este dinheiro, vou comprar cinco kilos de carne para a mamãe fazer bifes o kilo de carne custa quatro centos réis.

com este dinheiro, eu vou comprar seis quitas de arroz. O arroz custa trezentos réis o quilo com este dinheiro eu vou comprar dois kilos de manteiga. A manteiga custa um mil réis o kilo.

com este dinheiro, eu vou assistir o filme do Tom Mix. Buck Jones,

Rodolfo Valentino.

Eu vou comprar um pé de arço para mim.

Aquêl dinheiro, afastou a minha tranqüilidade.

Quando vi o meu irmão sair. Olha geramino, eu tenho dois mil réis.

Quando eu tenho dinheiro tenho a impressão de ser importante. Que vaidade que eu sentia interiormente com este dinheiro eu vou ao cinema.

O meu irmão, ficou com inveja e disse-me:

- Olha Bitita porque é que você não planta este dinheiro! dá uma árvore de dinheiro e todos os dias você tem dinheiro para gastar, e comprar doces.

- Oh! Que bom!

Então eu vou arranjar
estêreo para fazer o canteiro.
& Onde é que eu deves
planta-lo?

- Ele indicou-me o local.
Eu nunca vi a árvore
que dá dinheiro. se dar
bastante eu vou encher
um saco.

Tij um buraco e plantei
dizendo: agora eu vou
sentar aqui para ver o
dinheiro nascer.

- Será que o dinheiro nasce
igual a manga?

- O meu irmão disse-me, não
precisa ficar vigiando o
dinheiro, ele vai nascer
amanhã. Vamos brincar
sai a acompanhar, o e
esqueci do dinheiro.
A noite a ^{minha} mãe chegou do ^{trabalho}
dizendo que estava cansada

e não ia fazer tanto por
não ter dinheiro para
comprar tãucinho.

Recorde-me do dinheiro!
e disse-lhe!

Oh! se é por isso não!
porque nós vamos ter dinheiro
todos os dias. A madrinha
Marianha deu-me dois mil
réis e o geronimo mandou
eu planta-lo que nasce um
pe' de dinheiro e eu plantei:
- Eu vou ver se já nasceu.

Minha mãe disse:

- Botinha! Ele te enganou!
Ele mentiu. Não existe
árvore de dinheiro!

- O que é enganar mãe?

- O que é mentir mãe?

O meu irmão saiu
dizendo. Eu desenterei o
seu dinheiro e gastei.
Então eu compreendi o que
era mentir e enganar.

Havia na galiléia uma quadrilha de malfeitores que eram o terror da região. Na quadrilha tinha um jovem magrinho e os ladrões utilizava-o para penetrar nos carros, nas pequenas aberturas nas paredes que eles faziam.

Depois dos roubos eles iam para as tabernas beber, e comêr as finas manjares.

Quando os jovens de poucas recursos estavam passando fome. O secretário do bando começava a insinuar-lhes

que eles deveriam ingressarem na quadrilha que somente pôr intermédio dos roubos, é que eles conseguiriam

repousar-se nas traças da Deusa felicidade. Quando ele notava indelusão nos jovens ameaçava-as.

- Se vocês nos delatar nós, o

mataremos

Os jovens diziam:

- Mas o Rei proíbe os roubos
O secretário respondia:

- Eu sei que o Rei proíbe os roubos, mas ele nos nos auxilia, nós é que temos de viver com ele, temos que pagá-lo pesados tributos. A única coisa que ele visa são os tributos

onerosos demais para o povo.

Quando um Rei é impiedoso, não toma conhecimento se o seu povo sofre. O coração de um Rei, é semelhante a um ovo que você olha, e não vê parte do se quebra-lo.

Tudo que sofrer para a sua área transbordar-se de ouro.

Dota dinheiro aos jovens.

Pedindo-lhes que comprassem roupas decentes. E com aquele dinheiro, adquirido sem esforço

intranquilizava a mente dos
gólems. O dinheiro que é a
chave mágica do globo. Eles
iam comprar comidas, roupas
fiosas e bonés, miúdas. E assim,
eles deixavam de ser farraços
humanos para transformar-se
nos tipos de Catagórios.

É não sendo consideradas como
os tipos inuteis, os escravos
eles iam aceitando as sugestões
dos malfeitores. Compreendendo
que a vida têm duas faces.
Sem o dinheiro, eles não tinham
valor com o dinheiro eles
competiam com os grandes
senhores. O dinheiro, é semelha
nte as varinhas mágicas dos
fados.

No meio dia São Paulo, tagorta
pelos ruas pregando o evangelho
- Que o homem não deve rebelar!
Que Deus, é amigo imparcial

mas do' mais preferências aos
honestos. Os que ganham o seu
pão de cada dia com o suor do
seu rosto. Não devem matar
para roubar. Um homem rico é
que têm valor, porque os homens
necessitam-se uns dos outros.
O golem que penetra nos corpos
para abrir as portas para os
ladrões transitando pelas ruas
meio São Paulo falar. No Deus!
que não aceita os homens maus.
É tinha a impressão que aquelas
palavras lhe eram dirigidas.
Mas, era o efeito da sua consciência
culpada.

O Deus, de São Paulo, criou o
inferno para castigar os que
prejudicam o seu semelhante
O Deus, de São Paulo, criou um
local de gozdos eterno para os bons.
e este local é o paraíso.
O Deus, de São Paulo, ama os

pessoas simples.

É ele ouvindo São Paulo, atrasa-se e não pode, comparecer na reunião com os malfidantes, que lhe trataram-o de "a chorte". Para saber qual seria a residência que eles iam assaltar naquela noite São Paulo dizia:

Os que aceitarem o batismo de João Batista encontram a porta do céu aberta para eles. O batismo é a nossa chave lá no céu.

Quando o jovem ouvisse Paulo falar na chorte, ficou com medo. Será que o Paulo, adininha. Será que o Deus de Paulo, lhe conta tudo?

Será que ele vai saltar dos atos que nós praticamos.

Se nós roubamos durante a noite. Que Deus, é este que tem

o poder de ver nas trevas?

São Paulo convidou as pessoas para batizar-se e arrependem-se dos seus pecados.

Naquela noite não houve roubo e o povo ficou contente e pôde rezar no templo.

Quando o jovem chegou no local das reuniões foi repreendido pelo chefe, que lhe disse: dizendo: que, perdão era apenas, a primeira falta você sabe que você é a nossa chorte.

Esperou que o jovem lhe relatasse o motivo do não comparecimento a reunião.

Ah! Você vai ouvir o Paulo? - pois fique sabendo que se você unir-se com ele, cairá no desagrado do Rei. Você sabe que os Reis preferem perdão os ladrões do que perdão estes tipos com as pretensões de

inculcar retidões na mente humana. Você sabe que o povo preferiu libertar o Barrabás, do que o Cristo. E o Cristo praticou unicamente a caridade, e não teve o direito de viver até o seu último dia.

O Rei não ama estes tipos que são obrigados a viver fugindo. Ocultos nas cavernas.

Eu não creio neste Deus que eles falam. Que é invisível mas é poderoso.

O jovem estava confuso nas suas deduções, passou o dia com os ladrões. Mas, já não tinha aquele entusiasmo para os debates.

A noite recitaram. Durante o dia, o jovem resolveu procurar o Paulo. Aproximou-se e pediu: - Che!

Paulo! Em nome do teu Deus que se chaga nas trevas

peço-te! Batiza-me. São Paulo, fitou o rosto do jovem lentamente e disse: - Che!

pretendo batizar-te quando você regenerar-se. Somente os puras de coração são dignas de serem batizadas, e você ainda está no meio termo. Não sabe se vai para a direita ou se vai para a esquerda.

Quando você quiser dirigir na direção de Deus procura-me.

- Será que o teu Deus concede-me o perdão?

- Ele há de perdão-te. Quando batemas numa porta alguém nem nos retendo. Com o Cristo é a mesma coisa, as que procuram o ~~seu~~ atendidas.

O jovem passou o dia e a noite ouvindo o Paulo pregar.

Quando encontrou com os malfeitores: foi sertamente

repreendido.

Você está nos prejudicando.

Então, não nos faça passar a agir - nós.

- Onde passaste a noite?

- Ouvindo as palavras de Paulo.

Se continuares com ele poderás ser crucificado e terás por alimento as frutas selvagens e o mel silvestres.

O Paulo, disse-me que o homem é mais feliz quando preocupado unicamente com o Espírito.

Que os pecados, pesam na nossa alma como se fossem de chumbo.

E as ladroões saíram.

- Já estás imitando-o. Sendo assim, você vai decidir com quem ficará, conosco, ou com o Paulo.

O João ficou pensativo lutando silenciosamente com a sua resolução. Por fim, disse - Phe.

já decidi. Vou ficar com o Paulo.

- Oh! Murmuraram.

Mas o Paulo te espantará porque ele não aprova os erros.

- Mas, eu não deixo de errar.

Os que aprovam os erros, comprometem suas péssimas qualidades. Eu não fico com o Paulo porque, ele me costuma ensinando-me, e vocês me agradam perdendo-me.

Eu vi as pessoas que nos lhes roubam chamando, e lamentando.

Foi procurar São Paulo, para confessar-lhe e confessar os seus erros pedindo perdão ao Deus de Paulo compreendendo que existem os homens que nos levam para o céu, e existem outros que nos conduzem ao inferno. Bendito é o homem forte de Espírito que nos conduz para as terras do Reino de Deus.

O sócrates Africano

No ano de 1937, o meu avô adoeceu - se. Queixou-se - se que sentia dores nos rins. Mas naquela época a medicina estava no embrião.

Os que adoeciam não tinham possibilidades para prolongarem suas existências. As filhas, reuniram-se procurando, auxiliá-lo, nos fins de sua estadia aqui na terra.

Várias pessoas iam visitar o infêrmo que ficava contente dizendo:

- Se eles vem me visitar, é porque gostam de mim. É que eu soube viver! Não fui mau elemento. Não prejudiquei o próximo. Ele estava fazendo um exame de consciência para ver se descobria algumas falhas para pedir perdão ao nosso Deus se foi injusto. Já que o meu

avô estava morrendo ele era autoridade suprema naquela casa. Quando ele falava, nós ouviamos - o com todo respeito. porque, quando ele falava nós aprendia - mas alguma coisa. Ele não falava banalidades. Ele dizia: É tão bom morrer. Mas eu não tenho permissão para vos relatar o que vejo para não lhes gerar confusões mentais.

Minha mãe dizia que ele estava delirando. tinha momentos que ele ficava quieto, e nós pensavamos - Ele, morreu! E nós os netos que eramos dez invadiamos o quarto gritando - Não more morto! Não more vivo. Se ele estava dormindo despertava e nos dizia: Meus filhos, já fez noite anos que estão dormindo

rôlo de arame para o senhor José Rezende. Aêres. Che trinta mil réis. Você paga - o para mim. O homem, deve ser honesto!

Quando o varão silenciou - se o meu tio Antônio agendou uma vela e pegou um crucifixo, e pôs nas mãos do varão. Ele abriu os olhos e nos disse: Quando a minha mãe morreu, eu, sou o seu filho mais novo. Sou o caculo. Pus a vela nas suas mãos e agora, o Antônio que é o meu caculo põe a vela nas minhas mãos.

Um filho, não deve auxiliar o seu pai morrer. Eu fui tudo que fomos pagando eu era menino, queria brincar com os meus primos que eu não os conhecia

porque eles eram da roça. E queria ficar perto do varão para ouvir-lo falar.

Os homens ricos iam visitá-los, e ficavam horas e horas ouvindo-o. E saíam dizendo: Foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, ele seria o homem. Que preto inteligente se este preto soubesse ler poderia ser o nosso Sócrates Africano. Mas o Rui Barbosa pôs uma lei no Senado pedindo para incluir os negros nas escolas porque vai ser difícil uma classe culta, e outra inculta senão vai gerar confusões, choques ideológicos. O analfabeto vai ser apenas um estúpido. Não aceitará as observações se for admitido como empregado

a sua cooperação e participação é mínimo. Agora se elle for alfabetizado a sua cooperação será a máxima. O Rui Barbosa dizia; que era e é preciso educar e esclarecer e, as predominantes.

Ele, sendo instruido há de querer instruir os seus compatriotas.

Um empregado bem instruido, poderá substituir o patrão nas cosas de emergência.

O, Dr. Maldo Cruz, também dizia; que temos que preparar os nossos homens e não importar os homens preparados. Antegamente o homem para educar-se tinha que ir para Coimbra. Então educa-se

uma menina, quando, e o dever da pátria, educar a moçorra.

Era assim, depois que elles ouviam o Voto tinham algo para falar reprovando as discriminações.

Éra necessário uma modificação social. Os homens que iam visita-lo eram o, Sr. Manuel Soares, O Sr. José da Cunha, O Sr. José Afonso. O Sr. Manuel Rodrigues. Eram os homens que liam o jornal, O Estado de São Paulo, e sabiam o que occorria no mundo.

Com os ricos espalhando o buço que o voto era intelligentissimo, duplicam as visitas todos queriam ouvir o voto falar. e elle estava prolo. Estava

manendo, ia deixar este
mundo para sempre.

Os meus tias diziam:

Ohá nunca apanhamos.

Ele, era bonzinho.

Os filhas não haviam

herdado nem um terço

da inteligência do morto.

A minha mãe era a única

que poderia herdar o

repto intelectual do morto

mas a minha mãe não

aprendeu a ler.

Enquanto o português

predominou no Brasil, o

negro foi tolhido.

As escolas não aceitavam

os pretos, Mas o Rui Barbosa

dizia que eles agindo

assim implantaria o

preconceito racial no

Brasil. Que um país com

preconceito, é um país

de raças mediocres.

O Rui Barbosa, dizia que

deteriam conservar o negro

na lavoura que o Brasil

deteria e dele ser apenas

um país agrícola.

Que é a agricultura que

enriquece um país. Quando

O Rui, disse que o Brasil

de' o trigo, foi criticado

e os portugueses apelidaram

O Rui, de "O, Ou sabe tudo"

porque o Rui, dizia, que

os portugueses amaram o

Brasil somente quando

tinham o braço gratuito

para trabalhar e enri-

queceram. Mas que após a

libertação dos escravos

elles abandonaram as

fazendas, infiltraram-se

no comércio. Que o braço

português na lavoura é

MS

contrário produtivo. Era uma
 confusão tremendo ao
 redor da cozinha do varão
 era quatro águas, mas
 coerente com capim. Só
 os ricos é quem podiam
 ter casas cobertas com
 as telhas. Os ricos iam
 visito - lo porque comprem
 dia - o, as analpabetas
 iam pãr curiosidades
 Mas aqueles visitos
 deiscoria - o felicissimmo
 elle dizio rellando
 verdade! Os brancos e
 os pretos vem me visitar
 e a compreensão que já
 vem chegando e as raças
 que estão unindo - se.

Não que a amanhã houverá
 mais luz e mais compreen
 são, estão não houverá
 desidia. O ponto atão

deixando de olhar a can
 e Olhara' apenas as
 qualidades. Enquanto vivi
 procurei e esperei - me
 para ser um bom homem.
 e estas visitas que recebem
 e o camproante que elles
 me comprehendem.

- E eu pergunto: O que sera' o
 Socrates Africano?

Sera' que elles estão extinguindo
 o varão?

O varão é bom, não fez mal a
 ninguém. Quando nasce
 alguém, elle é quem reza o
 três. Quando não chove, elle
 reza para chover. Elle diz
 que a reza, é o modo das
 homens conversar com
 Deus.

Sui perguntar a minha mãe
 - Mãe! O que é Socrates?
 Minha mãe estava neivosa

respondeu-me:

Vai andar outro; vagabundo!
 pensei; ela não quer me
 explicar, mas um dia hei de
 saber o que é Sócrates
 porque tudo que eu presen-
 tia e não compreendia
 eu guardava dentro do
 meu coqueço para escla-
 recer posteriormente.

Compreendi que deveria
 amarrar as ocorrências
 no meu coqueço. A minha
 coqueço têm que ser, seme-
 lhante á um cóque.

O novo chande a Sismarica
 a mulher que convivia
 com elle e disse-lhe:

— Marica! Já completou
 doze annos que você convive
 comigo. Eu tirei apenas
 duas mulheres no meu
 vida. A minha esposa, e

você.

— Nestes doze annos que você
 conviveu-se comigo, você
 me respeitou. Se agradeço
 a tranquillidade que me
 proporcionaste. Me auxiliou
 a viver porque cuidava de
 mim. — Os profetas diziam;
 que, se uma mulher convive
 com um homem sete annos
 elle, tem o dever de desposá-la.

— Se a senhora não tiver nojo
 de um homem prestes a ser
 um defunto; eu peço-a;

— Quer casar-se comigo?
 Sismarica, baniu, esibin-
 do os seus dentes tranquillissimos
 — pois não senhor Benedicto.

O proger é todo meu. Porque
 sempre fui o meu sonho ser
 a sua esposa. Mas esposa
 legítima. Creio que lhe deo
 inúmeras obrigações. IMS

O senhor faz o meu protetor
nêstes dias que vivi nêste
mundo. Eu vou sentir muitas
falta do senhor e também
muitas saudades.

O varão reuniu os filhos e
os netos para dizer - lhes
que ia casar - se com a
Siamarica. E o casamento
terio que ser realizado logo
porque elle poderia morrer
a qualquer momento.

Minha mãe foi procurar o
padre Pedro, para casá - los
e os comentários dominou a
cidade

Então eles não são casados?
Mas a Siamarica é tão
peúna. Não dança. Não sai
de casa. é uma mulher com
noção de responsabilidade
e tão sensata!

A Siamarica, vestiu o

vestido novo penteou os
cabelos e colou os chinelos
de veludo e perfumou - se
Quando o padre colocou as
mãos cada uma das do seu avô
nas mãos da Siamarica, ela
chorou. O padre confessou - o
casou - e deu ^{lhe} a extrema
unção.

O varão disse: graças a Deus,
já estou preparado para
deixar o mundo. pediu: Se
eu morrer, não esqueçam
de colocar este rosário
nas minhas mãos. foi de
minha mãe. Quero leva - lo
para ela. Elle olhou a
Siamarica e disse - lhe:
Sempre gostei de olhar o seu
rôsto. E o nôto da minha
namorada. e agora a minha
esposa. Que casamento confuso
é o nosso, porque é de proje

que os que se casam impõem
deus uma viagem de lua de
mel, mas no nosso casamento
eu vou viajar sozinho.

Vou viajar para a eterni-
dade. O que será que estará
a minha espera do outro
lado. Não adianta ter medo
de morrer porque temos
que morrer mesmo.

O mundo, não é nosso. O
homem passa por aqui.

Siamonila chorava
dizendo: é tão que sou a
simila minha que se casa,
sabendo que daqui uns
dias vai ficar viúva.

Vou ter que usar o vestido
preto.

O noivo pediu: não é preciso
vestir o luto. O luto está e
na alma, na saudade e
no coração.

Uns dormiam, outros ficavam
acordados vigiando o navio.
Quando ele disse: que
desejava verter o meu tio
Joaquim, que estava desap-
arecido, há vários anos.
Que luta! Mas, que desejava
mas, satisfazer. Lhe todas
as desejos, ficamos apas-
radas. por não saber onde
é que poderíamos localizar
o tio Joaquim - O "Siolem"
Mas, uma vizinha, por
nome Dna Maria tremel -
tremel. por causa de suas
mãos que tremiam,
diariamente, mas disse:
que tinha possibilidade
para fazer o Siolem aparecer.

Que deveríamos comprar uma
Peneira Virgem, uma toalha virgem
e um maço de velas para ela
responder com o Santo Antônio.

que no prazo de sete dias, não iam saber noticias do Ticken e o navio nos pediam para não raulhar que nossa familia nos tem ladrões que o homem pobre que raulha se empolga muito mais. O ladrão é renegado na sociedade que elles são impiedoso. Que o ladrão é um vagabundo que tem preguiça de trabalhar. Que deveriamos adotar a honestidade como o nosso Brasil. Os pretos analfabetos que iam visitá-lo saiam dizendo: Somente os homens que sabem ler, é que podem compreender as palavras do senhor Benedito. Todas as dias circulavam um boato - O senhor Benedito, morreu! É a casa superlotada. Se os que iam visitá-lo, deixavam dinheiro para nos auxiliar nos gastos.

Eu pedio; rezava, implorando ao bom Deus, para não deixar o navio morrer. Mas elle já estava bem velho, de tanto e dois annos. Quando completou os sete dias que a Ona Maria Treme-treme, nos havia dito, chegou uma carta de São Paulo. - Era do meu tio. O Ticken. Nos relatando que havia sonhado com o navio que estava despedindo-se d'elle, dizendo-lhe que ia emprender uma viagem, que é uma viagem que todos haverão de ir um dia. Elle não sabia explicar se era um sonho, ou se havia visto mesmo o navio. Não comprehendia, porque no sonho o navio era novo, bem jovem. Que elle, não poderia ir visitá-lo porque estava na punitenciaría. Os tios, commentavam: Estão o mano Joaquim, está lá em São Paulo!

Eu logo sei que elle ia longe.
 Não é idiota igual - a nós
 Elle tem coragem de enfrentar o
 mundo. Eu avari dizer que lá
 em São Paulo todas arranjam
 serviço. Que os pobres e os ricos
 se confundem nos troços.

O homem que não trabalhar lá
 em São Paulo, é porque, é de lá
 mesmo.

São Paulo, é um Estado, que dá
 condição ao seu povo para viver.
 Não se vê paulistas andarilhos
 Os homens ricos de São Paulo,
 fazem fábricas para os pobres
 trabalharem... São Paulo, é
 semelhante a uma gaiola que
 prende o seu próprio povo.

O único Estado do Brasil, que
 é pai dos seus filhos, é o
 Estado de São Paulo. Dizem que
 todas as cidades do Estado de
 São Paulo, são coloadas

já as outras Estados, Minas, Goiás
 Espírito Santo, Maranhão, Estado do Rio
 São as Estados madras.

Não vê os nossos mineiros ricos...
 ainda têm as mentalidades atrasa-
 das, que guardam o dinheiro
 dentro do colchão.

Já o paulista quando o seu dinhei-
 ro nos bancos para render juros
 O Estado de Minas, tem somente a
 fama de rico. Mas, é uma riqueza
 que nós não vemos. Não é visível
 é uma riqueza fantasma.

é uma riqueza cannonzinha
 - Era uma vez, um Estado rico!
 Creio que todos os Estados do Brasil
 só ficarão adiantado, quando
 utilizarem São Paulo, como o seu
 figurino.

Os tias faziam projetos. Depois que
 o papai morreu, eu vou para o
 Estado de São Paulo, e o mano
 Joaquim arranja serviço para

min, na penitenciária.

Tãram procura a Lina. Uma preta que sabia ler. Ela, deu a carta para o varão ouvir.

O meu tio Lindinho, era o mais faladão. O relação pública da família resolveu consolar o meu avô — dizendo:

— O senhor pode ficar tranquilo porque, o Siskem, está muito bem lá em São Paulo. Ele, é muito inteligente, está empregado na Penitenciária.

O meu avô, disse — nós.

— Vocês estão enganados. Ele está bem mal. A Penitenciária é o local onde ficam os criminosos. Cãitado do meu filho!

Oh! Exclamando, e cada um interrogava a si próprio:

— O que será que ele fez?

E começaram a falar nas péssimas qualidades do meu tio

Quando o varão falava ninguém lhe contradizia, nem os doutores. Tãram compreendido que a mulher sabia responder mesmo.

Já estava bem velha. e ninguém procurou aprender com ela, como é que responde. Eu ficava sentada ao lado do meu avô.

Lianorica não deixava o varão sozinho acariciando suas barbas e os cabelos dizendo-lhe:

— O senhor é tão bonito!

E o varão dizia Hum... Hum... Mas, não sabia. quando as ris deia elle desmaiava.

Quando lhe diziam:

— Sr. Benedito, porque é que o senhor não procura um curandeiro isto no senhor pode ser pêtico.

Respondia:

— Eu não creio no curandeiro. E os meus órgãos que já estão fracos E já é hora d'êste relógio.

chamado, Cáraxo Parar.

Dia 27 de agosto de 1927, o meu avô faleceu. Eu ficava olhando o seu corpo gelado dentro do esquife. Já sabia que não mais ia vê-lo. Olhava os seus lábios finos o seu nariz afilado e a testa larga. Tái o preto mais bonito que já vi até hoje.

Mais lertamos o cadáver á pé até ao cemitério. Quando eles colocaram o esquife na sepultura eu zurei que houvesse de saber o que era ser, o Sócrates Africano. porque eu não queria que ele tivesse um nome impróprio, para a sua pessoa. Ele não devia a ninguém.

Nunca foi preso. Não brigava. Não bebia. Dizia que o homem deve estar sempre normal, para saber conduzir-se.

Era o meu dever defendê-lo, porque o varão plantou laranjas para nos criar. Ele não comprava roupas novas. usava as roupas velhas que ganhava dos ricos. guardava o dinheiro para comprar remédios para as netas. para mim, ele comprava um remédio para verme. O tiro certo. Que remédio ruim.

Ele plantou pés de laranjas. Nos lertava para estar gabriotas. articum, pitango, ystoko' e o Veludo. cantava estórias para nós. Pensava; o varão sim! Ele, é que é Um Homem. só depois que criou as filhas é que morreu.

Eu odiava o senhor José Afonso. não pôde dizer que o varão seria o Sócrates Africano, se soubesse ler. Mas, não podia-xingar-lo. porque, ele, era o presidente de Sacramento

e as que Xingouan o presidente
com presos, e apunhouam...
Pensava; se o navô fôrse branco
e não o senhor José Afonso
havia de considerá-lo. Mas o
Navô era preto, e o preto não é
o dono do mundo. E fui falar com
a minha mãe.

Mamãe! porque é que Deus,
não pôs diversos mundos e
poderia dar um mundo só para
os pretos, outro para os brancos
e outro para os amarelos.

porque, viver, os pretos, os
brancos e os amarelos num
só mundo. Quando aprendi a
ler procurei saber o que era
Sócrates. E deseei de odiar o
Sr. José Afonso.

É o meu tio que estava na
penitenciária, não procuramos
saber o que elle havia praticado

Fiquei feliz em saber que o meu
avô não era ilibado. O seu nome
Benedito José da Silva.

E tenho o orgulho de acrescentar
que elle foi, o Sócrates, analfabeto.
Era impressionante, a sapiência
daquêle homem.

Eu tinha a impressão, que o
meu illustre avô, era semelh-
ante a uma pita, unido
a família como se fôrse
um bouquet de flores.
Não havia desidências
predominante á união.
Enquanto o navô esteve
vivo, a sua casa parecia
uma assembleia onde os
predominadores discutiam
as folhas do nosso povo.
Se naquela época, a nossa
população era, a maioria
analfabeto. É a maioria
alfabetizada. Era um povo
sem luz mental.

A interferência fatal

Era um domingo; Minha mãe
 tem vestida, nos conduzia
 pelas ruas da cidade.

Quando eu estava em
 Sacramento a cidadezinha
 tinha somente dez ruas
 Mas, não era calçadas.
 Que luta para viver nas
 cidades pequenas que é, a
 succursal do purgatório.

Stão havia serviços.

As remunerações eram
 insubstituíveis.

Tramés para a nossa casa
 quando vinha um casal
 brigando - O espáso desta
 na esposa. Jogando-a no
 chão e pisando-lhe.

Enas que eu já estava
 falta de presença-las.

Enas que inúteis que
 não proporcionam instru-
 ções. porque eram

violentos demais. Era as
 lutas atagônicas do mínimo
 e do máximo.

Os briguentos, eram prítos.
 O Tidencio e a sua esposa.
 Manic. Ele era triste porque
 os seus filhas eram infelizes
 A briga, era por infidelidade
 A minha mãe foi separado. Os
 seguiu o homem, e a mulher
 fugiu.

Ele seguiu a minha mãe
 e continuou espancando-a
 pizou - che no rosto. Estava
 furioso como se fosse um
 animal ferido.

O povo sabia porque a era
 pai humorístico.

Qualquer obarência que
 havia, as primeiras a chegar
 eram as policiais como se
 estivessem recebendo uma
 mensagem, telepática. IMS

e com pouquíssima
instrução, era o rei, ou
racha. E os que sabia
soletrar o *le-a-leo*
eram promovidas.

E ostentavam aquelas,
dirtisas com enfase.

A minha mãe e o Fidêncio
foram presos. Naquella época
somente as poltras e quem
iam presos.

As ricas tinham suas
inimidades. O seu sabão
conduto, o seu Hortes
Carpós — O diuheiro
— O delegado disse — he!

O senhor não sabe que não
se mate nos mulheres?

— Ele respondeu — he!

Quando, uma mulher, a
Ceciana, derlmas matou-la
E' honroso para um
homem, casar-se com uma

mulher sem preparo, que
não quer reconhecer os seus
deveres. Ela, já é novo.
tem que respeitar, os netos.
as genras, e principalmente
eu... que sou o seu esposo.
Quando uma mulher ver que
não tem pudor para honrar
um homem, não deve casar-
se.

Já completou vinte anos
que sou casado. E agora
ela, quer ser radia. Não
admito, e não aceito estes
meus presas.

Com o gemido de minha mãe
o delegado voltou-se para
ela.

Olha, como deixaste a tua
esposa. Você podia matar-la.
Côtado isto ensanguentado
— Ele olhou a minha mãe e
disse: Ah, está mulher,

não é a unha espôsa
e pediu desculpas a minha
mãe que ficou dois meses
com o braço enfiado
Quando ela genio, eu
e o meu irmão saíamos
Ela não mais interferiu-se
nas brigas das coisas
Reconhecendo que a
interferência pode ser!
fatal.

"Minha irmã"

Meu irmão, e eu, eramos
pequenos. Não turbamos
o conhecimento para anoti-
var o que é que ia
ocorrer na nossa vida
familiar. Uma manhã nos
alardamos com uma
novidade em casa.
Havia nascido uma menina
e esta menina era nossa

irmã que a legonha havia
deixado. - Ao que a menina
estorta muito. Em carne viva
como se estivesse sido assada
O meu irmão foi ver a
menina e saiu correndo,
assustado como se estivesse
visto um fantasma. Ele dizia:
Credo! & cuspiu.

Eu também fui ver, porque
era muito curioso e podia
até, ser classificada de a-
secretaria, da curiosidade
& as pessoas que iam visitar
a minha mãe e ver a menina
saíam riamando & dizendo
Que coisa horrível!
Eu, nunca vi coisa igual.
& o fim do mundo!
& a notícia circulou que a
menina havia nascido pôdre
Minha mãe quisera: que
havia levado muitos raios

pezados colchos de lãns.
Os que fãron ver a menina
passaram varios dias sem
comêr. Eu tãha do' da menina
que nãtê hãvãel.

Minha mãe dizia que ela
ainda não tinha noção da
dãr. Que os que nascem e
nãrrem sem conhecer as
atribulações da vida e'
que são felizes. Que o mundo
para uns, e' semelhante a
uma arena ds fãntes.
dominam ds procos.

Que a polatra - vida.
Simboliza - sofrimento.

Minha tia geronymo residia
na roça. Ela, o esposo e doze
filhos. Nenhum d'elles solia
ler. pensei em ir viver
com a minha tia para
ensinar os meus primos
ler e escrever, para mi
o saber ler e um fato primã
dial, na vida do homem.
No interior o unico meio de
locomocão e' as que te corrola
uogam a - corrola, os que
não as tã, uogam a - pe'
& eu fui visitar a casa de
minha tia a - pe'.

Que porã quando ela nos
viu. Começau a cochichar
folando consigo mesma,
em voz baixa. Como se
estivesse rezando
Meu Deus! Eu não posso
receber visitas!

Meu Deus. Eu não tenho

MS

canos para eles dormirem
Não tinha cabentes.

Eles dormiam no meio dos
capins como os animais.
Não tinham agorolhos
andavam descolços..

Minha tia queria sorte - se
eu sei fiar. Mas não tinha
sementes de algodão para
plantar, mesmo que nós
plantássemos o algodão
não tinha a rola para
fiar, e não tinha o tear
para teêr os fios.

Que simplicio para prep-
arar as refeições. Eles
tinham apenas uma panela.
Minha tia deperteria as
três horas e punha o feijão
cozinhar. Com o fogo intenso.
Quando o feijão cozinhava
ela temperava-o e despejo-
va-o numa gamela.

Lavava a panela - e refogava
a, a carne, e despejava -
na outra gamela preparava
a palenta, 'o angui', e
despejava na outra gamela.
Por fim preparava a carne
que era carne de caça
tati, copirtara, tllere
e deado e o caeteti
tinha muita carne de caça.
Havia uma moenda para
moer a cana. e utilizava
a panela para preparar a
rapadura. e fazer doces
de manão. Quando eles
não tinham almofar almofar
nas cucas e as pedras
de pau substituíam as
colheres.

Que honra a panela
era a minha tia, porque as
filhas podiam que-
tudo a panela!
MS

era a recomendação insistente de minha tia. Que poltrona! O meu sonho era poder dar umas panelas a minha tia para sua usança, lhe um panquinho a sua luta. Mas eu não tinha condições. Estava doente. Compreendi que eles não tinham tranquilidades para aprender a ler. E com aquela vida humilde eles não iam sofrerem por causa do desconforto. Quem me deu! Tê bastante panelas para eu ler. Quando eu vou na foge de filo olhando as panelas da patrão, parecem pratos. De noite quando durmo, sonho que aqueles panelas são minhas. 14 pessoas, e uma panela. E a poltrona tã varias folhas.

Tempos depois eu soube que as filhas da minha tia, estavam morrendo. Naquele mesmo dia deixamos a casa de minha tia. O local que elles dâniom não era cama. Era um ninho. Aquêles contactos com os meus parentes me atenuizava e eu ia comprehendendo que deveria deixar o Estado de Minas, e procurar outras plagas promissoras. Quando a minha tia ia na cidade cotorta as loterias de sardinhas, e outras lotes dizendo que era para tomar chi. Quando ela visitava a nossa casa dizia: pucha - vocês são ricos! Vocês tã camas. Mas as nossas cobertas eram os saes de estôjas. Recheiadas com pães

Minha tia dizia; eu não gosto
de ser pobre. Mas mesmo
que eu seja o ano todo,
não consigo ficar rica.

Eu queria comprar panelas
um colchão e uma cadeira
para tomar banho.

O tio Jorge, fazia os pães
de pau com um canivete
Na parede havia uma
cruz que ele fez e pediu
ao padre para benzê-la.
A casa era barreada
cheia de barbeiros.

Para mim, aquela casa
era a succursal do
presépio de Belém.

Cristo alertou quando
dissi: Pobres, vocês sempre
terão. E as filhas da
minha tia foram mandando
Melhar assim. Porque o
mundo, foi hostil para eles.

Eu estava tomando
lancheimento das lutas
que tens que enfrentar
para viver. que achava
que a morte as vezes é
já adrogada dos infantes.
Ela vem para nos dar um
descanso nas desligar dos
bens materiais que nos
aprisionam neste mundo.
Como deveriam sofrer as
doze filhas de minha tia
que eram analfabetas.
E o analfabeto não tem
competência, para disputar
e nem desejar, o seu mundo,
é ocluso.

O meu tio Joaquim, era o mais bravo da família e naquele tempo, o homem bravo, era temido.

Era o penúltimo filho, e obrigava as irmãs mais velhas obedecer-lhe. Até a minha mãe que criava-o após a morte de minha avó era obrigada a pedir-lhe!

- Atenção Joaquim!
- Deus lhe atenção!

O meu avô dava risada porque nem ele escutava atenção dos filhos.

O meu tio Joaquim não sabia ler. Ele empregava a força para impor autoridades. Era a violência. E batia. Mas, quando batia em alguém era com tanta energia que as pessoas que ele espancava ou lhe obedeciam

ou desobedeciam da cidade. Ele vivia maritalmente com a minha madrinha de batismo. Ela, era branca.

É o porco murmuroso; Onde é que vai se viu preto com branco. É os homens brancos xingarão; É o açúcar com o café. É o café com leite. É o mosquito no leite.

Eu não apuro estas uniões. Creí com creí, e lê com lê. E as mulheres pretas quando viam o meu tio posseando de troços-dodo com a minha madrinha, diziam;

- Olham o mosquito no leite!

Olham o mosquito no leite!

O meu tio dizia que; os homens ignorantes é que são os racistas que o homem têm que viver com uma mulher amável. Ele não

superiores as mulheres masculinizados, que elles são atagónicos.

Um domingo, a minha mãe pintou o rosto; pôde arroz camim, cravos, e o botou e foi passear. Encontrou-se com o meu tio, que obrigou-a voltar para casa e lavar o rosto.

- Nós ainda não estamos na época do carnaval.

Ela obedeceu-lhe em silêncio.

Quando elle ausentou-se ella xingou-o

disprezando de ter criado este cochano! já estou cansado das suas imposições.

Elle respeitava só o novo. Quando pediu a elle, trouxe o chapéu, e beijou

-lhe as mãos. Depois que o novo retirou é que elle cobrou o chapéu na presença do novo. Era o unico que não bebia alcohol.

Não usava a policia não lhe conhecia.

Era camoleiro. Obrigava o meu irmão á, quia os leis. Mas elle não gostava de levantar-se cedo.

Os quatro horas o meu tio já estava preparando-se para ir para o trabalho.

Elle ia despertá-lo com a sua voz estentaria.

O meu irmão suplicante!
- Mãe! Fala para elle, que eu estou com dor de
Dormido! Fala que eu estou com dor de dente, Fala para elle que eu quebrei

uma pena. Que pena!
 ter que levantar-me.
 porque a cama está quente
 lá. — fala mamãe!

Minha mãe decidia
 — Ele não pode ir! Está con-
 dar de auritido.

O meu tio que trouxe a pasta
 entrou com o Xicote na
 mão. e nós douam Xicotados
 gritando furiosamente

— Você está doente?

— Tome o remédio!

Não gosto de homem preguiçoso.
 O homem preguiçoso é
 um perigo para a família
 para a sociedade, e para
 o país.

Eu já notei que você é
 preguiçoso. Calhoro! Ou
 você aprende a trabalhar,
 ou eu te mato.

O Brasil não deve ser um

país de ociosos dos nossos
 tempos precisam de braços
 O governo tem que reclamar
 ao braço imigrante porque o
 o braço do país é um braço
 inútil. Mas, o homem é assim
 mesmo, se convidá-lo para
 uma patiscada não é
 necessário insistir.

Mas, se convidá-lo para
 o trabalho ele arranja
 estas doenças: Sinusite
 Branquite, e prequicite.
 Darta umas Xicotados
 no meu irmão.

Na terceira Xicotado o
 meu irmão pulava a
 janela arrastando as
 cobertas e chorando.

Minha mãe reclamava.
 Você não é meu pai, e
 nem meu marido.

Ele darta — che uma Xicotado

ela silenciosa definitivamente
O Xicote era autoridade
Eu dorça risado.

Ele me dorça uma Xicote da
dizendo:

Isso é para você aprender
a me respeitar Eu não sou
palhaço para você rir-se
de mim.

Quando ele distanciar
minha mãe pergunta e
abre a porta. Poderia a
casa para ver se ele
está oculto nas orelhas
do. Certificando que ele
não está por ali

Xingando-o.

Aquela cachorro! Eu
limpei o "R" dele.

O meu irmão deediu

perguntar-se, assim que
ouviu os passos do meu
tio. Das situações, ele

pagava-o. Trocava o dinheiro
em moedas e enchia as
mãos do meu irmão
e dizia: Ele, é muito
preguiçoso. Eu pago-o com
dinheiro trocado para,
estimulá-lo ao trabalho.
Quem sabe se o dinheiro, tem
mais força do que as minhas
palavras e as minhas
Xicotadas. E eu, não gosto de
espancar! Mas todas as
famílias tem que ter um chefe
energético. Mas o papai é tão
calmo. Creio que devemos
ser calmo com os que
compreendem.

O meu irmão colocava as
moedas nas bolsos e sorria
dizendo:

Eu, estou rico! Estou rico!
Eu fico com a riqueza. e
pensava que deveria ter

nascido homem para ficar
rico. E me xingava.

Sui tãlo! fui idiota!
porque é que eu não
nasci homem...

O meu tio dizia: O homem
para ganhar muito dinheiro
tem que ser trabalhador
e ganhar o dinheiro com
honestidade..

Eu repetia mentalmente.
Honestidade.. O meu tio
comprava gêneros alimentí-
cios, tãicinho, carne,
macarrão, e pinga. e
dizia para a minha
madrinha. Você prepara
o almoço. Depois você
pode beber a sua
cachaca.

Ela bebia a cachaca
em xingaria - se e
deixava os cães comer

a carne e o tãicinho.
Não preparava a refeição
As mulheres pretas dizia!

- Bem - feito! Arranja mulher
branca. Mulher branca não
presta. O meu tio espancava
a minha madrinha que
estava super - alcoolizada
estendida no solo. Dava a
impressão que ele estava
espancando um cadáver.

- Mas, quem é que a sorte
interferir, se?

Quando ela normalizava-
se, estava com um braço
quebrado. E começava a
gemer. e chorar.

Eu pensava: Sem mulher
que diz que o homem é
tãom.

Que bondade pode ter o
homem, se ele mata e
espanca cruelmente

Quando eu crescer, eu não
o homem. prefiro mulher
sôzinha.

Ela agitou o braço
ferido num lenço que
amarrava - o no
peço, depois continua
a fazer o meu tio
dizendo para mim.
era um enigma.

Ele dizia comigo mesma.
Credo. Eles, não têm,
vergonha. Eu era inciente
desconhecia atreço
sexual que é a adu-
gado das coisas.

Mos a minha idade
não me auxiliava a
compreender que o
meu tio estorta com a
roção. As que ficavam
condados iam relatar
aos policiais que o meu tio

homem espancado a minha
madrinha - Quando, os policiais
chegavam ela defendia - o

- Ele, é um santo. É o melhor
homem que existe neste mundo.
Ele não vai preso! Eu já tenho
um lugar apropriado para
prende-lo. Ele, merece uma
mulher melhor do que eu.

O meu tio dizia: eu, saís de
manhã para trabalhar, quando
volto, encontro a mulher,
bebada, caída pã cima do
braço. Se o braço está quebrado
não sou eu, o responsável.

O meu tio exibiu suas mãos
calçadas que era o único
documento de um homem.
Os policiais pediam desculpas
ao meu tio, e retiraram - se
Eles fecharam a porta iam
deitar - se.

O meu tio compra moedas

ela quânto - os para fazer as replicações. Nunca vi a minha madrinha costurar roupa. Ela sabia fazer crochê muito bem. Quis ensinar-me, não aprendi trançar as linhas desisti. Ela foi casada com um preto pãr nome Pleides que abandonou-a.

Não teve filhas pãr não ter as menstruações, ndumaiz tinha as menstruações duas vèzes ao ano. Era uma mulher anoreta. Uma cãr indefinido. Quando rãria tinha a aparência de um esqueleto.

Eu aurtia, e via estas compurações que ficavam, acondicionadas na minha mente, como se fãssen roupa dobradas dentro de um armário

O cãrpo humano derte ser assim mesmo. - pensaria. Mas o meu tio cansou - se de viver com a minha madrinha que era uma mulher abstrata com relação a vida, tão diferente da minha mãe, que imitava as abelhas, e as fãrnigas que se locomovem de um lado para outro.

Minha mãe cogitava e costurava as roupas, pãr mais que eu olhasse não podia defini-la. Não era ararentã. Mas no setãr domestico, não correspondia cãitãdo do meu tio. Percebi que ãlle queria nos auxiliar. Desespero que ãlle fãsse feliz na seu empreendimento. requisitar a nossa familia. Mas eramos analfãbetos não tinhamos nãtel intelectual fãrnado para compreender-lo.

Ele não era relaxado.
 Notando a dificuldade, desapareceu-se de Sacramento, que é uma cidade que não oferece um futuro promissor aos seus filhos.

Ele compreendeu que merecia uma boa mulher. Comprou tudo em proporções. Era uma compra inútil. O meu irmão revoltou-se: "Dizia: Eu não preciso trabalhar!"

Eu não preciso trabalhar tão cedo!!
 E portanto as onze horas ia aquele-se ao sol. Eu pensava: Meu Deus! Os pretos precisam ser mais esforçados. Precisam ser mais dinâmicos para fazer casas de tijolos e não acomodarem dentro destes quartinhos recobertos com capins.

Apesar do meu tio ser verde, eu senti saudades d'ele. Era um homem honesto e os anos...
 foram passando.

O que me preocupava era a luta que nós os negros encontramos para avançar trabalhos. Os que tinham mais possibilidades para avançar empregos eram os que sabiam ler. Quando um negro sabia ler, "Pronto, Era um astro para a raça. Era comentado, e tratado como se fosse um doutor. Mas havia os negros malandros que para impressionar os outros fingiam que sabiam ler.

Solitando, o B-a-Bá.

Quando circulava o boato de um roubo, os negros desapareciam porque eles eram os suspeitos. E as polícias nos prendiam.

Quantas vezes eu ouvia as mães dizer: Negros, Padrões! Negros, Ordinários! e os negros apavoram. Minha mãe ficava me olhando e suplicando-me para não interferir. Eles diziam. Não fômos nós

Eu notorta os seus olhares tristes
 e ficava com dó. Apenas dó.
 porque, não havia solução.
 Eu sabia que era negra pã
 causa das meninas brancas, quando
 brigavam comigo. diziam!
 Neguinha fidiada! Neguinha fidiada.
 Mas se eu espancasse aquela
 menina eu ia preso. porque ela
 tinha tudo ao seu favor. O car, o
 dinheiro, e era a filha do coronel
 qualquer coisa. Minha avó dizia
 eles são semelhantes aos espíritos
 nascem com as pontas.
 Porque é que o mundo há de ser
 assim. Eu não compreendia mas
 achava tudo tão confuso.
 pã causa das meninas brancas
 criticarem o nosso cabelo
 cabelo duro! cabelo pilchaim!
 Eu lutava para fazer os meus
 cabelos crescerem. Era uma luta
 inútil

O negro é filho de malaco.
 Que vontade de jogar pedras.
 Minha mãe dizia que não devemos
 devolver as ofensas, com ofensas.
 O Marto dizia que as diferenças
 de pretos e brancos, ia acabar.
 Que o mundo ia modificar. se
 para melhor. Quando as honras
 tiverem mais estudos eles vão
 unir. se, e horterá fraternidade.
 O meu prayer era ver uma menina
 branca suplicar. me! Bitita,
 atira uma pedra naquela manga
 para mim! Eu tinha alito. Era só
 jogar e acertar. Pensava!
 mesmo sendo preto tenho alguma
 utilidade.
 Com os pretos velhos eles não mexia
 porque eles diziam que conheciam
 um homem que vivia no ^{phome} e sabiam onde era a casa da
 mula se cobêça que iam mandar
 o saay procurá-los, para jogá-los

na fogueira. Tui o único jeito
que as pretas velhas arranjaram
para ter sossego.

De nossa casa já estava com o capin
pôdre. Que luta para a minha mãe
arranjar vinte mil réis para
comprar um carro cheio e pagar
um homem para colocá-lo no nosso
ranchinho. O sonho de minha mãe
era ter uma casa de telha.

Os negres em ficava triste. Negro
pra qui, negro pra lá; e Deus?
gosta mais dos brancos do que
das pretas? Os brancos têm as
suas coisas cobertas com telhas

Se Deus não gosta de nós
porque é que nos fez nascer.
Tui procurar a minha mãe:

De senhorá pode me dar o end-
ereço de Deus?

Ela estava ventosa deu-me
uns tapas, tiquei bandejado

Será que a minha mãe não vê

a luta dos negres: só eu?

Se ela me desse o endereço de
Deus, eu ia falar-lhe para elle
dar um mundo só para os pretos.
Ela explicou-me que os pretos eram
ignorantes. Que o homem que não sabe
ler, fica parado igual uma ártare
num lugar.

Quando você completar sete anos,
você vai entrar na escola. Para
aprender a ler. Os que sabem ler
conhecem o mundo, os que não
sabem ler, vê o mundo.

Que inveja que eu tinha do Dr.
Cunha. quando elle lia o jornal
Hei de ler o jornal. E fiquei
alegre. Então o saber ler é tão
importante assim.

Minha mãe era espiçosa. porque
os que trabalhavam nos casas ricas
tinham ^{que} ser bem arranjados.

Ela levanta os banquetas todas os
sábados. Levanta banquetas todas os

dias. Que como Linquinha
 Ela dizia. Se você não tomar
 banho, os umbus vão te comer.
 Os vizes em deitarem sem tomar
 banho de manhã quando aristorta
 os umbus circulando nos ares
 ia comendo esquentar água
 para lavar-me e olhando os
 umbus voando eu gritava.
 Eu já lutei as pés senhor
 Umbu. E assim fui habituando-
 do-me a tomar banho.

Que portão que eu sentia do
 13 de maio. Época da festa de
 São Benedito - O carne - carne
 das negras e das negras.

Éra a única época, que nós
 dançamos lueros nos comércios
 tes.

Shão tinha um preto culto para
 nos falar da escravidão.
 para incentivar a raça que
 viviam, sem preocupar-se

com o partir. Qualquer, anama
 cidade, na cidade as mertrizes
 procuravam interferir - se como
 se suas presenças fássem,
 indispensável. Eu dava graças
 a Deus, quando terminava a festa
 que deixava um saldo trágico
 varias gestantes.

Quando a cidade normalizava - se
 as festas estavam em dividadas.
 Alguns pretos adoeceam de tanto
 sombar. Que fanatismo para o
 baile. Se eles tivessem o fanatismo
 para o trabalho, seria mais
 vantajoso para a raça.

Eles ficavam comentando as desa-
 fiás que cantaram. Arguhosos, das
 canções que improvisavam
 O que me lembrava era ver
 uma lera que andava três
 leguas, as vizes cinco para
 dançar e dançavam toda a
 noite e sem comer

porque os donos das
bailes Kinganta - os
dizendo que não haviam
convidado o porto da
cidade, que eles eram
atrentidas. E no regresso
estavam com sono. Então
eles notariam a distancia
Reclamando: Meu Deus!
Até chegarmos em casa!
uns adoeceiam.

Eu olhava aquêl porto
e pensava: que daria
existir escolas para eles
aprender um ofício.

As atêlhas quando
nascem já são destinadas
a fabricar o mel.


- E o homem tem que
aprender uma profissão
Eu era um tipo curioso
gostava de ver tudo
para ver as vontades.

As pouquíssimas vezes
que acompanhei a minha
mãe nestas andanças
fiquei estropiada.

O baile não é apropriado
para as crianças que
filantam dançando nas
cadelas. porque há
quanto tempo o mundo existe
e o homem ainda está
descolocado. Não existe
união na raça humana.

Os pobres têm tanto medo
da lei porque a lei, era
severa demais com eles;

E eu pensava: será que
é só os pobres que
eram? neste mundo!

Quando ia aproximando
a época das plantações só
se via o porto olhando
para o alto e comentando:
Será que vai chover 

e se não chorar? Todos
 queriam plantar. Todas as
 casas tinham um oratório
 com as imagens dos
 santos. As mulheres lanta-
 vam as imagens supli-
 cando-as, para enlutar
 as chucas. Será que o
 bom Deus vai nos castigar
 andando pelos estradas
 lantando as cruzes e supli-
 cando-as com as flores
 silvestres. Solortam que
 no Estado do Ceará ficou
 sete anos sem chorar.
 Que máneu muita gente
 pensando: As cruzes são
 de pau, que os homens
 fogem. Que poder terão
 elas? Será que elas
 atendem os nossos pedidos?
 E eu pedi que fizesse eu
 virar homem. Queria

plantar loureiras. Queria ser
 um homem forte, e comprar
 um Zard. Queria ser igual
 ao José do Patrocínio, que
 ajudou a libertar os negros
 e foi o primeiro homem que
 comprou o Zard aqui no
 Brasil. E o baato perleuvia
 o país. O José do Patrocínio
 comprou um Zard!
 E ficou mais reconhecido
 por intermédio do Zard.
 Eu havia visto o Zard, no
 jornal. E o porto dizia
 que o mundo já estava
 melhorando. As carras já
 estavam lantando sem os
 cães. Que vontade de
 andar num Zard.
 Eu invejava as meninas
 brancas que usavam as
 vestidas de veludo.
 Linhos, Argandí e colportas

os pés com as mãos de seda
 A seda custava dez mil
 réis o metro. A mulher que
 vestia um vestido de seda
 circulava pelas ruas
 vaidoso como se fosse
 um pato estitando suas
 plumas coloridas.

Quando percebi, que o São
 Benedito, nem o arco-íris
 e nem as cruzes não me
 auxiliaram para eu virar
 homem fui resignando-
 me, e conformando que
 eu deveria ser sempre,
 mulher:

Mas, mesmo semi-confor-
 mada, eu invejava o meu
 irmão que é homem e o
 meu irmão me invejava
 por eu ser mulher.

Dizia que a vida das
 mulheres, é mais,

sacrificada e não necessita
 levantar-se cedo para ir
 trabalhar. Mulher ganha
 dinheiro, deitada na cama.
 Eu ia correndo deitar na
 cama de minha mãe.

Pensando, no dinheiro que
 ia ganhar para comprar
 pe' de mulque. Depois
 tentava e desistia
 na cama com ansiedade
 procurando o dinheiro.
 Quando a minha mãe viu
 a cama desperta me dirigiu
 um olhar duro e perguntava
 - O que é que você está
 fazendo, Cadela?
 - Estou procurando o dinhei-
 ro, porque o geronimo
 disse-me, que a mulher
 ganha dinheiro deitada
 na cama. Eu deitei e vou
 ser quanto é que eu

ganhei. Quero comprar
doçes - e panhotos.

Minha mãe trabalhava. era
doméstica. ganhava trinta
mil réis por mês. e
comprava botinas para o
meu irmão. doze mil réis
o par. e uma sandália
para mim. Sandália era
o calçado dos pobres.

Tinha algum. porque na
época do frio, eu podia
andar calçada. e usar
meias. Quando uma mulher
pobre calçava meias as
vizinhas perguntavam:

- Está doente? Só as ricas
é quem podiam usar meias.
eram chitas. Era horrível.
aquêles quadros. e tarde
as crianças pobres circulava
sem pelotas suas com as
latinhas iam nos casar

ricos e pediam?

- Sobrava comida?

Quando sobravam eles doavam
e os pobres comiam sem
arrogar se eles eram
doentes ou não. Que difícil
dadas que os pobres
encontravam para viver
porque a pobreza, era a
sua redoma funesta.

Alguns pais indolentes
obrigavam suas filhas
ser meretrizes. visando
enriquecer. se por inter-
médios d'ellos. jovens.
desnutridos que eram.
Obrigados a passar as
noites bebendo bebidas
geladas, ou vagando pelas
ruas. procurando um
admirador. Alguns
adoleciam e morriam com
dezâto anos. Era as flôres

que não encontravam os
 vasos de cristais para
 exibir os seus esplendores,
 que não encontravam o
 adubo da vida que é a
 felicidade. Não me agrada
 dessa aquêl modo de
 vida dos pobres. Não
 podia nem classificar
 aquêl de vida porque
 elles sofriam muito mais
 do que os animais.
 porque o animal não,
 necessita de assistência.
 Que luta para conseguir
 dinheiro, nas cidades do
 interior. O que nas fortalezas
 eram era o matadouro
 Municipal, que distribuia
 os miúdos, para os pobres,
 um pedaço de fígado,
 para cada criança
 de uma casa haviam

oito crianças, todos gostava-
 ram. Quando o distribuidor,
 perguntou:

- Vocês são irmãos?

Respondiam todos ao
 mesmo tempo:

- Não Senhor!

- Mas, vocês têm o nariz
 chato?

- É que nós somos filhos
 de Adão e Eva.

- É o Adão, tinha o nariz
 chato?

- Sim, Senhor.

O distribuidor desta
 risada, porque notara
 que as crianças queriam
 agradá-lo. Ele nas dava
 os rins, o bueco, língua,
 os pés, que alegria, quando
 nós comíamos os bifos de
 fígado com arroz.

Era um banquete.

A carne da cabeça é insípida. Não tem sabor e não cozinha. — Tinha até um ditado — pessoas, ordinárias eram denominadas de: carne de cabeça.

A carne selecionada era para os ricos. quinhentos réis o quilo, e até centos réis. — Minha mãe dizia que isto é próprio das crianças, que são elas as que mais sofrem com as diferenças das classes. Que as crianças é quem analisam as desigualdades. Mas, depois, tão compreendendo, e resignando-se. Quando os ricos adoleciam eram torres. e podiam pagar os médicos. Já os pobres era raqui —

tiças anêmicas, verminosas ou então o bócio. por causa da água. Andavam descelegos. Os homens que tinham os seus locais de trabalhos não sofriam. E ganhavam cinquenta mil réis por mês.

Minha mãe cozinhava com lenha nos, não podiamos comprar. iam buscar — los no mato.

Reuniam várias mulheres. A Maria Preto, A Joaquina, A Maria Triste, minha mãe e eu. Partiamos um mochado. Que simplicio. Andar no mato. procurando um pau aqui, outro ali. Quando encontramos um pau seco, Que alegria. Era como se encontrassemos um filão de ouro. Era

aquela andança dentro do mato, dos sete até ao meio dia. Eu gostava de ir para comer as frutas silvestres, Jotoka, Pitonga, artémis e gabiroba. Que fruta eu gostava a marmelada de caeduro.

Stão gostava do retorno. Minha mãe me obrigava a carregar um feixe de lenha. Eu era fraca no físico mas não podia reclamar. Já estava começando a compreender que para viver temos que submeter nos aos caprichos de alguém, a mãe, o pai, o professor, o patrão, e por fim, o esposo. Sentia terríveis dores nas pernas.

O peso do feixe de lenha me comprimia para baixo, como se quisesse introduzir as minhas pernas dentro da terra. Quando chegava em casa, e jogava o feixe de lenha. Que alívio, ia sentar, para descansar. Tui notando que tudo que nos fatiga ou nos abarrece há a possibilidade de ficarmos livres de tudo um dia, porque a vida é uma equação que temos que adicionar umas doses de paciência. Minha mãe sorria alegre, porque a lenha para nós, era um dilema. O único dia que eu detestava, era o sábado, por causa da agitação. Se me fásse possível

acabar com o sábado
porque elas folortam no
baile o dia todo. Não
era uma coisa tão neces-
saria. Quem me dera trans-
formar-me numa arde
qualquer, mesmo que fásse
o mundo e váar todos os
sábados para fugir
d'aquêl ambiente grotesco.
- Me dá o ferro! Ah, espera
um pouco!

Eu já estou tomando
nojo até do ferro. de
passar roupas e aquêl
folatório banal. Hoje o
pulmo chega. Era o
manorado que estava
trabalhando na cantina
e passavam a noite de
sábado, na cidade.

O dinheiro que ganhavam
com tanto sacrificio

eram gastos com as mulheres
bebidas e trançolês.
Não saber aplicar o
que ganhavam não melhora-
vam o seu padrão de vida
se compravam um termo.
usura - o até cair os
pedacos. Que confusão.
porque o comércio sempre
necesso aberto aos domingos
e feriados e vendiam
bebidas alcoolicas. E os
bebidas circulavam pelas
ruas praticando cenas
absurdas. Ninguém respeit
o bebado que é um polhoço
gratuito. Na cidade havia
um mulato. O João Floriano.
Quando em triagosto ficava
ni e as crianças vaiando -
Phe.

As mulheres do dia. Phe um
Phepl. ele em truhora / se

Dava a impressão de ser
 uma figura bíblica com
 a tímida inconstit.

Eu retribua com aquela
 pena. porque o homem fala
 e propala que o sesco-parte
 e é estrano do alcool.

Quando eu crescer, eu não
 hei de beber. Se Deus quiser.
 Todas as dias chego a
 alguns desconhecidos na
 cidade. O que me impressiona
 mais era ver os navdestinos
 transitando nas ruas da
 cidade, com suas trouxas
 nas costas com seus aspectos
 desnutridos como se fossem
 habitantes de outros
 planetas deshumanos.
 Seus e rotos alguns
 tocavam violas. e cantavam
 relatando nas suas estrofes
 a infertilidade do charitê

No Estado do Ceará
 Sete anos, não chorou
 Quem era rico, imigrou-se
 Quem era pobre - morreu.

Varias pessoas paravam para
 ouvi-lo e davam dinheiro.
 Então o pobre não teve meios
 para deixar a sua terra.
 É a única oportunidade
 que teve foi - morrer!
 E eu, sou pobre. Quem dizer
 que quando o sofrimento
 bate na porta do pobre,
 ele ^{não} encontra guarida, morre
 ficava com do' daquela
 gente. Os homens pareciam
 esqueletos ambulantes.
 Aquellas penas ficavam dentro
 do meu cérebro como se eu
 tivesse um compromisso
 moral para amenizar a
 vida d'aquêlê porto.

Mas eu estava com seis anos
Nada poderia fazer para
suavizar as lutas daquêle
povo infaustos.

Minha mãe dizia: Eles são
Brasões. São da terra do
Pau Bartosa. Eles abandonam
suas terras e saem vagando
pelo Brasil a procura de
trabalho porque se eles
ficarem pãr lá, morrem de
fome. Lá não chove
pueha! Então a churra faz
falta mesmo! Então a churra
auxilia o homem, eh! Então
eu vou gostar da churra!
Eh! Cãitados ler que deixam
as suas terras e saem
vagando pelo mundo.

É o Pau Bartosa dizia
que tinha possibilidades
de reorganizar o Norte
com o replantamento.

Que, para preparar um
Brasil para os brasileiros
era necessário, um team
brasileiro para governar
o nosso Brasil.
O Brasil foi descoberto no
ano de 1500. Em trezentos
anos prepararam-se
um Brasil mais confortável
para o povo. É que há
muitos projetos e poucas
realizações. O Norte era
para ser rico. Mas as
aristocracias que queriam
encher os seus estômagos
com ouro, deturparam o
Norte que se não fôsse
tão espoliado os homens
do Norte não viviam tão
intranquillos. O Brasil
iniciou-se pelo Norte
— o que fizeram com a riqueza
do solo solo?.

Se no Brasil não tem abun-
dância. Nosso sol. solo,
foi deixado pelos insa-
ciáveis. Era os tipos
egípcios que comiam a
carne e deixavam os ossos
para os naturais.

Não mais temos o pau-
Brasil. Os tipos que se
vestiam e deixavam os
brasileiros nus.

Então o tiradentes
percebeu, compreendeu.
Lutou, e morreu por
nós. Então eu vou pedir
ao visão para rezar um
tempo para o tiradentes
cãido. Maner enforcado
é ele, estava certo.

O povo folorta. Mas as
alfabetizadas se alomo-
doram na vida. Corroam
nas famílias ricas

e estabeleciam e esqueciam
os problemas para os tipos -
dáveis solucionar.

O meu sonho era ver um
português. Os homens, tão
palados. Mas o povo dizia
que eles não gostam das
idades pequenas. que eles
estorram em São Paulo,
e no Rio de Janeiro.

As crianças que voltaram
da escola folortam do
Antônio Tomás Gonzaga.
Que mataram o Frei Coniço
se a princesa Isabel, não
discosse o país também
seria morto.

-Então o mundo é assim?
Quando alguém quer ajudar
as fraldas, as pobres, os
infelizes, eles matam.
Que o Brasil começou a
fundar escolas depois que

tornou-se República.
 Que a palavra República
 foi a esperança de
 vários homens, e eles,
 conseguiram. Na época
 da monarquia, os ricos
 enviavam os filhos para
 estudar na Europa.
 Quando eles voltavam
 eram as almôfadinhas
 uns vagabundos que
 ficavam apenas andando
 pelas ruas estendendo as
 últimas modas de Paris.
 O senhor Manoel Nogueira
 dizia que os portugueses
 não construíam nenhuma
 escola no Brasil;
 por isso é que o Brasil
 era um país atrasado.
 Que era necessário mais
 quinhentos anos para dar
 nova face ao Brasil

cultura e solidariedade.
 amor patriótico inculca-
 var no povo o dever
 cívico.
 Minha mãe dizia: Se você
 crescer assim preocupada
 com os problemas do país
 poderá perder a sua
 cátedra igual ao Tiradentes.
 Ora mãe, os meninos que
 já sabem ler me falavam
 que na nossa Bandeira
 está escrito Ordem e
 progresso. que o povo deve
 compreender que o Brasil
 deve estar sempre em
 Ordem. Que é o nosso
 dever honrar a pátria e
 trabalhar. Eu sentia
 insegurança quando via os
 meninos que voltavam da
 escola. Os meus ficaram
 tristes porque não haviam

Crianças para brincar

Eu convidaria:

- Vamos brincar?

- Não. Eu vou estudar:

Quero ganhar cem nas lições

Eui ganhando pra' casa.

- Sobra mamãe! A senhora

têm que dar um jeito

para eu entrar na escola

porque as meninas ganham

cem mil réis nas lições, e

eu, nunca vi uma nota

de cem mil réis.

Minha mãe saiu achando

grato culpado porque não

sabio que a escola pagasse

as crianças.

Os mártistas que chegavam

iam residir ^{se} no patrimônio.

Quando chorio eles ficavam

olhando como se fosse o

espetáculo mais lindo do

mundo. Que olhares tristes

Dois a impressão que eles

estavam mártos interiormente

Não choravam compreendiam

que suas léguas não iam

servir de intermediária

no clima de sua terra.

Naquelas trouxinhas eles care-

gavam panelas, pratos e as

rêdes - Jogiam um fogão

troupeiro iam amancor copin

para receber suas toxeras.

Até as artes têm os seus nichos

e eles são mais infelizes do

que as artes. O povo falava

que a morte não chove porque

o padre Cícero Romão Batista,

há muitos anos rogou uma

praga: Que a morte não

deveria chover por várias

anos. E que o padre percebeu

que a morte é zona terrida

e quiz advertir os mártistas

mas o povo não compreendeu

à advertência do ilustrado padre Cícero porque uma pessoa ilustrada compreende as consequências que se acaneta. ou com as chaves demoradas ou com a falta. O padre não é o responsável pelas catástrofes do Norte.

Ele pegou o cetro de, ministro de Deus. Os padres educam-se para auxiliar a humanidade. Eles preferem auxiliar do que amaldiçoar.

O único que defendia o padre Cícero, era o senhor Manuel dosqueira e nos dizia que o padre era meteorologista.

Que os ignorantes estão transmitindo os hábitos e em repetir.

Dez domingos os habitos

da cidade eram obrigados a assistir os officios religiosos. A religião, predominante era a católica e a Espirito. Os católicos, era a maioria. Floria as des-
criminações.

Os pobres assistiam a missa dos seis. Os madames ricas assistiam a missa das oito. As moças assistiam a missa dos dez. iam com os namorados.

Os pobres ficavam perto da igreja para ver as mulheres ricas passar usando os seus trajes caríssimos que eram confeccionados em São Paulo na casa de Alena ou nome. Antonieta de no lavar as roupas as portadeiras perdessen a etiqueta da roupa, IMS

era despedida. Uma roupa que foi confeccionada em São Paulo, tinha um valão. Era o camprostante que os dânds eram ricos e importantes.

As mulheres pobres, inculcavam. As coisas de peles compreendendo que o sonho de pobre, é sonhar, apenas, sonhar.

Os ricos eram vaidosos olhavam os pobres como se fôrsem intrusos aqui neste mundo. Ou objetos incomodos e sem prestígio.

Eu ficava preocupada com a seleção de classe.

A classe foi criada pelos homens, não é obra de Deus. Porque o que é de Deus é de todos. O que é de Deus, é nosso.

Se, numa família de classe médio. tinha uma molinha quarentinha, quando aparecia um médico solteiro casava-se com ela. Eu ouvia elas dizer: eu não gosto d'êl. Não me casar com êl porque êl é doutor e poderá me dar uma vida confortável. e me introduzirá na alta sociedade.

Eu ficava horrorizada. Será que a alta sociedade, é tão importante assim? porque um homem, seja êl rico, ou pobre, quando decide casar-se é porque está considerando a mulher. Merece ser amado. Merece ocupar um lugar praeminentemente no coração da esposa. Dever ser o hóspede, predileto da sua mente.

será que a mulher não
 aprende amar, o homem que
 corre-se com ela todos
 os dias! Mas a minha mãe
 dizia; que as exigências na
 vida nos obriga a não
 escolher os polos. Quem
 nasce no polo norte, se pode
 virer melhor no polo sul.
 que vai para o polo sul.
 Uma senhora que havia
 mudado para Sacramento
 não mencionou de onde
 veio, foi procurar criadas.
 Minha mãe aceitou.
 Ela queria que limpasse a
 casa. Os janelos o saolho
 fazer doces, preparar
 carnes rechêia-los.
 Echer frangos. Que o
 seu gênro ia chegar.
 Ela ia apresentá-lo
 para as figuras da

cidade. Que careris. Ela
 distribuiu vários carrites.
 Na casa, só elle é quem
 fala; O meu gênro!
 Que Homem. Que caráter!
 Eu não aguento esta saudade.
 Quando elle morrer, elle vai
 para o céu.
 Queríamos ver o homem,
 fenômeno, tão enaltecido pela
 sogria. Coisa rara.
 Minha mãe e a tia Terêza
 é quem estortam preparando
 os quitutes. Antônio, mulher
 do pai preto, é quem cuida
 das roupas, engonou as
 cortinas e as táboas bord-
 adas. O caso ficou um
 primar. Cortaram o saolho.
 O patrão era delicadíssimo -
 para lidar com os domésticos
 não dava ordem com a
 convecção que estava, MS

pagando, pedindo com polidez
que gentileza no falar.

Amanhã o meu gênero vai
chegar. Será que a Sinhara
poderá chegar as seis horas

Ele não gosta de comida
quente. Ela andava de um
lado para outro reclamando
do que os ponteiros do
relógio eram indolentes
e não moviam-se.

O meu illustre genro foi
feito no céu. Não fere a
nossa sensibilidade.

É o ministro da gentileza.

Em todas lugares que ela
ia passear, falava

unicamente no "meu
gênero. Ele é quem nos

mantém as meu duas
filhas estão estudando
num colégio interno.

Ele, é quem paga.

Shão é só o Cristo quem sopra
êle, também, esta mel
salvando da miséria.

No outro dia minha mãe
chegou as seis horas.

E estava usando o seu vestido
novo e colçada com um
pe^{de} anjo.

No mesmo dia, chegou o
gênero. Viajou no banco
do tipo até a cidade.

O matarista Sete, conduziu
o gênero tão estorado, elle
e a esposa. e duas filhas.

Quando saíram do carro, a
sogra foi resêlê-lo.

Atracaram e beijaram-se
A sogra dizia:

Senho a impressão que já
faz um século, que não

O velho! O senhor está tão
bonito! Muito obrigado

pelas cartas. Senho resêlê-lo.

as de oito em oito dias.
 Suas cartas me tranquilizam
 tanto. O senhor e o meu protetor
 Beijado os netos. Em um minuto
 a notícia circulou: sabe?
 O meu gênero chegou!

- 8'
 - Mas, sabe de uma coisa?

O meu gênero é preto!

- Preto? Credo!

- É ser tão importante como
 se fala?

- Ela diz que ele é rico.

Os convidados não foram
 almoçar. Percebia-se que
 aquela senhora estava
 chorando interiormente

Um choro com a ausência das
 lágrimas. E os hóspedes prosse-
 guiam. Imagina só se eu não
 sentar na mesa com um negro.

A esposa era uma beleza.
 Branca. Cabelos pretos e olhos

verdes. A sogra convidou o
 gênero para ir a casa e o
 quintal com as arredores
 e pediu para a minha discar
 seus lugares na mesa e
 retirar os outros pratos
 para o seu gênero não notar
 a hostilidade dos donos da
 cidade. - Dizia - Estes homens
 d'aqui, não são dignos de
 pegarem nas mãos do meu
 gênero. Sentiram o almoço
 quantas bebidas...

Abriram as janelas. Que calor
 Ele dizia: A senhora deveria
 ter dito-me, que minha
 residir nesta favela.

Que cidade! Isto aqui é uma
 vila.

- Aqui tem mar?

- Não senhor.

Ah, é mesmo. O Estado de Minas
 não é marítimo.

Quando a senha sente colar
têm que recôrer ao churrasco
Estas cidades do interior, são
semelhante a um bolo sem
fermento. São vilinhas que o
D. Pedro I construiu.

É quando elle ressuscitar vai
encontrar esta vila no mesmo
estilo que elle deixou. São
regiões que não crescem nunca.
Os habitantes destas regiões não
têm visões nem vaidades. Não
gastam para o bem da comuni-
dade. São os tipos de mentali-
dades ~~da~~ da era das
cortinas que guardam suas
economias dentro dos garrafos.
Ah! Eu não leuá-lo consigo.
A senha têm que morar e no
Rio de Janeiro! Que porto seletto,
são anóelis e unidos.
Que porto gracioso.
Lá não há preconceito.

- Quem dirige isto aqui?
- É o seu juca. O primeiro
prefeito desta cidade. Vêio de
Eroka. Você precisa conhecê-lo
É um tipo mesquinho.
É doutor nos fala o caipira
- Aqui têm ginásio?
- Dizem que não fundar um.
- O senha quer visitar a
cidade?

- Não. Não estou habituado a
respirar pó. A minha mãe lá
do Rio é colada.
Minha mãe narra na cozinha
e dizia em voz baixa.
O nariz do negro, é nariz
importante é nariz de galá.
Na sala, o negro dizia:
- Eu vim apenas para ver
como é que a senha está
vivendo.
Que preto educado. Era
semi-ouro. Falava do

Progresso nas grandes cidades
 Que o povo é culto mais
 generoso e não são indolentes.

Que o Rio de Janeiro era o
 exemplo na fraternidade.

Sobrava muita comida. Doçes
 nas tertulas. Três dias depois
 elles viajaram. Convidou a
 minha mãe: Vamós para o Rio
 de Janeiro?

Minha mãe recusou dizendo que
 tinha medo de sofrer.

Mãe ficamos sabendo o nome
 daquela senhora e nem o nome
 do seu gênero. Eu queria ouvir

o seu nome. Mas ela dizia
 o meu gênero. Ele conversava

mais com a sogra do que com
 a sua esposa. Falavam do
 teatro, dos artistas. Patrício
 Teixeira, Augusto Alves.

Heitor das Provas, Procopio
 Ferreira, e Olga Piagner

Coselho. Ela olhava aquêlle.
 Preto, como se estivesse olhando
 uma jáia. Dava a impressão
 que ela, é quem desejava ser
 a esposa d'aquêlle preto.

O Messias que sobreviu a da
 miséria. Certo que, nunca um
 homem foi tão acatado por uma
 sogra. Era uma admiração
 impressionante. Certo que os
 homens não foram cumprimentá-
 lo, por se sentirem inferiores
 ao meu gênero. A sogra não
 trabalhava, e vivia como se
 fosse uma rainha.

Todos os meses o gênero lhe
 enviava cinco contos.

Fiquei pensando naquela boa
 senhora que foi desperçada.
 Só porque o seu gênero era
 preto. Quer dizer que o preto fez
 com que ela perdesse a
 consideração com os brancos

renegando-a.

Minha mãe dizia que o mundo é mesmo assim. O que predomina é a aparência e não as qualidades.

Fiquei furiosa! Oh! amigo, o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.

Minha mãe riu e perguntou:

— O que é que você vai fazer com o mundo?

— Não quero gente grande no mundo. É os grandes que são maus. Os brancos brincom juntas para elas não existirem a car. Não falam em guerras. Não fazem cadeias para prender ninguém. Os que vão presos são os grandes. porque são os grandes os que mais erram. Um homem bebe pinga e briga

a polícia prende-o e bate-lhe no rosto. Quando ele sai da prisão, vai beber outro uís. Eu não gosto dos grandes. Os grandes têm coragem de enfiar uma faca no outro. Outro dia um espinho entendeu no meu pé e doeu tanto. E se fosse uma faca? O tio Cirineu, me ouviu e disse. Esta nequicia vai longe.

O tio Cirineu, disse-me!

— Deha Bitita, você vai casar com o meu filho o Escindirio Rensei; prefiro o Cirino. Mas não disse nada. Não queria magoar o Escindirio, que ficou contente dizendo:

Você vai ser a minha mulher! Era um preto calmo. pensei; este homem calmo tranquilo parece água parada. não me serve. Eu quero um homem relampago. Estes homens que

levantam de manhã e não
 sentar-se, não me serve,
 O meu sonho era ver um preto
 rico, fazendeiro, que fosse o
 dono de uma gleba de terras
 com vacas e plantações.
 Quise dizer que na Bahia
 tinha pretos que eram fazendeiros
 que plantavam o cacau.
 Como eu gostava dos pretos e
 tinha do' d'elles Era difficil
 ver um preto servir.
 Quando elles bebiam não era
 p'ar viciás. A bebida era o
 seu refúgio.
 Quando occorria um roubo
 na cidade, prendia qualquer
 preto - Você é o ladrão!
 É a policia obrigava o preto
 a' peregrinar as ruas da cidade
 e as crianças gritando atrás
 Olha o je' coberto!
 É o ladrão de coberto!

Olha o je' coberto!
 É o ladrão de coberto.
 As que sabiam tocar violão
 viola, pandeiro, cuicas,
 sanfona, violinas, gaitas
 acompanhavam o ladrão.
 O ponto iam ver, que festa
 Os boteguins vendiam bebidas
 e doces. Ha um lucro para o comércio.
 As mães pretas diziam: até
 quando meu Deus! até quando!
 As meninas me convidavam.
 - Vamós Bitito, vaíam o je' coberto
 não váu. Porque eu sou preto
 hoje vocês vão - o, amanhã...
 poderá ser eu!
 Quando voltavam o preto, elle
 desaparecia. É nunca mais
 voltava na cidade. Era um
 castigo moral, eficiente.
 É quem é que queria ser ladrão!
 Havia os que andavam tão
 sujos. iam renegando. ~~de~~

pão encontrar dificuldades
para virer adalcan com
reumatismo. Uns tão ricos...
outros tão pobres!

Porque é que os pobres rezavam
todas as dias e foloravam.

- Deus! Sê do' de nós!

Deus misericordioso. Quem
será o Deus que é o nosso pai
que todos lhe falam com respeito.

Que vontade que eu tinha de
ver o Deus para pedir - lhe
que consertasse o mundo.

Das domingos reuniam as
primas que eram adultas.

Cada uma com o seu namorado
Que luta para eles conseguirem
eram analfabetos - falavam
apenas do baile

Erão filhas dos colonos e
trabalhavam para os descendentes
dos portugueses - O Brasil era
a segunda edição de

Portugal. Não tinha estilo
próprio. E nos fazendas não
haviam estólos. Hortos - enxada
em abundância. Amanheciam
tares, preparar as terras para
plantar. À noite éles tinham que
deixar a cidade. Não tinham
permissão para ficarem na
cidade nos dias úteis.

A policia não permitia.

O unico homem que dizia:

- Eu não tenho medo das policias
porque se eu quiser virar
soldado eu viro.

Era o Augusto Bieudo

- O pai da Dolares, minha Prima
Um dia, elle discutiu com um
policia, e o policia, furado -
lhe a orelha com uma bala
Elle introduzia cera preta na
orelha para occultar o local
perfurado pela bala.

A noticia circular, e o dono

do circo vai procura'-lo
 - Você quer trabalhar no
 meu circo? Agora você te
 uolãr porque está com a
 orelha furada. Você poderia
 trabalhar com o palhaço.
 Pouca - roupa. Eu te
 transformo num grande
 artista. E te pago cinquenta
 mil réis por semana -
 litre. E campo roupas para
 você. Vá para Belo Horizonte,
 Rio de Janeiro,
 Recife. São Paulo, e Niterói
 você pode até ficar rico.
 Vai para o meu circo.
 Eu passo anunciar.
 Venham ver o homem que
 tem uma orelha que foi
 furada por uma bala de
 um policial!
 E os homens comentam:
 - O Augusto Bieudo está

com uma orelha furada.
 - porque, agora é moda o
 homem furar a orelha?
 - Não. Foi um policial que
 furou.
 - E? ... com faca?
 - Não. Com uma bala!
 Ele desgostou-se e foi
 matar na selva com os índios
 No sábado seguinte as
 meretrizes vestiram-se
 esperando os noivos.
 Mas não apareceu ninguém
 com medo que os policiais
 lhes furassem as orelhas.
 Até os comerciantes protesto-
 ram. E o policial deixou a
 cidade. A Dolores, chorando
 dizendo: Que pena! furaram
 a orelha do meu pai.
 Nós estortamos atarefados
 com as preparativos para
 o casamento da Maria. MS

a filha da sis Manuea. Não tomei conhecimento do nome completo da Maria. Que mulata bonita e baixinha. As pessoas não deriam nome. A Maria, anou o yao Marcelino, o filho da tia Ana, que não consentia no casamento. Era autoritária. O tipo mulher lene, que quer dirigir tudo estas mulheres masculinizadas só faltava vestir calças e ter bigodes - Dizia que os seus filhas deviam casar-se com brancos porque elles eram mulatos. É antipático o racismo do mulato com o negro. porque o mulato deve

ser afônico porque elle é fruto da união das rosas o preto e o branco. Ela dizia: Este ponto devia estar nas senzalas deviam continuar na escravidão. Mas a sua mãe que é a minha bisavó, era negra de cabedelo. Era filha de branco. Eu tenho o sangue mesclado. porque a minha avó materna era mestiça. O yao Marcelino e a Maria, encontraram-se nos bailes. Era por constantes. Não falavam apenas olhavam-se. Estavam proibidas de falar. Era a Ordem da ditadora, que era a irmã pela negativa da nossa família IMS

De Maria percebendo a impossibilidade de construir um lar com o João, foi obtidando-o. E iniciou namoros com um preto bonito.

O Sebastião, era de Araxá que olhas bonitos.

E casaram-se, que nairto bonito. O João Marcelino não compareceu, chorou lamentando que não era livre, que era escravo dos caprichos de sua mãe. Não foi ao baile porque não podia ser o par constante de Maria que para elle, tinha o valor de uma jóia.

Ele tocava violão e cantava. despedindo-se de Maria não emolionou-se com as causas do João.

O seu sonho foi destruido
Ele cantava:

Dizem que o amor tem da sorte
E a sorte é para quem tem.
Eu, como não tenho sorte
Não quero amar mais ninguém.

Era um capítulo, de sua vida que estava encerrado. O Sebastião, esposo de Maria trabalhava numa pedreira uma pedra rolou e caiu-lhe nas costas.

Ficou doente vários meses chamaram um médico, que lançetau-lhe as costas, e o piis guardou-se cinco litros. Em ohora, harrarizada. Quando o piis parou de estaver O Sebastião maria ficaram casados apenas.

quatro anos. Mas uma vez
 odiei a morte, pobre Maria!
 Como sofre uma mulher
 bonita quando fica viúva.
 Mesmo no cemitério os
 homens já estortam,
 piscando os olhos para
 ela, que chorava deses-
 peradamente.

Quando deixamos o cimi-
 tério, as mulheres parou-
 ram as suas coisas.

Mas os homens acampou-
 ram a viúva até a
 sua casa — Diziam:
 Não chora Maria!
 Nós arranjamos dinheiro
 para você.

O outro dizia: Não chora
 Maria! Eu arrajo
 dinheiro para você.

E os homens ficaram
 rondando a nossa casa

Como se fossem cachorros
 perseguindo as cadelas.
 homens que marotam na
 roça. Bem distante, quando
 souberam que a Maria
 estava viúva vinham na
 cidade.

E Zico que era dono de um
 lupanar foi procurá-la
 — Vá lá pra casa Maria!
 Você ainda é nova e
 muito bonita. Você vai me
 dar uma renda fabulosa.
 Eu tenho três coisas;

Uma aqui, outra em
 Conquista, e outra em
 Uberaba na Rua São
 Miguel. Ela apenas,
 surtia. Não sabia defender-
 se... para livrar-se dos
 homens, a Maria teve que
 arrajar um homem.
 e decidiu casar com

José de Paula. Mas
 chorava porque sentia
 saudades do primeiro
 esposo. Ela ficou gestante
 e tuberculosa. Quando o
 filho nasceu ela morreu.
 Deixou um filho do
 primeiro esposo que
 ficou aos cuidados do
 padrinho, o senhor,
 Geronimo Gervásio, que
 vendeu a sua chácara
 para uns japoneses.
 O Napoleão, e o Karachii
 na e mudaram-se.
 E eu, nunca mais vi o
 negro, que tem o nome de
 Geraldo. As vezes eu
 pensava que as mães
 detestam morrer depois
 que criassem os filhos.
 Eu pensava que as
 pessoas moriam por

vontade própria. Quando
 eu via um homem morto
 revoltava, que idiota!
 Ele morreu por preguiça
 não queria trabalhar.
 Este homem não teve do
 de deixar a sua esposa
 seus filhos, suas terras
 e o automóvel.

Eu, nunca li de morrer
 o fato que aconteceu. Me
 foi ver um soldado do
 matar um preto. O policial
 deu-lhe voz de prisão.
 Ele era da roça.
 Saiu correndo assustado.
 O policial deu-lhe
 um tiro. A bola penetrou
 - lhe dentro do ouvido.
 O policial, que deu-lhe o
 tiro, saiu dizendo:
 - Que pontaria! que eu
 tenho. Vou ser campeão

de tiro, com o pé ele
morta o corpo sem vida
do impavido e dizis; Ele
derte ser baianos.

É eu fiquei pensando
nos baianos que eram
obrigados a deixar a
Bahia porque lá não
chorre e ser mortos pelos
políciais sem motivação
será que ele tem mãe.

Quem é que vai chorar
a sua morte?

Ele não brigou, não xingou
não havia motivos para
matá-lo. Ele estava com
um pacote que foi
desembulhado. Veio na
cidade para comprar
remédios. Era casado,
pai de dois filhos.

Quando o delegado chegou
olhou o cadáver e mandou

sepultá-lo ninguém sabia
o seu nome. pensei; leva-se
vinte anos para criar um
homem. E eles matam-se
com tantas facilidades.
Quem matou, faz falta
para alguém.

"Não matarás" esta adven-
túra é de todo poderoso.
O Deus imortal.

Mas o homem, o Deus de
barro, o Deus - pó, mata.
Quando sepultaram o morto
minha mãe dizis:
para ele, tudo acabou-se
pensei; é o nosso dever
rezar implorar a Deus
para chorar no céu e
assim eles terão possibi-
lidades para ficar, no seu
térreo mortal, porque os
que saem de suas terras não
sabem se vão encontrar

Deus, ou com o diabo.
 Fiquei nervosa e chorei
 ninguém pergunta a uma
 criança porque é que está
 chorando é que eu estou
 com dó daquêl homem.
 Ele merecia as minhas
 lágrimas. O soldado que
 matou o martirista era
 branco. O delegado, era
 branco. E eu fiquei com
 medo dos brancos,
 e olhei a minha pele preta
 enquanto existia ignoran-
 tes, há de existir estas
 distinas de cores.
 Mas continuei pensando
 porque será que o branco
 pode matar o preto?
 Será que Deus deu o
 mundo para eles, e nós
 os pretos somos os
 intocáveis?

Fui procurar a minha mãe e
 perguntei-lhe:
 - Mamão! quem foi que trouxe
 os pretos para o mundo?
 - Para o mundo, foi Deus.
 Para o Brasil foram os
 portugueses porque eles já
 foram os donos do Brasil.
 Mas os pretos vieram engan-
 dos. é o que eu quero dizer
 porque eu não nasci na
 África. Nasci aqui no Brasil
 - O que é África?
 - É a terra dos negros.
 Fiquei alegre; Ah! Então
 Deus não foi orgulhoso.
 Sabia dividir o mundo.
 e deu terras para os negros.
 Então todas injustiças que
 há no mundo, as
 responsáveis são os portu-
 gueses. Um dia hei de ir
 visitar a África. papai

e falei. A minha mãe deu uma risada cômica da minha filha. Tem tantas pretensões, é que ela ainda não sabe que no mundo existe umas partes chamadas impossibilidades.

É que ela pensa, que o que pensamos concretiza-se. Ela ainda não sabe definir a luta de pensar e realizar. O pensar é suave, o realizar requer esforços - Fiquei surpreso quando a minha mãe começou a me espancar todos os dias. Quando eu não apunhava sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor quando a minha mãe ia me bater, eu segurava as pernas do vovô.

Que saudades que senti. e o lindo rosto do meu avô voltou na minha mente.

Que preto bonito. O Siamarulo Charova. pedindo:

Senhor Benedito. O senhor é o meu esposo. Ven me buscar. Eu gostaria da vida só porque o senhor viria. Não são todas que aprende a viver neste mundo, e eu não aprendi. Para mim, o mundo é amargo.

Um dia ela foi numa festa beber. e embriagou-se. Quando voltaria para o seu rancho de sapé, Cambaleiro. O Taidé, genro do senhor José Chotal estava andando de bicicleta. Bicicleta para nós que eramos pobres era super. luxo.

Ele é rico! pode ter até
bicicleta. A Siamaruca
Cambalões. Ele lhe seguiu
com a bicicleta.

É a sua namorada sarvia
quando a Siamaruca
Cambalões caiu, o Saide
passou as rodas da
bicicleta no rosto da
Siamaruca e as globos
oculares saltaram dos
olhos. pegaram o corpo
e levaram para o seu
rancho e jogaram na casa
ela ficou com a cabeça
perdida e o sangue,
jarrando. De manhã estorou
morta - O Saide, chorava
dizendo que não ficaria com
aquela mulher na com-
pênia - e sua sogra
A Risolêta dizia.
- Ora! pra que remarcar!

ela era negra. É que a
Risolêta não conhecia a
Siamaruca. Era preto sim
mas assediado. Já a Risolêta
era pia do que os parcos.
Oho pano que estugorou
os protos assônto o nariz
Nem os empregados não
ficavam nos sua casa
porque tinham nojo.

Eu digo isto, porque fui eu
que trabalhei no casamento
do Saide, com a Benedita
Notal. Sortando os copos
e sentindo as bebidas.

Quando o Saide notou
a Siamaruca, ele chorou
toda a noite e fez o este-
rro. Ele é rico. É bruto
não houve processo.

A Siamaruca viveu com
o seu avô vinte e três
anos. e nunca saiu de

de casa. O varão não permitia, e ela obedecia. Não sabia ler. Mas que classe! Era muito feminina, cantava com as galinhas que ficavam ouvindo - a: "Dizis: Minhas aniguinhas, vocês precisam pôr ovos, vocês estão ficando preguiçosos, e lá não conhece a cidade. Depois que o varão morreu ela saiu para distrair ela, começou a falar dizendo que era para esquecer que havia sido feliz com o varão. Se o meu varão fosse vivo, teria certeza que ele mataria o Barão sem feri-lo. Apenas com as palavras.

Um dia, andando pelos ruas ganhei uma lima, fiquei contente, porque é bom ganhar presentes ia oferecer a minha mãe. Quando apareceu o Humbertinho Brand, e me levou a lima chamei ele era branco e tinha sentido o exercício. Para nos impressionar as vezes ele usava a farda verde e atirava zorta, as moças pobres pegando. Che nos seiss. Quando as moças viram o coturno os seios com as mãos e saiam correndo. Que medo que as moças sentiam do homem da farda verde. Ele tinha uma semelhança com o Rodolfo Valentino.

Quando eu encontro o
Xingoro - o Me da', aí
minha lima! Me dá a
minha lima.

Todos têmia - o. Ele... é
o filho do juiz! É o juiz
manda prender. O povo
do interior têm muito
medo das prisões, porque
podem sair vivos. e também
podem sair mortos.

É o Humbertinho dando
vasão ao seu instinto,
satânico.

Uma tarde quando eu passa-
va na frente de sua casa
ele atirou - me
- Olha aqui as suas limas
negra vagabunda. Jogou
várias limas no meu rosto
nas pernas. O meu nariz
começou sangrar. Ele dava
risada - Xingueli!

cochano! Ordinário. Aqui
ninguém gosta de você
vai embora. Você é um
sujo! Você é branco só
para fazer você abanegar só
as mentes pobres. Você
não pega nas réis das
mentes ricos. As pessoas
da sua marca só respeito
o dinheiro - Você tem que
ser sempre pobre, porque
a pobreza ha de ser um
freio na sua vida.
As molinhas pobres viram
te rogando praça.

Farão contar ao Dr Brand
que far ver a nossa
discussão. Ele não compreen-
dia porque é que aquelas
limas estavam espalhadas
no chão. Em Xingoro.
Eu ainda não tenho réis
mas quando eu tiver você

não vai pegar. Eu não
 canso que suas mãos
 sejam encaixadas em mim.

O Dr. Brand interfere -
 - Você não tem educação?
 - Eu tenho. O teu filho é que
 não tem.

- Calo a boca! Eu posso te
 internar

para o seu filho fazer estes
 bobagens em mim, como
 fazem com as meninas que
 o senhor recolhe. É melhor
 ir para o inferno, do que
 ir para a sua casa
 sobre Dr. Brand, aqui,
 todos falam do senhor
 mas, ninguém tem
 coragem de falar - lhe
 pessoalmente. As grandes
 falam por detrás.

O seu filho entra nos
 quintais dos pobres e

roubam as frutas.
 O senhor condena os que
 roubam, mas o seu filho
 tem permissão para roubar.
 O ponto fala que o senhor
 fez a lei mas que é uma
 lei amputada. Seria
 para os pobres, seria
 para os ricos.

É dizem que a lei tem
 que ser imparcial.
 Tãram arisar a minha
 mãe que eu estorta
 brigando com o Dr. Brand
 as soldadas e o povo
 corriam para ver a
 briga.

Quando o Dr. Brand
 comissou na minha
 direção eu não corri
 e ele não me bateu
 estorvo vermelho. e
 transpirante.

Minha mãe pulchou - me
 cala a boca cadela!
 gritti! Deixa - isto aqui
 é briga de homem com
 homem! Olha Dr. O seu
 filho me roubou uma
 tina, todas têm medo
 d'êlê, eu, não tenho.
 Êle não aceita convite
 para ir nas festas das
 ricos porque os ricos
 não querem misturar - se
 com êlê.

Cala a boca nequinhão
 atrevido!

Atrevido é o seu filho
 porque não respeita as
 moçinhas pobres. É assim
 mesmo. aqui no Estado
 de Minas, os ricos não
 não respeitam as moças
 pobres. elles utilizam as
 moçinhas pobres para

pozer ^{os} seutroiciados
 sexuos só respeitam as
 filhas dos ricos.
 Mas se as filhas dos
 ricos nassem honestas as
 pobres também. Elles
 respeitam é somente o
 dinheiro. Quando êlê ia
 me botar eu disse - Ehe!
 O Rui Barbosa disse!
 Que os brancos não deite
 roubar. É o seu filho, é
 branco. Que os brancos
 não derem matar
 não derem pretaleser. se
 porque são brancos
 Que é o branco quem
 predomina. A chorte do
 céu está nas mãos de
 São Pedro. É a chorte,
 do mundo, está nas
 mãos dos brancos.
 O branco têm que ser

Minha mãe pulchou - me
 cala a boca cadela!
 gritti! Deixa - isto aqui
 é briga de homem com
 homem! Olha Dr. O seu
 filho me roubou uma
 tina, todas têm medo
 d'êl, eu, não tenho.
 Êle não aceita convite
 para ir nas festas das
 ricos porque os ricos
 não querem misturar - se
 com êl.

Cala a boca nequinhão
 atrevido!
 Atrevido é o seu filho
 porque não respeita as
 mocinhas pobres. É assim
 mesmo. aqui no Estado
 de Minas, os ricos não
 não respeitam as moças
 pobres. elles utilizam as
 mocinhas pobres para

pozer ^{os} seutroiciados
 sexuos só' respeitam as
 filhas dos ricos.
 Mas se as filhas dos
 ricos nassem honestas as
 pobres também. Elles
 respeitam é somente o
 dinheiro. Quando êl via
 me botar eu disse - Ehe!
 O Rui Barbosa disse!
 Que os brancos não deite
 roubar. É o seu filho, é
 branco. Que os brancos
 não derem matar
 não derem pretaleser. se
 porque são brancos
 Que é o branco quem
 predomina. A chorte do
 céu está nas mãos de
 São Pedro. É a chorte,
 do mundo, está nas
 mãos dos brancos.
 O branco têm que ser

superar para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao maestro na frente da Orquestra. O branco tem que andar na linha as ponteiros de um relógio indicam as horas, e os brancos são os ponteiros do mundo que deveriam indicar a retidão.

O Dr. Brand disse:
 - Vamos parar! Eu vou deixar a sua cidade. Minha mãe pegou ~~na~~ minha mão e levou-me para casa. O porto pediu Não liata nele! Nem os soldados não mexeram comigo. Minha mãe não deixou eu sair de casa. Três dias depois o Dr

Brand deixou a cidade. Disse que ia para o Rio de Janeiro.

Que do' que eu tive do Dr. Brand. Que homem bom! Merecia ter um bom filho. Eu queria ser filha do Dr. Brand. parecia um santo. Chamei com do' da Dona Sinhá. A esposa do Juiz. Que mulher bonazinha. Quando o Dr. mudou-se fiquei pensando.

Elas não eram ricas. Mas tinham nem roupas para vestir-se. E o Humbertinho usava as roupas do exército, pãr não ter o que vestir. A Dona Sinhá usava só um vestido preto, como se fosse a sua capa. Lámea.

O Humbertinho era IMS

recoltado. Não são todos
que afitam com resig-
nação esta prisão que
tem o nome de 'probrêzo'.
Quando o porto me viu
nas ruas saíam para
mim, dizendo:

Que menina inteligente
mas dependeu. É limpa
a nossa cidade.

É que os ricos não criam
os seus filhos com xicotes
o xicote, é o reconstituir
das boas ações.

ganhei vários presentes
vestidos sopotós, mortas
e usados dos filhos do
farmacêutico José Melo
deu-me dois vestidos
de lã e me pergunta-
vam -

- Você já saltou ler?
- Não senhora.

pueho! Quando saíam
estão: você promete,
alguma coisa. Dizeram
que fôram os poltronos
do Rui Barbosa que
eu mencionei que fez
o juiz retroceder
Os espiritos diziam
que eu folava por
intermédio dos espiritos
É que eu avia o Sr.
Mamael Nogueira ler o
jornal - O Estado de São
Paulo. É preciso pensa-
do, como se o que este
jornal vem aqui. Eles
dizem que o jornal é
feito lá em São Paulo,
e dizem que a cidade de
São Paulo, está tão longe!
Desyora perguntar ao Sr.
Nogueira, como é que o
jornal ia até lá sem

sujeira. Mas tinha medo de conversar com aquele homem que sabia falar com o jamol.

Fiquei tão triste, porque descuidei de uma coisa muito importante para mim. Eu deveria falar com o Dr. Rui Barbosa para ele me espleticar como é que deveria ser um Brasil para os brasileiros.

- Seria criar condições de vida para os homens no seu território? Estabilizar o homem do sul no sul, e o homem do norte, no norte? Examinar o meu eu.

- Será que sou preguiçoso? O preguiçoso não tem valor. Temos que pensar, e agir

nada de indecisão - Para ir falar com o Dr. Rui Barbosa, eu deveria ter dinheiro. Já que é o dinheiro a réia do mundo.

Minha mãe dizia: Bobinho! Quem deve preocupar-se com o país, são os homens. As mulheres devem aprender cozinhar, costurar, e cuidar dos filhos, não gosto das mulheres masculinizadas e nem dos homens afeminados. Eu olhava as minhas primas, que não se preocupavam com nada.

Tram alqueles. Viriam cantando. Eu queria ser assim. Invejava-as, porque, elas já estavam acomodadas no mundo. E eu... não. Minha mãe dizia: que as pessoas têm

que resignar - se.
 Era noite - sete horas
 nós voltávamos para a
 nossa casa. Minha mãe e
 o meu irmão iam na frente
 nós descíamos uma ladeira
 e as filhas do Joaquim
 Crãado, tinham subido
 com o seu cachorro que
 me mordeu na perna.
 Shutei uma dor como se
 pãsse um espinho.
 Fiquei inconsciente. Não
 tive tempo de dizer para
 a minha mãe que o cão
 havia mordido-me.
 Quando o meu cérebro
 normalizou - se, eu
 notava diferença em
 tudo interrogando a
 minha mãe!
 Montem eu estorta
 pequena e hoje, eu

* Estou crescido. Estou
 maior. O que foi que
 aconteceu. Eu cresci e
 não percebi, eu pedi
 para a senhora não
 deixar eu crescer e a
 senhora deixou.
 Ela auctia e dorco
 risados.
 Montem o cachorro do
 Joaquim Crãado me
 mordeu aqui na
 perna direita eu vou
 pedir - lhe para elle
 amarrar aquêl
 cachorro.
 Minha ^{mãe} disse: Ah! então
 fai isto!
 O meu irmão disse-me
 você estere dorco.
 Você filau louca.
 Não sei quanto tempo
 fiquei inconsciente |MS

e a minha mãe foi me
pôr na escola de cartão
mas, eu estorço para
confusa inilente e fui
aprendendo tudo,
porque havia esquecido
muitas coisas.

Escovar os dentes, tomar
banhos, pentear os cabelos,
não falar. Apenas
pensar. Minha mãe
dizia: Que diferença
há que a enfermida
de, he enfraqueceu
o cérebro?

- Vão ler. Lá no
curandeiro.

Escoltei, não! Se a
senhora acha que estou
doente me leva ao
médico. O médico estuda
sabe qual é o remédio
adequado para um tipo de

enfermidade. Mas o curan-
deiro entende. Eu não vou
- pois foi ele quem te
curou.

O meu irmão disse-me:
que se eu dizia:
Manoê está com dor
de cabeça, o curandeiro
indicou: põe uma
garrafa de água quente
na cabeça dela.
Se os meus pés estavam
frios: põe água quente
nos pés dela.
Eu mesmo fui procurar o
Dr. Sousa Gomes.

Ele disse-me que era
suspeição, e me explicou
as transições do corpo
humano. Que na idade de
sete anos, trocamos os
dentes, aos quatorze de
uma visita especial

em estorvo restando a
 visita especial, e deu-me
 os paratens. Deu-me uns
 remédios, fui melhorando.
 Foram contar ao curandeiro
 no que eu havia criticado,
 o seu tratamento.

Ele disse: se ela não
 crê, então ela vai ser
 muito infeliz. Ela vai
 dar trinta passos
 para a frente, e quaranta
 para trás.

A minha mãe ficou preocupada.
 Ele está te rogando praça.

Venhi-o, dizendo. Che!
 Se o senhor tivesse,
 autorização para curar
 não viria fugindo da
 polícia. porque os
 doutores não curam.

O senhor não pode por

uma placa no parto.

"Sr. Salatiel," curandeiro
 O curandeiro ficou falando
 eu fui me enfiando
 conhecida que os tipos
 ignorantes sempre querem
 ter, suas razões.

A daí de colheita que eu
 sentia foi desaparecendo
 eu fui recordando os
 trechos do passado. e
 pensando: O que seria
 que eu havia perdido.
 Tinha muito mais medo
 do curandeiro do que da
 minha enfermidade.

porque no mundo há
 sempre o pseudo!
 Há o médico, e o curandeiro,
 Há o poeta, e o poeta.
 somente o que é
 real, é que vence.

em estorvo grande. Não mais

criança e fiquei com dó da minha mãe que trabalhava para me sustentar. Pensei! Quando a gente cresce tem que pegar este rems que se chama trabalho, para emprestar a vida.

Recordava as palavras sábias da Dona Maria Seite. As crianças tem que estudar e aprender um ofício para emprestar a vida com mais capacidade. Ela dizia. A Dona Maria Seite, é boa, é humana porque, ela, é do lado de lá - é paulista. Era riquíssima. Tinha dinheiro, bondade, e compreensão era intelectual. Percorria varias cidades do Estado de Minas

comprando roupas para as crianças pobres estudar e dizia: se eu não enriquecesse poderia auxiliar este povo. e eu não havia aprendido uma profissão minha mãe disse que eu podia ir pagar as crianças. O meu primeiro emprego. pagar crianças. Ficar o dia todo com a criança nas braças. E se ela cair, eu ficava apavorada. Mas a patroa era srio. Dona Algina: Que mulher boa. Me dava tanta comida. eu fui reconstituindo-me. Que alegria, quando recebi doze mil réis - fui comprar roupas. De aquelles doze mil réis despertou a minha.

ambição. A síria tinha
 uma loja. resolveram
 viajar para outra cidade
 de porque a cidade
 era pequena, e não ganha-
 vam nada. Charei,
 porque não é agradável
 perder os bons padrões.
 Fiquei sem trabalho.
 Apareceu um senhor e
 construiu uma fábrica
 de manteiga. Que nos
 douam manteiga, que
 ficaria grudada nas
 máquinas. Que homem
 bom. Há um padre.
 Deusão a cidade, porque
 ninguém lhe rendia tãta.
 Quando chegou um circo
 o povo reanimato. Mas
 o povo do circo, não
 dava serviço para os
 pobres. Fiquei alegre

quando fui trabalhar para
 o senhor Manuel Magalhães
 Tamaeirão - só nas casas
 dos ricos é que podíamos
 comer melhor. Na casa
 do senhor Manuel Magalhães
 estarei em festa com a
 chegada do seu sobrinho
 que chegou de Roma.
 Tãta receber a consagração
 que o papa lhes outorgou
 Que alegria. Eles eram
 importantes. Tãta um
 padre na família.
 O padre Geraldo.
 Eu deveria lavar as louças
 e limpar o quintal.
 Não tinha permissão para
 andar no interior da
 casa. No meu segundo
 dia de trabalho, ouvi
 um rebolito no interior
 da casa. - Vozes nervosas

foi ela! só pode ser ela.
 Eu estava no fundo do
 quintal. Eu estava ali
 para o padre ver que
 eles tinham empregada.
 Que economia tinham
 naquela coisa. parecia
 se que o patrão estava
 alegre por fora e vindo
 só por dentro. eu tinha
 a impressão que eles
 não gostariam de gastar
 e eram um casal sem
 filhos. eu nunca tinha
 visto empregadas
 naquela casa.
 O patrão estava impa-
 ciente com a minha
 presença, andando de
 um lado para outro
 não sabia se perma-
 nescia perto do padre
 ou se ficava na

despensa vigiando-me
 no quintal. No interior
 da casa começaram a
 gritar, foi ela! Só pode
 ser ela. pensei que eles
 estivessem falando das
 pessoas de suas relações.
 O patrão mandou que
 eu rachasse lenhos
 eu estava com um mach-
 ado nas mãos, cortando
 aquelas madeiras de lei.
 Quando vi dois policiais
 entrando. e a patrão
 indicou-me: É ela.
 O soldado aproximou-se
 dizendo: Estão presa!
 e vai andando vagabunda
 - se eu fosse vagabunda,
 não estaria aqui, traba-
 lhando. porque eu nunca
 vi um vagabundo
 trabalhar!

O policial disse:
 - Cale a boca! Você está
 falando com a lei. Ele
 era branco, olhou-me
 com cara de nojo e
 olhando a madame,
 disse - É assim mesmo
 este saldo da estradi-
 dao serve só para
 nos perturbar, e nós
 temos que ter políscio
 porque a lei os protege
 e diz - lhes para eles
 ser bons cidadãos, que
 eles nos tiram aqui,
 que eles também são
 brasileiros. É esta raça,
 é a mais pobre do país.
 O patrão disse - Vai
 vai senhor policial. tira
 esta nequinhã d'aqui
 pensei: ela é quem me
 contratou para trabalhar

e agora provoca esta cena.
 mesmo que ela fosse
 uma senhora cosada com
 aquela pena hedionda
 ela desclassificou. Se
 as suas ações ~~era~~ ^{era} ~~semelha~~
 nte às ações ~~dos~~
medicinas.

Eu não sabia porque é
 que estou sendo preso.
 Quando sai na rua
 o porto já estou ali
 para presenciar o grande
 espetáculo. E comentam
 o que será que ela fez.
 Os pretos me olhavam
 dizendo: A nossa raça
 não vai mesmo!
 - Ouvi uma voz.
 - Ela roubou cem mil
 réis do Padre Geraldo.
 Arrustei. Ah! É eu
 nunca vi uma nota

de cem mil réis. Eu
tinha visto o padre
através da janela.
Era um padre alto. Um
metro e oitenta. Magro
e o rosto cheio de espir-
ras. Um homem feio. Ele
acertou sendo padre,
porque não ia encon-
trar dificuldades para
arranjar namorada.
Era um homem triste.
Desta a impressão que
aquela latina para ele
era uma prisão perp-
tua. Ele não tinha
aceitado a latina por
volução mas por imposi-
ção. Ele era semelhante
ao personagem do roman-
ço, "O Seminário".
Eu ouvi ele dizer.
- Eu não vi criada nesta

coisa como pode ter sido
ela. Mas a portada dizia:
- Vai ela! Vai ela!
O soldado deu Ordem
Anda anda vagabunda.
ia responder nos
recorder; do brasileiro que
fai morto com um tiro no
ouvido. Recorde o que
houve lido na Bíblia
Quando Cristo parou na
frente do judeu. Arretero,
que ele deveria ser morto
nesta terra. par ter dado
Ordem a Jesus que ele
deveria andar, e quem está
andando é ele.
Pensei no Rui Barbosa, que
dizia, para prender é
necessário ter portas.
Foi um arisco a minha mãe
que eu havia roubado
cem mil réis de um padre

O Porto-Capitão, diziam;
 Credo! O padre vai estomun-
 gai-la. O padre não saiu
 na rua... É o padre que vai
 rezar a missa de domingo
 êle é o padre que saiu
 do Seminário e foi em
 Roma para ser benzeido
 pelo papa.

A mãe do padre estava
 eufarica. Mas somas
 importantes. Temos um
 padre na família.

Quando cheguei na cadeia
 minha mãe já estava a
 minha espera...

- O sargento perguntou-me!
 Você roubou o cem mil
 réis do padre?

- Não respondi. Estava
 furiosa, e arrependida
 de ter nascido no rico
 "Estado de Minas"

Isola! Você sabe que eu
 posso te bater? Posso te
 castigar! Insolente,
 noventa. Ladrona. Onde é
 que já se viu roubar
 um padre.

- Eu não roubei. e nunca
 hei de roubar. eu também
 tenho nojo e odio das ladrões.
 Os ladrões não te castiga-
 lias são piores do que os
 ratos.

- O senhor quer que eu luto
 nela senhor sargento.
 perguntou o policial que
 havia me prendido.

- Se ela não entregar o
 dinheiro. você pode bater.
 Minha mãe estava na porta
 me olhando. É aquêl o olhar
 me perturbou. Que olhar
 triste.

- Ela é minha filha! IMS

Que grandes filhos vocês
põe neste mundo.

Ela, é muito inteligente!
O sargento respondeu - Che!

- Quem é inteligente não
rouba, porque o que
roubamos voltará ao seu
legítimo dono. O ladrão
perde o nome, e a dig-
nidade. Senta esta
noção para a ela.

O telefone tocou, o sargento
foi atender e disse
Muito bem. Muito bem!
Desligou o telefone e
disse - me!

- pode ir - se embora.

O padre me telefonou e
disse - me para libertar - lhe
e te pede perdão. Disse que
encontrou o dinheiro dentro
da sua carteira de egarros,
que vai rezar para você

ser feliz.

pensei que a confusão
foi gerada pela tal potião
que queria ficar livre
de mim. Com dó de me
dar comida.

O padre viajou no mesmo
dia, e não rezou a missa.
E a sua mãe estava cho-
rando, dizendo que era o
seu sonho, vê-lo na
frente do altar - mas
rezando uma missa
E o padre viajou sem
almoçar. pensei que
mulher e comânicas, para
livrar - se de mim, me
acusou de ladrão. pensei
ela não tem cultura. É o
tipo das mocinhas que têm
sorte de casar - se com
um homem de proleção
visando ser apenas a

m. m. qualquer coisa.
 A notícia circulou num
 momento - a Bitita,
 roubou cem mil réis
 de um padre. O povo
 exclamaram Oh!
 Horas depois, a notícia
 circulou - a Bitita,
 não roubou e o povo
 murmurou - Oh!
 O sargento, um milão
 Óbasso foi na minha casa
 propor-me, que eu
 podia contratar um
 advogado para proce-
 ssar o Senhor Manoel
 Magalhães por injúria
 Refleti. O Senhor Manoel
 Magalhães não me ofen-
 deu. Era um homem triste
 dava a impressão que
 estava arrependido de
 ter se casado naquela

família. Em consideração a
 ele, encerra-se o caso.
 O sargento disse-me que
 eu poderia ganhar até
 cinco contos. Compreendi
 que o Senhor Manoel, Maga-
 lhães não ia dispensar de
 uma quantia tão elevada
 de cem mil réis que era
 uma unidade tão pequena
 eles me acusaram, iam
 me botar, por cinco contos,
 eram depois até de mandar
 me matar. O dinheiro,
 o papel que é adorado
 pelos homens, de menta-
 lidades mignon têm
 causado milhares de
 transtornos a humanidade
 se até na crucificação de
 Cristo, ele teve participa-
 ção.
 Minha mãe dizia - Deixa

isto, pro' lá, eles são ricos & assim as crianças pobres não crescem e tomando conhecimento desta muralha que divide a humanidade. A muralha chamada riqueza.

Nas cidades pequenas, que medo que os pobres tem dos ricos.

Minha mãe me dizia ou você não tem sorte ou ti puzeram feitiço. Que vontade de vir porque não creio no feitiço. O feitiço é invenção dos ignorantes. E eu fiquei no meio-termo da opinião pública. É ladra! Ela é ladra. O povo quer ver o padre Geraldo.

É pai-pão intermédio do roubo que o povo

tomou conhecimento da sua presença na cidade.

Fiquei com medo de procurar emprego. Pôr infelicidade minha, minhas pernas ficaram cheias de feridas. eu ia procurar lençóis para branhá-los, tomava chá e nada de sarar.

Quando a minha mãe ia lavar roupas na residência do Senhor José Saturnino, eles nos davam comidas. E a Magdalena me dava os seus vestidos usados. As pessoas que eu gostava eram a Dona Matália Miranda, e o seu esposo. A Magdalena Scalón, o Fioravante Scalón.

a Olívia Teixeira
é o meu primo Paulo.

Minha mãe dizia: eu

MS

pensava que você ia se
 mais feliz do que eu
 porque aprendeu a ler
 eu te mandei na escola
 com a esperança que você
 poderia ser feliz na vida
 mas, creio que a leitura
 não vai te auxiliar em
 nada. e aqueles feridos
 nas pernas me lembram
 a enfermidade também
 é uma doença que nos
 prende. fui ficando
 triste. Minhas primas me
 olhavam com indiferença
 como se eu fosse um ser
 repugnante. e aquilo me
 revoltava. eu tinha que
 fazer qualquer coisa
 para ser notada.
 Queria que eles me ouvis-
 asse. pois o cérebro em
 função. e decidi responder

os anúncios dos jornais
 pedis amostras grátis
 dos produtos e recebia
 cartas, do Rio de Janeiro
 cartas de São Paulo.
 porque todos sabem que
 a capital do Estado de
 São Paulo, é São Paulo
 e os que nascem no interior
 do Estado de Minas, não
 sabem que a capital do
 Estado, é Belo Horizonte
 não é fundada como São
 Paulo, que é o pilar do
 Brasil.

Até o senhor José Neto
 que era o chefe da agência
 postal, admirava a
 minha correspondência.
 Não deu certo. Soui tudo
 ao contrário. Começaram
 a falar que aqueles cartas
 eram dos meus amigos.

parei de escrever.
 pensou: Quando eu sair
 hei de ir-me embora
 porque eu notou que
 as que deixavam a vida
 de Sacramento, não mais
 voltavam. Mas as que
 saíam não eram doentes
 O meu irmão me fingou
 que não tinha saúde para
 trabalhar. Sanchona.
 Quando eu trabalhava,
 quero comprar roupas
 bonitas e bonitos pares
 de sapatos. Eu ainda
 hei de me vestir bem.
 Quer que seja uma so-
 vez na vida.
 Minha mãe me dizia e
 dizia, que para feliz só
 quando nós eramos
 pequenos - e você não

desejava crescer. Parece que
 era o seu sobeconsciente
 advertindo-lhe inconscien-
 temente, não se apertar a
 vida para os grandes dias
 velhos e funesta. Mas, há
 uma solução.
 - Você pode casar-se. eu
 posso te arranjar um noivo
 você pode casar-se com o
 geraldo. Ele não tem nojo
 de você. Eu vou falar
 com ele e abertaremos tudo
 a mulher deve casar-se
 nem que for com um
 pedaço de pau. O homem
 é muito importante na
 vida de uma mulher.
 Pensei: Será que a minha
 mãe quer proteger-me,
 ou limitar-se de mim.
 Já estava começando a
 intilhar as que não tinham

céu. que é muito melhor
 suportar o peso da terra
 do que uma vida desajus-
 tada. Quando eu olhava
 as mãos, olhava as
 suas pernas. e chorava
 Um dia resolvi suicidar
 ia me jogar dentro de
 um vato. Bem profundo
 pensei, dêo procurar um
 lugar bem fundo. e assim
 nem os cães vão de
 descobrir - me ninguém
 vai chorar por mim.
 E se eu continuasse
 vivendo... será que
 ainda seria feliz!
 Quando eu ia me jogar
 ouvi uma voz
 - Não faça isto! Melhores
 dias virão!
 Olhei em todas direções
 não vi ninguém

fiquei com medo e saí
 correndo. Quando cheguei
 em casa as minhas roupas
 estavam rasgadas.
 E decidi que não mais
 tentaria o suicídio. Agora
 eu quero e dêo viver
 Vou lutar para viver, e
 não para morrer.
 Estes dias negros e tristes
 não de ter fim. Aquela
 apatia que me dominava
 desapareceu por completo.
 Agora, eu era uma Carolina
 lubrificada, cheia de ideais
 e de ilusões. Tentei pensando
 que eu é quem deveria dar
 uma solução no minha vida
 Adameci. De manhã vi as
 minhas primas que iam trabalhar
 nas casas das ricas e ganhavam
 quarenta mil réis por mês.
 Não me olhavam. porque não

famílias pobres, predomina muito mais as intolidades do que a união. Este não gosta d'aquêlê, o filho não respecta o pai, não obedece a mãe. So há obediência quando os pais são ricos.

Do sair ellos pediam: possa o meu vestido. isto eram as cenas de todos os sábados. Mas para mim não havia o dia predileto.

Nas proximidades da minha casa, residia um senhor que estava doente. estoria marfético. Eu ia conversar com êle. Que homem feliz.

Dizia que ia curar-se, que gastaria do mundo. Que é a única causa bella que Deus fêz neste mundo. foi a mulher que pretendia casar-se e ser pai de vários filhos

perguntei-lhe a origem da sua enfermidade.

Respondeu-me que fdi as doenças venereas. Que êle trabalhava e ganhava muito dinheiro, para gastar nos lupanares. Mas quando êle sarasse ia ter apenas uma mulher. Comecei a minha vida errando. Eu era indisciplinado. Não obedecia os conselhos. Na vida é necessario ter prudência em tudo, uma noite o serviço sanitario, foi prendê-lo, e não mais vi o senhor paulo.

Do redar da minha casa havia muito moto eu ia sentar debaixo de uma árvore e lia as revistas Uma muda de cigarro, o Tico-tico. Vida doméstica. As vertentes

que publicavam as ocurezas da alta sociedade, e as feições das políticas.

O que me preocupava era a negligência do político no governo. Ele não construía nada de útil, não havia serviços para os pobres. Nas escolas, os pobres podiam estudar só até o quarto ano primário.

Quando as crianças começavam a gastar do estudo, tinha que desistir porque não podiam pagar as calégias e ficavam revoltadas.

As que sabiam ler ficavam vaidosas, escolhendo e selecionando o local de trabalho. As que sabiam ler, não queriam trabalhar na lavoura. E na cidade não havia industria não

havia possibilidades para os jovens. Alguns deixaram a cidade. Me aconselharam que eu deveria ir na cidade de Uberaba. Que era uma cidade adiantada. Tinha a Santa Casa, e eu podia me tratar gratuitamente.

Decidi ir a pé. Mas tinha medo. O meu sonho era trabalhar para auxiliar a minha mãe. Pensava, ela me criou, e eu não posso auxiliá-la em nada.

O geraldo, procurou me para pedirme em casamento.

Era a primeira vez que falavamias.

Olhei a sua boca, apenas uns toquinhos de dentes e pretos. Senti náuseas.

Ele dizia, que ia lutar-me ao curandeiro, e voltar

sarar. porque eu não ter
 vergonha de ser seu
 marido. Você põe as mãos
 nestas feridas e depois
 vai cozinhar pra mim
 e as meus colegas não
 dizer: heii geraldo! você
 não arranjou coisa melhor
 tãe que pegar a firi-
 dta. Mas a sua mãe me
 pediu para eu me casar
 com você. Sua mãe disse
 que você gosta de trabalhar
 no campo, que você sabe
 cuidar das plantações,
 e o lugar do homem pobre
 é mesmo no roço.
 E você pode ensinar os
 nossos filhos a ler.
 pensei: minha mãe quer
 casar-se de mim. e o
 geraldo se casar comigo
 e pôr imposição. porque

ele era muito tímido. Dehei
 graças. Descei ele na sala
 e fui para a cozinha.
 Quando a minha mãe chegou
 ele estava na sala. eu já
 estava deitado. pensando
 que daria sair vagando
 pelo mundo. a procura de
 um lugar para eu viver
 sossegado. O meu irmão
 disse-me que eu poderia
 pedir esmolas. Que era o
 meu destino ser mendigo.
 O que me consurta era o
 meu corpo sãe. e eu poder
 entrar em qualquer lugar
 sem rejeição sem complexos.
 Eu não aprato as que
 comercializam suas chagas
 O meu sonho era consultar
 um médico para ele me
 dizer se eu tinha cura ou
 não. eu já estava

IMS

conhecida que foi o
remédio do curandeiro
que mandou aquelas
feridas. E o general me
falava no curandeiro, as
tipas que eu renego.

De manhã a minha mãe
não interrogou-me para
saber se eu havia aceito
o pedido de casamento.

Decidi sair d'aquella
cidade, preparei as minhas
roupas e saí, ia na
cidade de Uberaba, a
pé. Tive andando, pela
estrada de rodagem.

É mais seguro. Eu podia
andar em qualquer
direção ninguém me inco-
modaria. As feridas nas
minhas pernas eram o meu
salvo conduto, que quadra
barricada para mim.

já pedindo comida nas
casas, ganhava, elas davam
a comida com tanto prazer
que eu comia sem constran-
gimento. Quando possuí
na estação - de Chove do Ribeiro
reládei quando maromos
na fazenda do logradouro.
A fazenda do Olímpio
Rodrigues de Araujo.
E o Rui Barbosa, dizia que
deviam dar uma gleba
de terras para as que
queriam plantar, que era
o único meio de se acabar
com as mansardas.
Eu ia olhando aquellos
terras desocupados, e eu
sem ter um pedacinho para
mim. Pensava. O Rui Barbosa
não sabe lutar com
denodo para nos auxiliar
e' duro nascer desajustado

nascer inhospito no próprio
país. As pobres não podiam
pagar as medicas, e a
aquela via - crucis eu
olhou a estrada e pers-
ava - até, eu chegar
naquela curva sentou
e chorou. Mas aquela
voz - Melhores dias virão!
agora dentro de mim,
como se eu tivesse,
tomado uma injeção de
insentido. E eu, não
devo esmorecer. De quem
será aquela voz. tão
poderosa e persuasiva
que me convenceu a
não suicidar. So pode
ser um amigo. Será a
alma do morto!

Será a sentença Euclides
Barbosa? Ou será o
meu anjo da guarda.

tãran às iniciais palavras
sensatas que já ouvi até
hoje. Na minha casa não
houve uma mentalidade
ampla para uma boa palestra
O que me deu uma confusa
era ver, que eles holha-
vam com tantos sacrificios
e o que rezelem gostava
na compra do pinga.

Lucraram muito mais, se
comprassem elite.

O Rui Barbosa diz, que
era necessário educar
O preto e o branco para
fazer uma coesão.

O homem que estuda, nota
que um precisa do outro.
que se o preto aprenderse
a ler ia querer imitar o
branco. se o branco tem
uma coisa confortável, o
preto ia saber aplicar

O dinheiro que conseguisse honestamente, comprando uma casa que era necessário inventar no negócio a vaidade de ter.

O Branco espalha para estudar, tem espaço, ele não aprende. Tem que ensinar as crianças a escola com sete anos para elas não crescer na radiagem. ir crescendo com uma responsabilidade. Não ser indolente mentalmente nem fisicamente. Sei que o Rui Barbosa escreveu alguns livros? preciso ler as obras do Rui Barbosa.

A minha ulusão era de que no voltar são. Hei de usar meus de sedas comprar vestido de veludo

Ainda hei de ter a minha época fidalgos se Deus quiser eu era ignorante e preocupada com as críticas das minhas primas.

Você não tem raivos, Você sabe ler mas é infeliz. E eu não saber ler deveria ser a líder da família. Já havia conseguido algo a meu favor. Não bebia álcool, não fumo, não sou epileptomaniaca, não tenho antiepilepsia desmedida. Quando sou obrigada a dizer algo, falo com o mínimo, e dou o máximo lembrando que eu já conhecia a cidade de Uberlândia quando iam vender gilo. E as pessoas que ficavam doentes iam para lá. Alguns máximas

outros voltaram dizendo
 que fãron operadas pelo
 Dr. Shimit. Era a primeira
 vez que eu ia a
 procura de um médico
 ia suplicando aos santos
 que me livresse daquêl
 cateterio. Pensava na
 poltre da Rufina que
 estava com o fogo selu
 agem. Estava destinada
 a morrer e as parentes
 da Rufina não lhe des-
 prezaria. Não lhe mo-
 guaria. Creio que
 deveriam tratar os
 nossos familiares com mai
 benévôlências nas suas
 adversidades porque o
 corpo humano tem as
 suas falhas, analisando
 a minha odisséia com-
 preendi que deveria

resignar-me a minha
 enfermidade não me
 prendia no leito. Daria
 até dar graças a Deus.
 Não passei fome nas horas
 que eu podia comida
 ganharia. Eu não tinha
 medo. Danço nas estradas
 Os homens que me olhavam
 dizia: Ela - é Paulo.
 Quando cheguei na cidade
 levei o meu tênis, troquei
 o meu vestido que estava
 amafanhado.
 O meu coração disparou-se
 Que medo que eu senti da
 cidade. Recordei que conheci
 uma família que residia
 numa chácara e fui
 procura-los. Perguntei e
 me ensinaram.
 Quando parti no porto
 eram seis horas. Quando

Os sinais badalando.
 Disseim que a Dna Maria
 abriu a porta cumprin-
 senti - a saindo.
 Ela também saiu e con-
 vidou-me para entrar.
 Moravam numa casinha
 bonita, bem mobiliada
 luz elétrica, pensei: eles
 estão filando ricos.
 pedi. se ela deixava eu
 permanecer na sua casa
 até encontrar um hospital
 se eu tiver sorte e sara-
 hei de relampasá-la.
 Ela disse-me que o caso
 era pequeno. Que eram
 as suas filhas quem pagava
 o aluguel. Que suas filhas
 eram sãs que eu podia
 contaminá-las. Que eu
 podia dar um aquele
 noite no galinheiro.

Eu estava aprendendo a
 ouvir e concordar. Seja o
 que Deus quiser. Muitas per-
 nas daíam e estavam
 inchando. Senti numa cadeira
 na côzinha pensando: que se
 eu fosse só poderia viver
 numa casa igual aquela.
 tinha a impressão que estava
 entrando no mundo por um
 caminho errado. Eu sendo
 doente estava conhecendo as
 pessoas. O senhor Leonardo
 chegou, não me cumprimentou
 e foi jantar. Pensei: eu
 aqui, sou indesejado.
 Senti sede e não tive
 coragem de pedir nem um
 copo d'água. É... O bom
 samaritano, não deixou
 sucessor. Os filhos do
 senhor Leonardo, foram
 chegando. Não me disseram

nada. pensei; elas, agora são rainhas, estão com este ceptis chamado saide, elas dançavam, fumavam e bebiam. pensei quando eu reediquirir a minha saide, não hei de beber não vou fumar, não hei de dançar. Vou conservar a minha saide como se fosse um diabinho no conto hei de recordar sempre destas humilhações que recebo. Na casa de Dna Maria, residia uma mulata que era de Araxá chegava com uns palates café, sobão, anil. pensei ela deve furtar isto das patações para agradar esta Dna Maria. Que hospitalidade trágica estava tão cansada

pensando numa cama e que se eu tivesse dado um fui na minha vida, já há quinze dias não mais estaria no mundo. que me acolhera tão mal, passei a noite sentada na cadeira, que alegria quando ouvi as ruídas nas ruas. era o dia que despartora as filhas de D. Maria, trocaram e saíram. Ela disse-me; Olha Bitita, você não pode ficar aqui eu não sou sua parente, não tenho compromisso com você, você vai na santa casa ver se eles te internam. Eu fui. Que vontade de pedir uma xícara de café em qualquer casa. eles faltou-me o coração. já estava compreendendo

que o mundo não era hostil
para os pretos, se eu fosse
sã poderia trabalhar e
atender bem. Na santa casa
me examinaram, e fizeram
curativos. Recomendaram-me
que eu deveria ir para a
minha casa e repousar
para não agitar o sangue.
deveria ir fazer os cura-
tivos duas vezes na semana
ir de carro. Que era doença
de ambulatório.

Compreendi que não ia ter
possibilidades de me curar.
Fui procurar a casa de Dona
Mama, ela disse-me que
eu deveria ir pedir um
auxílio no Hospital São Vicente
de Paulo. No Alto do Aboadi
peguei a minha trauça e
fui. Cheguei no Hospital
toquei a campainha, e

pedi auxílio, fui introduzida
numa sala. Na parede estava
um quadro do padre francês
São Vicente de Paulo sendo
ele o patrono daquela casa
era digno daquela deferên-
cia especial.

Sentei e fiquei aguardando.
Creio que fiquei
sujinho uns dez minutos.
já estava cochilando por
estar com muito sono.
Assustei quando ouvi
uma voz suave.

O que desejava minha filha
senti uma alegria interior
porque não estava habitua-
da com as palavras aná-
letas se é que existem
as palavras doces, os
meus ouvidos desconhe-
ciam

Despertei nervosa. Porque

O meu desejo era dormir
 estorvo cansado pôr ter
 andado muito. Pensei:
 será que a irmã vai
 me acatar, se eu não
 conseguir uma vaga
 não vão ficar resentida
 já está habituando-me
 com os amareumes. que
 a vida nas da' em tone-
 ladas, sonhados e pedi-
 mas umas grammas de
 alegrias. Mas a vida é
 irônica. gosto de nós
 de seplanar e nos enlio
 uma carga de tristezas
 Ergui os olhos e vi uma
 preta olhando-me. Com
 os seus olhos verdes.
 Olhando-a pensei, esta
 irmã pode dizer que é
 francesa, inglesa, italia-
 na e alemã. Ela

assemelhava-se a todas
 as raças: - pedi; sabe
 irmã, eu vim pedir - lhe
 se pode recolher - me
 porque eu tenho estas feridas
 nas pernas, e não posso
 trabalhar porque as patas
 têm nózo de mim. E eu fico
 com complexo de ser
 relegada. Não que estrei
 no mundo pela porta
 errada. Sou uma peça
 humana, mal construída
 e cheia de defeitos.
 A irmã era triste. Matonta-
 se que ela estorvo vi
 por causa dos olhos.
 Ourtiu-me em silêncio
 como se já conhecesse o
 meu drama. Sentou-se
 na escrivaninha.
 - O seu nome?
 Carolina Maria de Jesus

pôs às anotações, fechou o livro, e guardou. Convidou-me para acompanhar-lo. No interior do assito vi as divisões no local destinadas aos homens, vi os homens velhos. No local das mulheres vi as mulheres velhas. Pensei isto aqui é um museu humano. Mas admirei o capricho dos homens de Uberaba para construir um assito para atrair os velhos. Em Uberaba o porto era bom. Era vaidoso perceptivo. Se que o objetivo d'elles era dar conforto ao porto, e embelezar a cidade. Que porto parinhoso, pensei, este porto páram realidades

com o mel de abelha são laboriosas e humanas. Elles não admitem que os mendigos fiquem vagando pelas ruas. — Eu cheguei antes do almoço. O cozinho é no centro. A irmã indicou o meu quarto. Tinha duas camas no quarto. agitei as minhas roupas e fui almoçar. — Que almoço. Almoço de classe médio. Carne, verduras, frutas. O quintal era grande. Vários armazens frutíferos. Aproveitei e fui dormir. Despertei as duas horas e fui tomar café. Depois vaguei pelo quintal. Fui ver o poço. Quanto água. No outro dia a irmã deiscou que eu fásse

na santa casa fazer os
 curativos. Voltando para o
 assibo e deitando, levantando
 para aluciar, tomar
 café, e jantar e deitar.
 Os pernas não daíam.
 Fui cansando daquela
 vida. - pedi serviço
 para a irmã superiora
 e irmã Augusta.
 Era quatro irmãs. da
 Congregação Jesus e Maria
 José.

Ela deu-me as roupas
 para lavar. Lavava as
 roupas de quarenta
 pessoas. Eu tinha medo
 do pretinho que era a
 cozinheira - e Geraldina.
 Eu olhava as suas pernas
 sem feridas e revoltava
 era a única coisa que
 eu achava nos

mulheres. Quando será que
 irei ter as pernas curadas,
 quando conseguirei deixar
 a cama e remédios.
 Para me acalmar a irmã
 Augusta me dava livros
 para eu ler. A vida dos
 santos. e me dizia: as
 pessoas sofrem por incom-
 preensões. É melhor resignar-
 se do que desesperar - se.
 Você ainda vai sarar, vai
 comprar as meias de seda
 os vestidos bonitos e quem
 sabe poderá até ficar rico
 poderá casar - se e ter
 várias filhas.
 Quando o médico visitava
 os doentes, a irmã não
 deixava ele examinar-me.
 Eu perguntava a mim mesma
 - porque será?
 Ela dizia que eu estava

intoxicando-me com tantos remédios. Mas eu pensei. Ela não quer me ver. Não é minha amiga.

Não existe gosto lá neste mundo. Isto é a vida. O que adianta eu ficar aqui. Se não vou sarar. pedi a irmã que me deixasse partir. Pretendi visitar a cidade de Belém preto. Queri dizer que os médicos eram eficientes.

A irmã custódia, era portuguesa. Me dizia você é criança. Ainda não sabe o que é sofrimento. Eu sou esculada. Na minha vida também têm dramas. Todos que nascem trazem a sua cota de sofrimento. Eu conheço

a África. É a pátria dos seus ancestrais. O solo é fértil. as antares são gigantescas por causa do calor. Eu fui lá para catequizar aqueles almas. Eles ainda são escravos do primitivismo. Quando você sarar você pode ir na África. porque você é inquieto. Todas me falavam do seu país. Na Europa não existe analfabeto. Que no setor da educação a América Latina é em nível inferior. Eu vou desclar o assunto. O meu sonho era a minha saúde queria trabalhar para superar os meus parentes que horriam me maguado muito. Quando eu sarar não quero ter amigos de com os meus parentes. Não posso ser ingrato com

inimãs. Era carinhosas
 elas eram fingidas. Pensava
 seria que elas nasceram
 boas, ou decidiram a ficarem
 boas? Tornei as noivas dos
 assilados. Os coleritos
 não gostava de ver os
 homens surdos. Eles gostavam
 de mim. Eu tinha do' de
 homem surdo mudo. Era
 jovem. Este é mais infeliz
 do que eu. Dizem que as
 crianças que bebem a água
 do parto quando nascem é
 que ficam mudos. Que é
 um veneno terrível.

Numa segunda feira, eu
 descei o assilo, e voltei
 para Sahambito. Tive a
 pé três dias de viagem.
 Na pedrada canida,

Entrava nas roças pegava
 melancias. Já estou no

perdendo o medo. de andar
 sozinho. Quando cheguei, na
 casa de minha mãe, eram
 seis horas. Atenção manã.
 - Você não estava bem por lá
 o que veio fazer aqui. O
 povo aqui é maltrato
 muito. Não te consideram.
 Você não sabe?

- Não.

Minha mãe continuou dizendo
 que eu deveria deixar
 aquela cidade para sempre.
 aprende ter opinião não volte
 mais. Você tomou remédio?

- Sim mas não sara
 Quando o meu irmão chegou
 me xingou. pensei, eu não
 vou sair de casa. E assim
 eles não vão falar de mim
 Com o tratamento hospital na
 minha casa. eu aprendi de
 ter deixado o assilo

IMS

Minhas primas quando me olhavam o olhar era nos minhas pernas e saíam de minha tia, "a tia negra" dizia; A Bitita não pode sarar. Se ela sarar ela vai ficar rica. Minha tia já que era casada com o irmão de minha mãe.

* Fui arrancar raízes para fazer chá. As lenas não haviam mudado. A luta para arrancar o que comer. Os dias iam passando. Um dia amanheceu confuso com as ruas cheias de soldados - É a revolução em andamento só a revolução das famílias quando se locomovem. Mas a revolução dos homens é trágica. É uns matando os outros. E o povo só falou assim:

no getúlio Vargas e João Pessoa. Era a união do Estado da Paraíba com o Rio Grande do Sul. e as tenentes conchabaram os homens a fardar-se, que os homens não detiriam ficar em missões no Brasil que a patria estava em litígios estas sedições. Oclarem por causa dos insubmissos e prepotentes que querem governar a Nação com o getúlio, vamos ter mais trabalho. Ele é o fundador do Partido Trabalhista. Os soldados circulavam pelas ruas ostentando suas bandeirolas Verde amarelo e branco com o retrato do getúlio no Centro. Os que olhavam o retrato simpatizavam com ele.

diziam: agora o Brasil
vai ficar nas mãos
de um homem!

Este vai dar impulso ao
país. Sem um povo
sem líder, tendo que
despertar. O país não pode
continuar deitado e ter
amante em berço exple-
tado. O nosso país é muito
atrasado. As moças
que eram empregadas
domésticas, não saíam
das casas dos patrões.

Eu estava trabalhando
na casa da Dona Nini
esposa do Gaulho. Ele
estava contente porque
era o seu estado que
estava dando o Brasil
em ordem. Eu andava
pelas ruas. Ouvia os
soldados cantar:

Volta a nossa retolucão!
O Brasil vai subir igual Bobó
com o getúlio, o Brasil vai
com o getúlio, o Brasil não cai.

Vamos ter mais pão na mesa!
O getúlio é amigo, da pobreza.

O dinheiro rei, O mil réis
fai recolhido. Circulava um
dinheiro chamado Bonus.
Os homens que fardavam
relecion uma quantidade
de Bonus para deixar para
a família e relecion as
fardas, as que relecion
o Bonus compravam comidos
para as familiares em por-
ções. As que estavam habitu-
adas a comprar kilos,
compravam solos, ou
partura. As mulheres dizia-
se o Brasil fosse sempre

assim! isto aqui seria um
 paraiso. Uns compraram
 material de construções
 ramos de cana,
 Vários jovens fardaram. Os
 que imiscuiam-se no
 meio das revoltas usava-
 ram assim que vestiam a
 farda. Para as que tinham
 noção de observar minuci-
 osamente, percebiam-se que
 aquela revolução estava
 sendo preparada há uns
 três anos. Não cometiam
 falhas. em cada irridade
 tinha um caminhão com de-
 zendo os fundamentos.
 botas capotes de lã,
 Quanta carne. Não havia
 saque. Era praticado no
 interior. e punido os
 infratores. Os que não
 fardaram não rejeitavam o

Bonus. — O meu irmão não
 quis fardar — se disse que
 tinha medo da revolução
 Homens seil fardavam
 para receber os Bonus. e
 compravam material para
 construir uma casinha. dizia
 se eu morrer deixo uma
 casa para os meus filhos
 para os pobres aquela
 revolução era a época dos
 valos gordas.
 O meu irmão queria ver os
 soldados resolveu vestir-
 se de mulher. Vestiu um
 vestido da minha mãe
 pôis colar pintou o rosto
 anarrou um lenço na
 cabeça e saiu. Meia hora
 depois ele entrou em casa
 chorando, despiu-se lavou
 o rosto e vestiu os seus trajes
 masculinos. Uns soldados

passaram e perguntaram
- voçes não viram passar
uma mulata bonita pãr
aqui?

Minha mãe respondeu:
- Eu não vi não senhor.
Estavam procurando o meu
irmão que ficou bonita
vestido os trajes femininos.
Os soldados retiraram-se
dizendo: Que mulata bonita!
Nunca vi coisa igual.
- Será que ela já é casada
mulheres bonitas arrancam
danos logo. Eu queria
apenas olhar para ela.

... porque nós
não podemos molestar
as mulheres. A reeducação
não permite e nas punes.
O meu irmão tremia.

Quando os soldados retiro-
ram-se, ele desapareceu

O porto estorto campus
parque haviam rotado no
senhor Julio Prestes, e
estavam aguardando a
sua passe. E aquela época
havia as rivalidades
de Minas e São Paulo.
O porto folto que a
redução era a fortão
ao homem do campo que
poderia deixar a vida
do campo e residir nas
cidades. Instauraram
empregos nas fábricas.
O serviço nas fábricas
não exigiam homens,
especializadas; pronto,
as enteadas foram relega-
das e os arados ficaram
inativados. O Brasil não
deixar de ser um país
agrícola, para transfor-
mar-se num país indus-
trial.

alizados. O povo dizia que o Getúlio Vargas, concedia empréstimos ao que pretens dessem fundar indústrias era a primeira vez na história do Brasil, que um presidente inventaria o povo reerguendo - lhes a moral. Os pobres diziam - O Getúlio, vai ser o nosso parol.

Quando o Brasil normalizá - se, os que haviam recebido Bonus, foram trocá - los na Colônia entregaram os Bonus e receberam o mil réis que na época era o vale tudo. O dinheiro era mais forte do que o produto. Era dinheiro - valôr recebido. Não era o dinheiro legal. O dinheiro

valôr recebido, era predominador, e o valôr legal é predominado. Quando alguém estorta com um mil réis no bolso, elle tinha a impressão de ser um semi - banqueiro. Era um homem tranquilo porque não tinham problemas econômicos.

Os que receberam o mil réis quando trocaram os Bonus propalaram. E o Getúlio tem palavra mesmo! O homem não trinta. Eu sei. O homem é sério mesmo. É agindo assim o Getúlio foi predominado daqueles mãos pobres, que fardaram - se e entraram no Estado de São Paulo, não mais voltaram para os seus Estados. Conseguiram

emprego em São Paulo.
 nas correspondências com
 os seus familiares elles iam
 carregando as seus parer-
 tes a transferir - se para
 o lado de cá. & aquella
 carta circular de mão
 em mão. Mas carregando
 que o Estado de São Paulo
 é o paraíso dos pobres.
 & eu, pensava: Quando
 eu recuperar a saúde
 quero conhecer a cidade
 de São Paulo. Quero ver
 a cidade sucursal do
 céu.

& os homens quando reuni-
 am - se falavam no Getúlio
 que era o pai dos pobres.
 & eu cancelei a gastar do
 Getúlio e pensava:
 Será este, o político que
 vai preparar um Brasil

para os Brasileiros!..
 Elle havia reanimado o povo
 aquêle povo quente - fogo,
 apático; há deuses pra
 amanhã, estortam sanhaço
 idealizando, e projetando.
 porque podiam confiar no
 governo que não decepciona-
 ra, - os que projetariam
 dizem: Eu vou para São
 Paulo, e vou conseguir
 um empréstimo com o Getúlio
 e abrir uma industria
 com cinquenta operários
 porque o Getúlio diz que;
 se o operário tiver emprego
 elle não terá tempo para
 transitar - se e desoystar
 se. elle só nos concedem
 empréstimo, mas, com a
 finalidade, que o benefício
 do, vai ser o operário.
 & industria em São Paulo

é lucro imediato.
 Quando as fazendas ficaram
 vizinhas deixaram suas
 terras, e transferiram-se
 para São Paulo. Os velhos
 diziam: Um dia, eles vão
 de arrependimento-se, porque
 a fazenda também ajuda
 o país. Agora que o campo
 vai para a cidade, vai
 diminuir as terras produ-
 tivas. Vai ser uma,
 minúscula a produzir
 para uma multidão,
 consumir. Não foi as
 consequências serão desas-
 trôsas. porque o homem
 manipula o feno, mas,
 não come o feno.
 Eu pensaria: porque será
 que nas cidades pequenas
 não se sente o efeito de
 um político. se eles fazem

tantos progressos nas capitais
 poderiam fazer no interior
 e o homem não necessitaria
 de locomotiva de um Estado
 para outro. Mas a minha
 cidade continuava no mesmo
 estilo. Eu olhava a cidade
 e pensava: Porque Sacramento
 é semelhante a um bolo
 que não puzeram fermento
 não, cresce.*
 Minha mãe me deu trinta
 mil réis. pensei: com este
 dinheiro eu vou até Ribeirão
 preto ver se consigo inter-
 nar-me, quem sabe se
 desta vez, com o auxílio de
 Deus, conseguirei parar.
 Não despedi de ninguém
 a passagem custava vinte
 mil réis. para viver na
 vida é necessário, pensar
 e agir. Cheguei em Ribeirão

às seis da tarde, paguei seis mil réis para dormir e pedi ao porteiro para despertar-me às seis horas. Não dormi pensando!

— Sena! que eu não sou feliz aqui nesta cidade? Que medo que eu sinto das cidades grandes. E eu não tenho dinheiro. Levantei, peguei a minha trouxa e saí. Segui a Avenida da Saudade. Cheguei na Santa Casa e pedi uma consulta. Fizeram um curativo e disseram que eu deveria voltar depois de três dias. — Portarei-me! Ficar onde? Resolvi: que a tia Ana morava naquela cidade e decidi procurá-la — perguntando, conseguí

localizá-la. Ela residia na Vila Tibério. Quando cheguei era seis horas da tarde. Eles estavam jantando. Fui na porta e empurrei-a:

— Ah! tia Ana!
Ela não respondeu-me. Mesmo sem vontade este vontade não entrou, eu entrei e senti. Os meus pés estavam inchados dentro dos sapatos que empurrei-os. Lá sóbado. A tia Ana disse-me:
— Você com certeza já jantou — Não senhora.
Ela dirigiu-me um olhar furioso. Pôs um punquinho de feijão, e arroz, e foi dizendo: visitas de bocas não me interessa. visitas de bocas sim.

Como foi que você desto -
 teriu a minha casa?

- Foi uma mulher que
 ensinou-me.

Minha tia ficou furiosa
 xingando. Ah! Mulher
 infame desgraçada. Ela
 que vai para o inferno
 comi, e fiquei com fome
 Muitas primas estavam
 vestindo-se. não fazer
 um baile havia aluga-
 do um salão.

Decidiram que eu deveria
 ir, porque não me conhe-
 cia e não podiam me
 deixar sozinho. Não
 sabem se ela é ladra
 & a classe que eu tenho
 mais não é o mulato
 como eles desfozem dos
 pretos. É duro suportar
 aquelas zombarias e suas

filanqueas. A casa da tia
 Ana, era cheia de adâmas
 quantas amofados no salão
 Eu fui ao baile. A Marcelina
 andava de um lado para
 outro. Estava na sala de
 um jovem, o Octavio. Um
 homem sério.

As pessoas que estavam
 presentes foram seliciana-
 das. Bem vestidos.
 Os homens usando ternos
 de casimira. Eu pergunto
 sero que elles são ricos?
 A noite usavam um
 frango assado. Que vontade
 que eu senti de arranjar
 naquêl frango, e sair
 comendo. Eu estava sentada
 perto da tia Ana, olhando
 os que dançavam e pensando
 elles estão do outro lado do
 mundo. O mundo que a

saide lhes conferem.
 para mim, aquilo eram
 apenas lenas. Que eu
 poderia olhar mas, não
 poderia tomar parte.
 Já estava mais calma,
 compreendendo que a revolta
 não me beneficiaria em
 nada ~~mesmo~~ como
 estava e que não poderia
 continuar. Os doentes têm
 que isolar-se mas é
 duro agitar isto,
 eu tinha a impressão que
 estava numa prisão
 e sem a esperança de
 conseguir a liberdade.
 Do lado da tia efra
 estava sentada uma
 senhora que ultrapassa-
 ssava os cinquenta anos
 olhou-me e perguntou
 para a minha tia

- Quem é ela?
 Minha tia olhou-me
 minuciosamente e disse!
 - É uma mendiga, que de
 vez em quando vem na
 minha casa pedir esmola.
 - Cãitada! tão jovem e já
 esta incapacitada para
 enfrentar a vida, como a
 senhora é caridosa!
 E a tia efra sorriu com os
 elogios da mulher.
 Estava com sono, mas não
 podia nem cochilar
 para finalizar o baile
 decidiram marcar uma
 quadrilha. Mas faltou
 damas, então convidaram
 a minha tia, a outra
 senhora, e eu.
 Que suplício quando fui
 levantar, as pernas estavam
 inchadas e pesadas como

se os meus pés fossem de
chumbos. O meu desejo
faz dizer: 'môço, eu não
páso dançar. Está doente
êlê podemo dizer - me!
- Lugar de doentes não é
num salão de baile, é
num hospital.
Aceite o convite. Êlê
sáriu para mim. Eu
também sáriu. Já pozui
tempo que não dançaria.
Não era a minha distra-
ção predileta.
Eu era mal vestido era
a gata tranalhina n'aquele
nickel. Estava pedindo
a Deus para que aquella
quadrilha terminasse.
Eu não sabia se prestaria
atenção na música, na
dança que eu sentia, ou
na marcação da quadrilha

os que dançavam saíam
e eu com vontade de gemer.
Que alívio quando a
quadrilha terminou.
O povo despediu-se e nós
 fomos para casa. Quando
chegamos a minha tia,
deu-me as passadeiras
para eu fazer o linho
e deitar. Quando respirei
sentia o cheiro de proleiro
não adormeci por causa
do frio. Levantei e
sentei numa cadeira. Não
sentia sono. Por estar com
fome.
O meu primo José Marcelino
entrau na cozinha. Esqueceu
café tomou e saiu sem
me cumprimentar. Êlê era
máquinista do trem que
ia para Bertãozinho.
Quando o dia desportou-se

fui aquetir - me no sol.
 Mas me deram café.
 Elles comentaram a renda
 do baile doze mil cruzeyros
 eu tinha permissão de
 ficar somente no quintal
 do nêio dia almoçaram
 e a minha tia deu-me
 duas colheres de arroz e
 duas de feijão. Queixando
 que eu estava sendo um
 peso para ella, porque e'
 que você não vai pedir
 esmola. Vai andar pela
 cidade, já enjoei de te
 ver aqui na minha casa
 eu mudei de Sacramento
 só para não ficar mis-
 turada com roças.
 Queixou-me que estava
 arrependida, de não ter
 cuidado da Maria Sebast-
 tiana, minha prima

que a Maria, era bonita
 e poderia casar-se bem.
 Decidi sair. Tui na casa
 da Barbara. Quando ella
 me viu, fechou a porta
 pensei: se algum dia
 eu sair, e prosperar
 não tenho compromisso moral
 com os meus parentes creio
 que se elles me vissem no
 mar não me reconheceriam.
 Se eu não fosse doente,
 não poderia castellar o lado
 negativo dos meus parentes
 Voltei para a casa da tia
 Anna e senti no quintal
 dormi. Quando despertei
 elles já haviam jantado
 O que eu admirei foi a
 tia Anna não perguntar
 pelas parentes. Se estavam
 bem. Ella desligou-se da
 familia porque as outras

eram pretos, pensei no sacrifício que o mulato fôz para dar a impressão que é rico. Eu estortei minha, três dias sem tomar banho, na cidade de Ribeirão Preto, com um calor insuportável mas eles não iam deixar eu tomar banho no banheiro. três dias na casa da minha tia e havia comido apenas duas vezes, mas Deus estortei protegendo-me não sentia fome.

O que me harmonizava era ter que deitar naquelas passadeiras sujas e cheias de pó. Compreendi que eles me tratavam com propósitos de desprezo, para eu

deixar a sua casa. Aos quatro horas despertei e senti numa cadeira aos cinco horas o meu primo José Marcelino, levantou-se, para ir trabalhar. Olhou-me com cara de nojo e perguntou-me: - Quando é que você vai embora?

Xinguei-lhe mentalmente, cochôro! Nojentão! Canalha pensosa, onde seria que estão os meninos que a tia Ana pegou para criá-las - os filhos da tia Sebastiana, o Vicente, o Joaquim, o Edécio e o filho do José Marcelino com a Maria Gendrasa? Não fôlli nem dez palavras com aqueles negros sujos, deslavados. É assim que

eu classifico as mulatas
 Quando a minha tia
 levantou-se disse-me
 Vai pedir esmolas
 Você nasceu para ser
 mendiga. E se não arran-
 jar dinheiro não precisa
 voltar aqui.

peguei a minha trança e
 rasguei. Senti fome, resolvi
 pedir um pedaço de pão.
 Olhava as coisas pensando
 qual deveria pedir.

Toquei a campainha de
 uma casa. Quando a senhora
 abriu a porta, pedi!

será que a senhora pode
 me dar um pedaço de
 pão?

Mãe, vai trabalhar
 vagabunda, o cáitadinho
 do meu marido trabalha
 o dia todo, num sertão

háirel para ganhar dinheiro
 e eu vou dar o pão que elle
 compra com tanto sacrificio
 para você, trabalhar vocês
 não querem.

Não é nada agradável
 ser mendigo, segui
 analisando as rotinas
 da mulher. O que achei
 bonito foi, cáitadinho do
 meu marido. Se todas as
 esposas agissem assim...
 O casamento é semelhante
 a um bilhete de loteria
 e aquelle homem bonito
 ganhou a sorte grande.
 O seu casamento foi
 premiado com uma mulher
 dedicada, porque a
 mulher volúvel, a
 mulher adúltera, é
 uma mulher nojenta.
 Em Uberaba, não se

em Ribeirão Preto, não
sarei. Decidi voltar para
sacramento. Não poderia
voltar para a casa de
minha tia. Se não arran-
jar dinheiro, não volte
aqui. Quando alguém me
nóguete a fome desapa-
reia, procurei a estrada
de rodagem para voltar.
Quantos meses letaria para
chegar em sacramento.

Andei o dia todo, pensando
quando encontrar um lago
ou um rio, vou tomar
banho cinco dias sem tomar
banho. Eu tenho que ser
firme nas minhas reso-
luções - Nunca mais hei
de falar com os filhos da
tia Ana. Não mais hei de
considerá-los meus
parentes. Se receber ofensas

hei de devolver as ofensas
como o trôco, que luta.
Senti fome mas tinha medo
de pedir. As seis horas
cheguei em Jardinópolis
procurei a Santa Casa
admirando. Todas as
cidades do Estado de São
Paulo, tem uma Santa Casa.
Os paulistas são capricho-
sos. Da a impressão que
o único Estado rico do
país, é o Estado de São
Paulo.

Toquei a campainha
pensando: como será que
vou ser recebida?
Senti um medo interior
e o meu coração começou
acelerar - se como se
estivesse dançando
em samba. Eu tinha a
impressão que havia

criado um empurrão
e sendo atirado para do
mundo. Se eu não reu-
perar a minha saúde
terei que mendigar mesmo.
Mas é tão bom viver com
o próprio esforço.

Sempre existe alguém
que nos dá serviços.

A porta abriu-se.
apareceu uma freira
pensei, elas são educa-
díssimas e compreensíveis
qualquer coisa cause-
que-se, com elas.

Elas que estão para do
mundo, e que conhece
o mundo, tão bem, e
quando elas falam tenas
a impressão que elas
são profetisas. pedi!
será que a senhora
pode fazer um curativo

nas minhas pernas e
arranjar um bacol para
eu tomar um banho. Já
fazem cinco dias que não
tomo banho. É esta zona
aqui, é muito quente.
eu estou fidedida.

A freira saiu e disse!
pode entrar, você está
certo, o corpo humano
tem que ser lavado
todas os dias, e tem que
ser alimentado. O nosso
corpo é muito dispendioso
para nós mesmo.

- De onde vieste
- De Ribeirão. Estou
viagando, para ver se
consigo sanar estas
pernas.

A irmã saiu e disse
minha filha! para curar
- se é necessário o

repouso, Não é andando
de um lado para outro.
até na sua própria casa
poderia ter se curado.
Você ia na santa casa
apenas para fazer os
curativos.

— Na minha terra não
têm santa casa.

Fui tomar banho. Que
alívio, tomar banho no
banheiro, com sabonete
d'água quente, e uma
toalha para enxugar-me
camisola e um roupão.
Quantas gentilezas.

Eu que estorta habituada
a lidar com as pessoas
rudes como o cactus.
e a irmã tão articulada
pensei as irmãs são
anormais porque tem estudo
são as típicas ligeladas.

Fui jantar. Comi a vontade
sem constrangimento. Senti
sono fui deitar. Despertei
as cinco horas com as gargalhas
das aves e as vozes das
irmãs, rezando que Maria
Enquanto eu dormia, elas
fizem o curativo nos meus
pernas. Levantei e fui rezar
agradecer a Deus a sua
interferência benéfica.
Tomei café, e fui dormir
que gastasero aquela cama
limpinha. As irmãs me
trataram com tanta consi-
deração como se eu fosse
uma personalidade
ilustre.
Eu disse lhes que havia
percurrido várias cidades
e já estou cursando-me
tenho plena convicção que
não vou concretizar os

Os meus objectivos.
 A mãe dizia que podemos
 falar do passado que o
 futuro é imprevisível
 elle poderá nos surpreender
 com a fatalidade, ou com
 a felicidade.

No inferno as mulheres
 falavam apenas da revo-
 lução, que foi benéfico
 para o porto. Que havia
 modificado o padrão de
 vida do operário.

O salário era compensador
 elles tinham possibilidades
 de ter contas bancárias
 e citavam as vantagens
 das leis trabalhistas.

O operário pode apressar
 se na velhice e recebe
 o salário integral.

O operário estava contente
 com as leis, e o getúlio

já estava sendo cognominado
 de o pai dos pobres.
 o porto era disciplinado:
 Não havia conspirações,
 porque o porto não era
 oprimido. Elles tinham as
 possibilidades de adquirir
 o que necessitavam sem
 oprimir - se sem sacrificar
 todos vestiam - se bem.
 Mas umas não se distin-
 guiam quem era o pobre
 quem era o rico, as
 prendas estavam ao alcance
 de todos. Que inveja que
 eu sentia, de não poder
 trabalhar. Quando eu
 era pequena tinha saúde
 e agora que estou molinha
 é que fui adoecer.

Ninguém me namorava
 e o desprezo das mulheres
 me martificava

deste ser bom ter o
rosto de um homem.

Más dias de visitas eu
filares olhando e com
inveja. Todas recebiam
visitas menos eu.

Está é a minha mãe.

Está é a minha tia

Está é a minha cunhada

Está é a minha filha

e este é o meu esposo

família... coisa que não

tenho. Quando uma das
recebia alta eu chorava.

E as dias foram passando.

As minhas pernas continu-
avam na mesma.

As chagas não cicatrizavam

Resolvi deixar a Santa
Casa.

As irmãs implorá-
-me

- não! Mas temos tanto

comida, e não temos

quem come! Mas não
tenho dentes. As que
adalem aqui preferem ir
para Ribeirão Preto, ou
São Paulo.

pensei; se me fosse poss-
ível ir até São Paulo!

para consultar-me!

Mas não tenho recursos

& melhorar eu voltar para

Sacramento, e seja o que

Deus quizer.

Agradei as irmãs, e

seguí. Quando anoitecia

dormia nas margens

da estrada. Será que

a minha vida vai ser

atribulada assim.

Eu não quero pedir

esmola. Não quero

roubar. Quero ser

honesto. Pensando
constantemente, e não

encontrando solução.

As pessoas que me viam
andando pelas estradas
ficavam olhando-me e
comentando: Ela, deve ser
louca! parei para descansar
e ouvir uma voz que
cantava:

"En quando ~~belto~~
As vezes estranho
As vezes ~~bruto~~,
também apouho.
En quando ~~belto~~;
Tico mal educado
Brigo com a mulher,
& até com o delegado.
En quando ~~belto~~
Tico mau e valentão,
Brigo com o exercito
& até com o Sampaio.
En quando ~~belto~~
Crio chifres e até ratos,
Brigo com o mundo
& até com o diabo.

Olhando aquêlle homem
carpindo a terra, pensei:
será que elle me dá
serviço? Vou pedir!
já comprehendí que o
mundo é coletivo. É uns
precisando dos outros.
perguntei-lhe:
Nôco! O senhor precisa
de empregada? eu
posso lhe auxiliar na
lavoura, o senhor, pode
me pagar um mil réis por
dia. É que eu sou doente
e ninguém me dá serviço
Eu não ~~belto~~ e não rauto
Ele parou para ouvir-me
e disse: que poderia
dar-me trabalho.
Mas, a sua esposa não
trabalha na roça, e
se você ficar sozinho
amigo, aqui, eu, ~~te~~

mêdo da língua do porco
 pensei; língua. Uma
 coisa tão pequena, e tão
 temida. Eu não sei
 insistir. Decidi seguir
 ia me encarregando a
 lutar, apoiada na minha
 curiosidade. queria
 viver para ver o que
 os melhores dias que
 durão vai proporcionar -
 ar - me. Quando li a
 vida dos santos notei
 que o mundo não foi
 arteludado para eles.
 As quatro horas cheguei
 na cidade de Solas
 Oliveira. Andando pelas
 ruas vi um anuncio
 na janela de uma casa.
 precisa-se de uma
 empregada.
 Resolvi pedir o trabalho

Expliquei para a patroa
 que eu podia lavar as
 roupas, enlutar a casa
 limpar os vidros, e ela
 podia me pagar vinte mil
 réis por mês.

Ela aceitou-me. Que
 alegria! Eu também ia
 ter uma patroa. Já não
 era um tipo relegado.
 Simples o quarto que eu
 ia dormir, com a impressã
 o que distorce no parouso
 Dependurei os meus vestidos
 circulei o olhar no quintal
 Era amplo, mas não tinha
 um canteiro de verdura
 nem de flores. As seis horas
 o meu patrão chegou. Ele
 era materialista de praça.
 Jantei e fui dormir.
 De manhã eu notei que
 Pareis chortido, e se eu

estivesse na estrada?
 quer dizer que este já
 foi, um dos meus melhores
 dias. Tomei café e fui
 limpar o quintal. Lavei os
 grades de ferro, o portão.
 e enlei o portão, lavei
 as roupas. Eu precisava
 agradar aquela patroa
 para ela não despedir-me
 d'aquele emprego para mim
 era como se fosse um
 reconstituinte que não
 reavivava a minha moral.
 Eu tinha a impressão que
 não era ninguém neste
 mundo. E eu pretendia
 ser alguém e para ser
 alguém é necessário
 empregar o seu tempo
 exercendo qualquer
 profissão. Com o decano
 dois dias, fiquei batendo

Os nomes das patroas. Ela,
 Dona Maria Augusto. Ele,
 Arnaldo Padella.
 Ela era costureira. Disse-me
 que trabalharia em São
 Paulo, na casa de Lena.
 Queria voltar para São
 Paulo, pretendia internar
 as meninas e trabalhar,
 ela e o esposo. Mas, o seu
 esposo não queria vir
 para São Paulo. Que ad-
 rante a vida no interior.
 Disse-me que pai visitar
 a sua madrinha. Ela lhe
 obrigou a casar-se que
 o casamento é uma redoma
 na vida de uma mulher.
 Não havia motivos para
 desgosto. Lá porque o
 senhor Arnaldo Padella
 era eduladíssimo.
 Trabalhei quinze dias. IMS

ela disse-me que havia
arranjado um emprego
para mim, na cidade de
Arlandia. Você desceu a
casa bem limpinha agora
eu passo cuidar de tudo
sozinha. Ela deu-me uns
colares e uns brincos
Foi o primeiro colar que
usei na minha vida.
Eu estava colando na fôrma
e charando pão de mel.
Se eu pudesse ficar com
ela para sempre.
Que mulher bonita, parecia
uma boneca. Falava tão
pouco. E sabia falar.
percebi-se que ela não
foi menina vã dia
sendo que ela fazia fechos
bonitos. Deu-me vinte
mil réis. Que alegria
Hoje quanto tempo eu não

via dinheiro. Fiquei
nervosa. Não sabia onde
guardá-lo com receio de
perdê-lo. As onze horas
chegou o automovel que ia
para Arlandia.
Eu olhando a estrada
de rodagem. Que beleza!
Quando chegamos na casa
que eu ia trabalhar vi
duas placas no portão:
Dr. J. Manso Pereira
Dr. Miletto Santiago.
pensei! Será que eles não
aceitam-me?
Apareceu uma mulata no
portão e correu-me para
entrar. Quando entrei no
jardim o meu coração acellorou
eu sei como se estivesse me
advertindo de algo funesto.
procurei acalmar-me pensando:
Será que irei ser feliz aqui?

Felicidade, é uma benda que os homens criaram, e ela é inesistente. A casa era numa esquina. No terraço vi varias cadeiras e bancos onde os doentes sentavam.

O que será que vou fazer nesta casa. Sarta passar.

A mulata indicou-me um quartinho dizendo; Você vai dormir ai. Estava cheio de caixotes - agitei os caixotes e coloquei o colchão. E fui tomar banho para ir falar com a Patrão. Ela perguntou o meu nome, a idade, se sabia ler para eu escrever tudo o que sabia fazer. e deu-me papel uma caneta e o tinteiro.

Exerçei. Sei lavar roupas, passar-las, remendar-las, pregar botões, fazer bôlas, sabão, doces echer frangas, echer casa.

entreguei-lhe o bilhete, ela leu e elogiou a minha letra. Saria porque, uma doutora, elogiar a minha caligrafia. Olhando-me saria disse: Que dentes visidos. Pensei; será que estou com algumas enfermidades nos dentes. Ela disse-me que eu deveria tomar o quintal. Eu era inerte e desorganizada para trabalhar. Havia fatura na casa do doutor. Ele escamou-me, e fezio curativos nas minhas pernas. Eu auxiliava a Raimundo, a cuidar da casa.

Que insegura que eu sentia dela que era forte, e andava por toda cidade. Um dia remechei nos caixotes. encontrei varios livros e um Dicionário Prossodico de João de Deus. Era a primeira vez que vio um Dicionário. Quando compreendi a finalidade do Dicionário, procurei a palavra

ninias, e savi satisfeito
 porque tinha algo atraente
 as meus dentes. A Raimunda
 me falou de Belo Horizonte
 quem eu era - a pai a mãe
 do Dr. Manso. A Dna Segunda
 elogiava o pai do Dr. Manso.
 Que em Belo Horizonte têm
 Escola de Medicina.

Das deparos chegou o irmão
 do Dr. Manso. Outro doutor
 que vinha praticar com o
 irmão - O Dr. Olinto Manso
 cheio, era alto. tinha um
 medo de dar receitas.

Dizia. Deus, fozei com que
 eu acerte. O meu doente
 não deve morrer.

A morte de um doente, é o
 comprovante da incapacidade
 de um médico.

A Raimunda pagava o filho
 da Dna Mietta - O Baby.

êlle não era batizado. As pais
 decidiam esperar que êlle
 crescesse. e êlle mesmo escolhia
 o seu nome. As patudes deci-
 diam visitar São Paulo.
 Eu pedi a Dna Mietta para
 comprar uns vestidos para
 mim. A Raimunda foi vestida
 de cruzada. touquinha e
 arretal branco. Várias pessoas
 comentaram que aquilo era
 pendonismo. Que não mais
 usava aquêlle uniforme.
 Que os trojes tiveram época
 na monarchia:

A Raimunda estava alegre
 porque ia conhecer a inculto-
 cidade de São Paulo.

Ficaram fora dez dias. Quando
 regressaram falavam do progresso
 na cidade industrial.

Mas a Dna Mietta dizia que
 pretendia residir no Rio de Janeiro

Não amio a vós do Dr. Mauro.
 Era um homem triste, porque, se
 elle tinha saide. profissão, uma
 casa esposa e filho. Quem deveria
 ser triste era eu.

A Dna Mietta, comprou três vestidos
 para mim. Que tecidos bonitos
 indestrutíveis. A Dna Maria Augusta
 fez as vestidos. dez cruzes
 cada um. Eu não paguei porque
 ganhava vinte mil réis.

Cansei daquela vida. Decidi
 seguir para Sacramento. Enlei
 as luras velhas que estavam
 no quartinho, para eu ler.

Quando cheguei na minha
 cidade fui recebido com
 hostilidade pelas meus parentes
 Eu já estorta mais inteli-
 gente e observo as
 fisionomias rancorosas
 pensar. elles não sentem
 saudades. Minha mãe disse.

me, quando você chega, eu
 já sei que vou ter atane-
 cimentos eu já não lhe disse
 para você ficar por lá.

Não é implicância e nem
 antepáto da minha parte
 é para o seu proprio bem
 é um espetáculo duro
 para mim. Presenciar elles
 te judiar. Nos eu que
 nos minhas andanças dançaria
 de baixo dos arvores era
 humilhada já estorta
 ficando insensível.

Mostrei-lhes os meus vestidos
 ela achou bonito.

Estes tecidos são de São
 paulo. Foi a minha patrão
 quem comprou.
 Há... você ter patrão?
 Deixa de ser mentiroso.
 Você fala isto, que é para
 nós acreditar, mas duvidado

Mestre-lhe os colares.
 ela escolheu um amarelo
 e deiscou o verde para
 mim. Eu comprei uma
 sombrinha e percebi
 que as minhas primas
 invejavam os meus
 vestidos. Quando elas
 compravam vestidos eu
 não invejava-as.
 O que eu não acontava
 era as vaidades muitas
 elas trabalhavam,
 exclusivamente para
 comprar roupas. podiam
 trabalhar para comprar
 um terreno e construir
 uma casinha que é a
 coisa mais importante
 na nossa vida.
 Eu passava os dias lendo
 os Lusíadas de Camões
 com o auxílio do Dicionário

eu ia intelectualizando
 me, compreendendo que
 uma pessoa ilustrada
 sabe suportar os anar-
 ques da vida.
 por eu ter tomado muitos
 remédios minhas pernas
 estavam cicatrizando.
 Comecei a fazer projetos.
 Vou ficar lá. Hei de
 conhecer a cidade de
 São Paulo. Que o povo
 dizia que era a cidade
 forte de mel. Em São
 Paulo, têm um bairro que
 se chama Paraíso. É a
 cidade de São Paulo, é
 um paraíso para os pobres.
 É o único Estado do Brasil
 que têm mais estradas de
 ferro.
 por intermédio das listras
 eu ia tomando conhecimento

das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai. Considerava esta guerra brutal e desastrosa na que o homem encontra para solucionar os seus problemas.

Eu sentava no sol para ler. As pessoas que passavam, olhavam o livro - nário e diziam: Que livro grosso. Deve ser o livro de São Cipriano.

Era o único livro que os indolentes sabiam que existia e existe.

Começaram a propagar-se que eu tinha um livro de São Cipriano.

E lamentavam: Então ela está estudando para ser feiticeira, para atrayalhar

a nossa vida. O feiticeiro reza, e não vem churo. O feiticeiro reza vem a queda. Quando a minha mãe saube arisau-me - É melhor você parar de ler estes livros, já estão falando que é livro de São Cipriano. Que você é feiticeira. Eu dei uma risada estentória.

As pessoas que lê ficam esclarecidas e prudentes. e sabem conduzir-se na vida. Eu quero sair para sair d'aqui, para não mais voltar. Eu estava contente porque as peridas estavam entregando. Quero fazer uma surpresa para a minha mãe.

Estava seguindo as indicações do irmão de Jardimópolis

que se eu repausera
na minha propria casa
podria curar-me.

Na minha casa eu era
tranquillo não era revoltado
não sentia aquella angustia
interior. Quando não lia
bardas, qualquer coisa
o meu irmão que andava
girando ora aqui, ora
ali apareceu. Que do' que
eu sentia daquelles jogos
póteres, não podiam ficar
na cidade porque a policia
perseguiu-os.

Os homens póteres olham
os policiais, como os gatos
olham os cães. Mas isto
é inilicencia porque o
homem que é policia
tambem é potre, e sabe
as dificuldades que o homem
pobre encontra para viver

a colmeia do pobre produz
o mel amarelo.

Um dia estava lendo,
passou uns rapazes para
e pediram para ver o meu
dicionario. Entreguei o livro
para elles olhar. Olharam e
dizeram. Oh! e mesmo o
livro de São Cipriano.

Como é pesado. Percebi
que elles eram pernásticos
e fiquei com dó. porque a
littera benéfica tanto o
homem, como a mulher.

Queixei-me que o meu
desejo era ter saúde para
trabalhar. Que a enfermi-
dade me transformava
num farrapo humano.

Quando elles sairam foram
cantar para o Sargento
que eu havia chegado
de farrapo. Que elles

Prendiam também os pobres.
O sargento, era campadre de minha
prima Sônia, e deu ordem aos
soldados para ir prender-me
em estouro em casa. Não mais
gostava de sair porque me abo-
recia com a dicotomia em
torno do meu nome.

Já estava ciente que os ricos
que nascem nas cidades,
pequenas, podem nascer ricos
Mas, os pobres, tem que nascer
vestidos de paciência para
suportar as ignorâncias.

Assustei quando vi os policiais
eles pararam na minha frente
e deram ordem de prisão.

— Não perguntei porque estouro
sendo preso. Apenas obedeci.

Minha mãe interferiu - se dizendo
que eu não estava fazendo nada
de errado.

— Cole a boca! E você também está

preso. Seguindo na frente das
dois policiais. Minha mãe chorava
dizendo, eu te disse para não vir
nesta cidade. porque você não fica
com os paulistas.

Quando chegamos na cadeia o povo
já sabia que eu estava sendo
preso. Mas introduziram numa cela.
Pensei na família, que me aconsel-
hou: vá para a sua terra, e lá,
você repousa e sana. Você não tem
temperamento para ficar recluso.
Ficamos presos dois dias sem comer.
No terceiro dia o sargento nos
obligou a carpir a frente da
cadeia. O povo passava na rua só
para nos ver. Em pensamento: admito
que se dê um castigo moral aos
que erram, mas, eu não errei.
No quarto dia fomos carpir até ao
meio dia, as minhas mãos doíam
as feridas por falta de remédios
inflamaram novamente.

há uma hora da tarde nos
recolheram e o sargento foi inte-
rogar-me!

— Então você anda dizendo que eu
sou um farrapo?

Compreendi: Ah! foi o Si que
contou.

— Eu disse para o Si, que a
enfermidade me transformava
num farrapo humano, e me con-
sidero inferior aos outros. Não
gosto quando me dizem: "Ferido, tá!
eu não tenho culpa de estar doente"
quando eu sonhar quero trabalhar.

— Você anda lendo o livro de São
Epriano. Pretende lutar político
em quem?

— Eu não lio no político e não tenho
livro de São Epriano.

— Eu tenho. E deu-me o livro para
olhá-lo e folheá-lo.

— Já gastei imensamente de livros
e peguei o livro com carimbo e

cuidado, como se estivesse
pegando uma criança recém-nascida.
Mas estava mentando para ter.

Dizem que a senhora sai a noite e
fica vagando pela cidade.

Minha mãe disse: ela não sai a noite
cala a boca! Vagando de vultanos

para a cela. O sargento mandou um
soldado preto nos espancar.

Ele nos espancou com um coquetete
de barracha. Minha mãe queria
proteger-me, colocou o braço na
minha frente recebendo as pancadas.
O braço quebrou, ela desmaiou-se
eu fui ampará-lo o soldado
continuou espancando-me.

Cinco dias presos e sem comer.

Minha tia foi nos visitar e levou
um urado de carne com farinha.

Minhas pernas incharam. Pensei
estes tipos devem ser descendente
do ohero, que era panático para
as penas cruzadas.

O braço de minha mãe doia. Ela chorava. Um soldado de nome Isaltino, me xingava. Esta uaga bunda vive viajando. Mão direita não viaja. Diz que vai pra São Paulo. Eu pedi a minha tia para ir falar com o senhor Aureliano de Campos, gerente do Banco, para soltar-me, que posteriormente eu chei pagaria. Respondeu-me que não podia permitir pagar a carceragem vinte mil reis. Minhas pernas começaram a felder. Pensei: E se der bichos? O meu primo Paulo, aranzou os vinte mil reis, e me soltou. Fiei de considerar o meu primo Paulo, como o meu único parente dos plebeus inflamaram. A minha mãe não podia lavar roupas. Não saíamos andando nas ruas pedindo esmolas.

Minha mãe com o braço quebrado e eu, com as pernas enfaixadas. ganhávamos, arroz, feijão, toucinho, salsão, queijo, sobras de comidas. Minha mãe dizia: você precisa deixar esta cidade. Está bem. Concordei. Pensei na generosidade dos paulistas. Os pais de famílias praticavam suas filhas para não falar, comigo, que eu ia contaminá-las com os meus exemplos. Deixamos a cidade de Sacramento fomos para a Franca. Que luta para eu viver na Franca. Não podia trabalhar. Minha mãe aranzou emprego na casa do senhor Ignácio Calheiros. Eu ficava rogando. Que fome que eu passava. Os vizinhos eu ia no emprego de minha mãe, limpava o quintal visando comer qualquer coisa. Não tinhamos casa, iam dormir na chácara do Chicholm.

era um palhao de curo. palido.
e anoso. Era caridoso. Era o
pai da atriz Carmen Cassinelli.

Que homem bom. Eu era reuel-
tada. Comecei viajar. procurando
do tratar-me. Soreu.

Que alegria. Minha mãe sairia
arrangei emprego. Tive trabalhar
nas três imãos. para a Dona
Clélia. Me pagava quarenta mil
reis por mês. Que mulher fina
podia ser uma atriz ou uma
artista de cinema.

Tudo que eu fazia para ela
fazia com todo capricho e carinho
Não era para bajula-la.

era por simpatia e considera-
ção. Que fartura. para mim
um grão de arroz, tinha o relão
de uma pedra de brilhantes.

Eu precisaria investigar a
minh'alma. que estava disrente
de tudo. Quando recebi os

vinha e cinco mil reis, saí e
chorei. porque a outro empregada
da Dona Clélia voltou. dizendo que
gostava de trabalhar só para ela.

A Dona Clélia, era filha de italianos
casado com o Sr. Edeu. Lirio. E ela
sabia falar o arabe.

Com saúde não há falta de trabalhos
e eu fui desmistando. podia calçar
mêias. ninguém tinha nojo de mim.
Tive me empregar na casa do Sr.
Emilio Bruxelles. Ele estava casado
com a Dona Zizinha. Que mulher
seria. esparfata para viver bem
com os entoados, O Sinésio, O
Heraim, e os outros.

Quando ela cozinhava eu olhava
para aprender. porque pretendia ser
a tal na cozinha. O Sr. Emilio Bruxelles
comprou um copre. em São Paulo.

Quando chegou o copre, eu estava
lavando a sala. O homem que fez
a entrega do copre, explicou

o segredo. O senhor não dá três
vêzes, o. Toda quatro vêzes dáis
eu não estato prestando muita
atenção na explicação mas os
dados ficaram gravados
na minha mente.

O senhor Emilio Bruxelles
pegou o papel, leu, e fechou
o cofre. e rodou os números
novamente, o cofre abriu-se.
Ele pegou os objetos de valor
papeis, escrituras e um
maço de dinheiro, e colocou
no cofre dizendo: agora
sim. Estou tranquilo
pôssô sair de casa,
sassegado. Este cofre, os
ladrões não conseguirão
abrir-lo.

A Dona Zizinha, que estorta
esperando o seu
primeiro filho, andava
pela sala. e pediu-me

para ir preparar o café
após o café o homem que
entregou o cofre despediu-
se. Dias depois o
senhor Emilio Bruxelles
perdeu o papel que con-
tinha a explicação para
abrir o cofre. ficou nervoso
O senhor Józias de Almeida
disse-lhe: D. Carolina é
muito inteligente, se ela
querer, o segredo do cofre
deve ter declarado.
Então o senhor Emilio Bru-
xelas, resolveu certificar
-se, e procurou-me na
lojinha, e olhou-me.
Aquele olhar intranquili-
zou-me eu tinha a
impressão de estar diante
de um raio X. percebi
que elle queria dizer-me
algo. Estava chorando. IMS

eu sentia frio, mas não tinha agasalhos e nem esperança de ter.

Ele perguntou - me -
- A senhora viu o café?
- Vi sim senhor!

O senhor zóias de Almeida disse-me que a senhora é muito inteligente.

- Que alegria que senti. Puxa, os tranços lamentando que eu sou inteligente. Isto para mim, é uma honra.

Então eles falaram de mim lá para. Mas deveria existir uma finalidade porque aqueles homens só falavam do preço do café comentando a época que o Getúlio mandou queimar o excedente. Que país

prejuízo para a Nação que se vendessem o café por um preço inferior sempre é lucro. E quem mandou-o, foi um prejuízo total. Que muitas famílias ficaram pobres.

O senhor Eulio Prasseguio - A senhora ouviu o nome ler o segredo do café?

- Ouvi sim senhor.

- Será que a senhora pode escrever o que foi que ouviu?

- Fiquei vaidoso!
Oh! pôsso sim!

Ele pegou um papel e deu-me. Escrevi:

- Roda três vezes O.

Roda quatro vezes - dáis fui escrevendo o que ouvi e entreguei-lhe.

Ele foi comendo

abriu o cofre, e abriu
 para procurar-me na cozinha
 - Dona Carolina, a senhora
 pode ir - se em trãno
 vai arrumar as suas roupas
 e sai.

Fiquei apavorada porque
 estava chorrendo, eu não
 podia perguntar-lhe,
 porque é que estava-me
 expulsando de sua casa,
 se eu lhe prestava um
 grande favor auxiliando
 o, a' abrir o cofre.

O meu orgulho foldu mais
 alto, já que elle está
 me expulsando, vou sair
 sem pedir explicação

Ele deu-me trinta mil reis
 eu sai. Não tinha
 guarda-chuva. Oli em
 nossas foguei entãdo
 não tinha ninguém nas

ruas. eu não tinha casa.
 Que luta! Quando cheguei
 na casa do Dolares estava
 molhadíssima. Não quis
 incomodá-lo. Já estava
 descontente de ser classifi-
 cada: a inferior.
 Que alívio, quando o dia
 surgiu. fui enxugar as
 minhas roupas, pensando
 onde conseguir outro
 emprêgo. Há muitos pessoas
 que precisariam trabalhar.
 eu não exigia preços.
 pãr causa da chuvia
 comecei tossir.
 fui trabalhar na casa do
 senhor Tesfiro, me mandara
 entrar pãr causa do tãsse.
 Eu pensava que se
 reediquirisse saúde
 ia viver como fidalgo
 enganli-me. Os dias

para mim, ainda eram funestas, e trágicas. Os meus sonhos não concretizavam queria trabalhar para cuidar de minha mãe. Os bons empregos já estavam ocupados por pessoas de melhor aparência.

Decidi procurar trabalhos fora da cidade. Nas fazendas, nas casas do fazendeiro. Fui trabalhar para a Dona Maria Amélia - a filha do Estorho Passa. Esposa do Sr. Roberto Junqueira. Que patroa educada. Eu era a pagem da Stilza.

Que menina bonita. Estava doente. A Dona Maria Amélia, era triste. Eu pensava: porque? Se ela é rica! Voltamos para a cidade. O Dr. Carlos Signarelli, começou a tratar a menina - como eu gostava da D. Maria Amélia. Pensava: se ela não despedir-me, hei de ficar sempre com ela. Muito elegante

no falar. Olhando-a parecia uma princesa. A menina estava morrendo e ela também. O Dr. Carlos Signarelli disse que era meningite.

A mãe da Dona Maria Amélia, despediu-me, dizendo que não gostava de mim - Quando deixei aquela casa, rezei. Pedindo a Deus para auxiliar a Dona Maria Amélia. que tinha todas as qualidades para se canonizada.

Consegui outro emprego numa pensão. Mas, não conseguia esquecer a Dona Maria Amélia Junqueira. Rezava pedindo a Deus, para a menina não morrer e ela não sofrer. E eu ia na igreja Nossa Senhora da Conceição, parava diante dos altares suplicando aos santos que não permitisse que a Stilza, morresse. Que saudades que eu sentia da menina. Jurai nunca mais ser pagem. porque na convivência

aprendendo a amar as crianças.
 Mas a filha morreu.
 Eu não tinha roupas para vestir
 escrevi um bilhete, para a Dna
 Maria Amelia, pedindo-lhe, os
 seus vestidos usados. Ela deu-me
 brevemente o bilhete com a convicção que
 ela não ia negar-me. Quando
 gosto de uma pessoa, gosto de vê-la
 todos os dias. Eu queria ver a Dna
 Maria Amelia, para sentir saudades
 e não queria vê-la porque, ela
 daria estar muito triste com
 a morte da filha.

Que sucesso, quando vesti os
 vestidos que a D. Maria Amelia
 deu-me. Organdy amarelo. Cheio
 de bordados. Pensei: se eu pudesse
 vestir sempre assim. É fui dançar.
 Era maravilhoso para viver. Se eu
 estivesse trabalhando ganhando, trinta
 mil réis, aparecia outra, que
 trabalhava melhor, e ganhava

vinte mil réis por mês. Eu já
 estava cansando-me daquela vida
 de andarilha. Eu tinha a impressão
 de ser uma moeda circulando.
 Que vergonha que eu sentia por
 não termos uma casa. alugamos um
 quarto na casa de Dna Marciza.
 O preço do quarto, era cinquenta
 mil réis por mês. Que luta para
 arranjar estes cinquenta mil réis
 para arranjar os cinquenta mil
 réis para pagar o primeiro mês
 adiantado catigando,
 Não tinhamos sossego pensando.
 Será que vamos arranjar
 dinheiro para pagar o segundo mês.
 Se ninguém tinha emprego fixo.
 Minha mãe me olhava e dizia:
 Eu não posso confiar em você. Já
 percebi que você nunca vai poder
 auxiliar-me. Não dormiamos no
 solo. Távamos o chão com jarras
 Minha mãe dizia: Não tiramos

eigandas. É horrível estar hoje aqui, amanhã ali. Estamos imitando os artistas de circo. Eu me sentia como se fosse um refugo. Uma moeda fala seu idioma. Não podíamos comprar o que comer. Quando vendeu o mês não podíamos pagar.

Saindo antes que a preta nós expulsasse. O Dolores arranjou um amigo, e foi viver com ele levou a minha mãe. Eu fui trabalhar num sítio do senhor Benjamin. Um sírio. ia ganhar quarenta mil réis por mês.

Ele tinha uma filha adotiva que era casada com um professor. Ele Xingorco; porque pretendia casá-la com um sírio rico.

Dizia que o homem brasileiro, é poltrão, e não consegue ficar rico. Não têm o senso de economia. Ele era sírio, analfabeto, e era

rico. a esposa também era analfabeta. Que patrões horríveis quando ela vendia, fiado, pegava um lapis, e riscava um papel para dar a impressão que sabia ler. A Dilza, esposa do professor é quem tomava conta da venda.

A Dona Maria invejou-me quando soube que eu sei ler. Me olhava franzindo o nariz. Criticava tudo que eu fazia. Trabalhei três meses quando pedi o acerto de contas, o Benjamin deu-me apenas cinco mil réis. Eu que estava idealizando; uma surpresa para a minha mãe. Com os cento e vinte mil réis que eu receber. Chamei e fui embora a pé com a tranxinha nos braços.

Chegar sem dinheiro, era desprestígio. Mas, eu só sei conseguir dinheiro honestamente. Quando cheguei na cidade, esperei que acontecesse para

eu entrar na cidade. Fui procura
a Odares, que estava adoecendo.
Dão nos olhos. Minha mãe estava
magrinha. queixando-se de dor no
estômago. Eu via várias pessoas
vir para São Paulo. e pensava!
Há de chegar a minha vez.
já havia completado um ano
que eu estava trabalhando, e
não havia ganho nem cem mil réis.
Eu invejava aqueles moços que
ganhavam sessenta mil réis por
mês. por infelicidade minha,
adoecei. Que febre que eu sentia
estava com desentria.

genia dia e noite. Deitada no
salaó, da chácara do Chichiolin.
Uma noite, ouvi parar um carro
e perguntar:

É aqui que têm uma mulher
doente?

Responderam que sim. É o
Senhor Arnulfo de Lima

entrou me olhar e disse-me
é você mesma. Disse-me que
ele estava dormindo, na sua
casa. que o meu espírito foi
lhe pedir um auxílio.
Um colchão e um médico para
examinar-me. que eu ainda
não tinha terminado o meu ciclo
de existência e não era a época
para eu desencarnar-me.
e dei-lhe o meu endereço.
Eu conhecia o Senhor Arnulfo
de Lima. Era o dono de um Centro
Espirita. Ele levou um médico
para examinar-me. ele
aplicou-me uma injeção.
Eu estava deitada nas tábuas
que gastaram deitar naquêle
colchão. Dormi. Despertei as
nove horas da manhã com o
corpo tão quente, com a impressão
que estava sendo assada viva.
fiquei apavorado. Enchi um

Banheiro com água fria entrei
 Que alívio! Que sensação
 agradável. Quando sai da
 água ela estava quente,
 e a dor desapareceu.
 Até hoje não compreendo este
 mistério. de ir procurar o
 médium Arnulfo de Lima
 Ele não me conhecia.

Mas rezei para ele ser feliz.
 Eu tinha a impressão que não
 estava acordada que estava
 sonhando. Eu queria procurar
 o senhor Arnulfo de Lima
 mas, não tinha roupas.

Pensava: porque é que o meu
 espírito não procurou o Dr.
 Tomás Mortelino. Que é espírito.
 Comecei a compreender que eu
 recebo uma proteção, que
 desconheço a origem. Mas fiquei
 alegre, como é bom um corpo
 sã. fui procurar em meio

tinha a impressão que havia
 tomado um reconstituinte.
 Era o ano de 1936. O povo dizia
 que estava Enriquecendo-se
 com o estilo do Getúlio
 governar o país. As impôstas
 não eram onerosas.

Em todas as bares e outras
 estabelecimentos estava
 exposto o retrato do nosso
 preeminente chefe da estação
 os comerciantes quando davam
 balancos tinham um saldo,
 fortíssimo. As peças eram
 fixas de anos para anos.
 quando o operário recebia
 o seu dinheiro já era
 designado, para isto, a
 para aquilo.

Que porto alegre. Predomi-
 nante o respeito do homem
 com um homem.
 A inscrição da Bandeira

Brasiliana, é, Ordem e progresso. Com o governo do Getúlio, predominando a Ordem. Quando o Brasil declarou-se em guerra com o eixo o país não ressentiu-se. Não afetou os nacionais. A única coisa repugnante, foi o envio das nossas praças. As mães que tinham seus filhos na guerra eram as únicas que choravam e rogavam pragas no Hitler, e rezavam.

Quando o Getúlio fez um discurso reanimando o porto. Fiquei alegre quando consegui um emprego, numa fazenda. Eu não podia trabalhar na cidade, por não ter

roupas. Da roça qualquer coisa sente. A vida é simples, sem burocracia. Tive trabalhar na fazenda do senhor Antônio Rosa. Ele era surdo, mas muito educado. Com os colonos eu era pagem. Quanto leite queijo, e verduras.

As empregadas me criticava dizendo: Você é um idiota deixar a cidade para vir trabalhar no mato.

Quando a patroa ia na cidade eu ia para tomar conta das crianças. Ela ia passear no cinema para distrair-se um pouco. Eu queria um serviço de mais movimento. E ficar sentada com as crianças nas tiras o dia todo, foi cansando. na

tinha a impressão que o tempo não passava.

Eu pensava, 'como será' que está vivendo a minha mãe, com sei daquela vida estagnada. Uma vida sem um amanhã promissor sentia um descontentamento tremendo. Que vontade de ter uma casa,

uma vida ajustada. O patrão era ótimo, eu tinha vergonha de pedir-lhe que desejasse deixar o emprego. O meu desejo era viver na cidade, ir ao cinema, dançar, entrar no cordão de Carnaval. O só para mim o cordão era do Benedito Musa. Mas quando eu fui pedir-lhe, se me aceitasse no seu cordão

ele disse-me: Não te aceito nem para engratar os sapatos das minhas meninas no meu cordão não entra mendigo. Você não tem nem roupas. - Ele estava certo mas fiquei nervosa.

O meu sonho era dançar ao som do Joy-Brand - Bico doce, de Ribeirão Preto. Para mim, a minha vida era semelhante a uma pedra que eu não podia erguer. E de tanto pensar fui adquirindo o hábito de não reclamar, não lamentar para que martificar-me com o impassível. O patrão era amável, brincava com as empregadas. Eu achava graça, quando ele dizia: Bem-dia Solânea. Que arden naquela fogada

os empregados queriam
deixar a fazenda, mas
não tinham coragem de
pedir a conta. A educação
dos patrões e das crianças
nos impedia.

Os empregados eram
tratados como se fôsem
da família. O senhor
Theobaldo, tocava discos
caipiras para as colônias
auntir e dizia: Não se
usa mais, tratar os
empregados com desprezo.
Quando eu pedi a Dona
Zúia, que queria ir
embora. Ela não apreciou
e perguntou-me.

O que é que está te
faltando aqui. Só o
que você quer que eu
soluciono.

pensei: não pedir. Che

para comprar réu-pos para
mim, mas se ela comprar
terei que ficar com ela
já está causando de viver
no campo. Se fôrse para
eu mandar nesta fazenda
para plantar aí sim.
Mas, eu espero: Deus,
ainda vai me auxiliar
hei de ter terras para
plantar. Hei de ter a vida
que espero ter.

A Dona Zúia, disse-me:
Sabe Carolina, muitas
pessoas lutaram para a
libertação de vocês. Mas
vocês não tem apego á
nada, parecem esquitos.
eu acho vocês negros, um
pouco muito difícil.

Se vocês são desorganizados
e porque vocês querem.

O que é que você lucra

nas suas andanças?
Da a impressão que vocês
entram nas nossas casas
só para investigar algo
e depois partem.

Eu posso mandar na cidade,
de, mas a cidade não me
fazia, eu já conheço tudo.
Aqui eu posso criar os
meus filhos com mais conforto,
e menos despesas.

Morando na cidade eu
tenho que comprar coisas e
eu não gasto.

Na cozinha eram duas
cozinheiras. Que fartura,
ela disse-me; quando eu
fui na cidade eu te levei
e te disse lá você já
está habituada a dormir
nas casas condenadas pela
prefeitura. A nossa
conversa terminou,

quando ouvimos a voz
do senhor e do senhor. Fui
sentir o alívio.

A cozinheira queria sair
e já havia completado do
um ano que ela dizia:

Amanhã, eu falo que quero
ir embora, Amanhã eu falo
que quero ir embora.

Eu tinha a impressão que a
Dona Glória havia feito um
curso para ser patroa.

Quando ela foi na cidade
levei-me de automóvel.
Disse-me, eu podia deixar
você vir a - pl. Mas eu
tenho de. Não gasto de
nada ninguém pagou-me
dividi o dinheiro com a
minha mãe. Fiquei com
vergonha de dar - pl
só vinte mil réis.
Eu olhava o dinheiro

pensarco: sem este papel
 ninguém, vive. Ele nos
 domina, e predomina
 na nossa vida. Os que
 têm bastante, são fortes
 são respeitadíssimos, são os
 donos do tempo, quem não
 os tem em grandes quanti-
 dades, são os jácos
 ninguém, os pés-rosados
 e' desconsiderados, são os
 fracos. Eu só conseguia
 comer quando estorvo em
 pregada. Era necessário
 procurar um emprego
 para viver sempre na
 cidade. Tive sorte.
 fui trabalhar numa
 casa rica. Que palácio
 sumptuoso. Que vontade
 de residir numa casa
 bonita. e ser a dona
 desta casa. Era só hon

com o impossível. Eu tinha
 a impressão que estorvo
 sobrevivendo neste mundo.
 Minha mãe pediu-me
 para arranjar dinheiro
 que ela ia voltar para
 Sacramento. Mas não,
 nunca mais voltei naquela
 cidade. O meu objetivo
 era conseguir os cinquenta
 mil reis. e naquela casa
 eu não ganhava sessenta.
 por mês. Eu não ser
 cozinheira, cozinhei, o
 primeiro dia, a patroa
 reclamou. pediu mais
 capricho. que a comida
 não estorvo gostosa.
 Fiquei aporreada.
 Eu que pretendia ser uma
 boa cozinheira
 eu era marosa. Não
 conseguia levar toda a

Cancele e cuidar da comida
 a patroa me dizia,
 parece que você não tem
 prática de trabalhar
 Ainda depressa porque
 você tem que matar um
 frango. Eu não sabia
 matar aves. Mas mesmo
 assim, matei. e não
 consegui cortar os pedacos
 a patroa reclamou.
 Com muita luta o jantar
 ficou pronto. Eu queria
 sair do emprego, percebi
 que não dava conta do
 trabalho, e não sabia
 cozinhar a altura.
 Comecei ouvir vozes
 tradas. - Ordinária.
 Cadela, négeta!
 Assustei, quando vi o
 rosto da patroa. Preparei
 as suas roupas e usei

o terno! Que medo que eu
 sentia daquela patroa. No início
 eu já compreendi que ela não
 estava satisfeita com os meus
 afazeres. Eu estava saindo com
 as minhas trouxas encontrei com
 o filho da patroa, que acabou de
 chegar vindo a sua mãe
 Xingar-me, disse - lhe!

- Oh! mamãe! Não é assim que se
 trata as domésticas. Elas também
 são seres humanos que merecem
 nossas considerações.

A mãe explicou - lhe! É que esta
 nequinheta matou uma golinha
 e não abriu a nádega!

O filho da patroa deu uma risada
 pensei: Ah! foi por isso, que ela
 despediu-me.

Os rumores circulam na cidade
 que uma cozinheira não abriu a
 nádega das aves. O que foveceu
 me, é que a patroa não deu

O meu nome, e eu não conseguí
convencer os habitantes daquela
casa. Quando estive na rua
fiquei indeciso. Não sabia
para onde ir, procurar os
parentes, eu tinha razão.

Eles me olhavam como se eu fosse
a culpada de suas desgraças.

Fui procurar a casa da Maria
Vale-tronto. Ela me acolhia
porque, as vezes eu dividia o
meu dinheiro com ela.

Em certas circunstâncias, o dinheiro
suplanta os juizes. Ela, era
tão antipática, pessimista
era analfabeta e queria falar
o classico. Vivio declarando as
polartas difícil. Ela era atrevida
pôr causa dos dentes que eram
ruins. Quando falavamás, ela
me criticava. Você não tem elusão
já nasceu velha. Não tem onde
mudar. Anda mal vestido

Se eu pudesse, eu queria mudar
no Rio de Janeiro, que cidade
agradável. Ela arranjou uns
trapos e eu deitarco, lamentando
a minha vida. Eu não tolerava
aquêlle cheiro de cachaca e cigarros
despedir e sai, prometendo a mim
mesmo que havia de ser uma
boa cozinheira, não esparcar-me
para ser disputado, e não
exotado. Que sorte! Regulei.
Na santa casa estavam precisando
de uma cozinheira. Me ofereci
a irmã aceitou, pediu referências
Mas, as minhas patadas eram fozendê-
ros. Era difícil localizá-los
A irmã resolveu aceitar-me
& disse-me: Você prova as
tuas qualidades.

Pensei: Será que eu tenho
algumas qualidades, apre-
sentar-me!... Era para dar-me
na santa casa, que como

limpinto. Camisolas para
 eu, trator, luz elétrica.
 A irmã que me auxiliava
 na cozinha era a irmã
 Trineia que perguntou-me
 - Quantas vezes a senhora
 já foi nos bailes.
 - pensei, pensei, e respondi
 uns trinta vezes. Creio eu
 - Ah! Quer dizer que a senhora
 gosta de dançar?
 - gostar, não gosto. Mas as
 minhas amigas convidam
 - me, com insistências
 para não desagrada-las
 então eu compareço.
 A senhora sabe que os
 bailes, são alguém que
 as põem nas suas casas
 Quando comparecem
 várias pessoas, então
 o baile fica animado.
 Esperei que ela fizesse

outra pergunta. Como, se
 nada dissesse continuei o
 meu trabalho, servindo o
 almoço, primeiro para a
 enfermaria dos pobres.
 Depois para os doentes do
 partilhão. Quando os pratos
 voltavam eu sabia que a
 comida já apreciada.
 Logo após os pratos depressos
 conservava a cozinha
 bem limpinha. Não queria
 ser repalçada, nem
 despedida.
 Fiquei contente quando
 recebi a visita da irmã
 Superiora. Veio dizer-me
 que a comida estava bem
 feita. Que era preciso
 variar. Na cozinha tinha
 um livro de artes culinárias
 eu lia à noite. Pensava
 na minha vida que estava

melhorando que ordenado!
 Oitenta mil réis por mês.
 Era o maior ordenado da
 cidade. Eu dorso os papéis
 a mim mesmo, analisando
 a minha ascensão.

Compreendi que dependia
 de mim mesmo. Lutar para
 vencer. Apreendi várias
 coisas com a irmã Trineia
 que parturo. Quanto lité
 com aquela alimentação
 reconfortante comecei
 engordar. Eu tinha cuidado
 com o assêio corporal.
 por que a irmã Trineia
 reclamava tudo.

É eu, temendo as observa-
 ções da irmã procurando
 apressurar-me. Estava
 na posição que de há muito
 eu desejava.
 A situação de mãe em seguida

Eu me sentia como um
 general que havia vencido
 uma batalha renhida, e
 agora estava refletindo
 as condecorações.

Não mais tinha medo do
 mundo, e nem da vida.
 Compreendi que uma pessoa
 relaxada, desorganizada,
 indolente, não consegue
 vencer na vida. Dependia
 de mim, adotar as belas
 qualidades. e fiquei
 analisando os fatos. Os
 maus têm que desligar-se
 da moldade, para encaixar-se
 neste mundo.
 Os desonestos aostar a
 honestidade. porque os
 desonestos são os tipos
 que não têm consciências
 visam apenas o seu bem-
 estar. Os fortes detem

Ardestar e esclarescer
 os incientes os ignorantes
 eu não tive ninguém
 para guiar-me nesta
 vida. O que impediu-me
 de cair no batismo, fôron
 as polareiras do Noro.

- Vocês não devem raultar!
 O homem que raulta não
 mais tem possibilidades
 de rehabilitar-se.

Não devemos enganar
 as que nós depositam
 confiança. Quando você
 entrar numa casa, dê-lhe
 boas impressões, para
 você poder voltar norta-
 mente e ser recebida
 com sorrisos.

As que apodram-se dos
 bens alheios, estão
 comprando suas parragens
 para visitar o inferno.

eu não tenho a tendência
 cleptomaniaca então eu
 ainda não sei ser feliz.
 Eu não entei no mundo
 pela sala de visitas. Entrei
 pelo quintal.

Eu ia vender, porque era
 outra. Deixava o luto as
 cinco horas ia preparar a
 refeição matinal dos doentes.
 O trabalho era suável, não
 me cansava. e o ardenado
 me inquietava. Era como
 se estivesse deusado uma
 mansarda, para habitar
 uma mansão. De manhã
 as filhas iam na cozinha
 me cumprimentava!

- Bênção em Cristo uma.
 - para sempre seja laureado.
 O irmão mais amável era o
 irmão Manoel José. Que
 personalidade. Tenho todos

as qualidades que uma mulher sensata deve ter. Olhando-a eu pensava, ela, podia ser uma boa esposa para alguém, poderia ser professora, jornalista e atriz.

O meu sonho era colocá-la num altar, e adorá-la como se fôrse uma santa. Eu cuidaria da cozinha como se fosse um nicho de ouro. Quando a irmã Trineia entrava, eu notava que ela não sympathizava comigo. Mas não me atingia a sua frieza. Eu já-estava aprendendo a olhar o lado prático da vida.

E aquêlê ordenado, me dominava como se fôrse um freio.

Ela elogiava a minha antecessora dizia que ela era engraçada. A minha antecessora era a esposa do Vitario. O prêto mais educado da cidade de Franca mas estorta prêso porque descobriram que elle era ladrão.

A irmã Trineia perguntou-me,

- A senhora já foi na igreja, algumas vezes. Respondi-meia confusa porque eu já sabia que posterior aos interrogatórios tinha uma observação. Eu tinha a impressão que estorta num duelo, e dertaria ficar em guarda. Prevenida para receber o golpe.

- Então a senhora já foi diversas vezes ás bailes

e nas igrejas algumas
vezes.

Silenciosa, não me poli-
narta aquela palestra,
preparei o almoço, estava
super contente, porque no
dia da minha folga
minhas amigas me olham
com inveja. O meu arde-
modo era comentado em
toda a cidade.

Minha mãe sabia dizendo
- Deus, resolveu te ajudar.
Creio que ele, ouviu as
minhas orações. As mães
não gostam de ver os
seus filhos sofrendo.

Quando recebi dei
cinquenta mil réis para
a minha mãe, ela voltou
para Sacramento, e eu
fiquei com trinta mil réis
Tenho a impressão que

estou rica. Dei um bolan-
ço nas minhas ilusões: eu
pretendia comprar um polacete
comprar roupas finíssimas
era um desejo irre realizável
eu deveria retirar da
minha mente, aqueles sonhos
de grandezas. Eu queria
comprar roupas para
competir com as minhas
primas. Eu estava deprimi-
da por ter sofrido muito
mas agora eu deveria
adotar um estilo de vida
para mim, não viver
dentro das minhas poses.

sem ostentação.
Compreendendo que qualquer
trabalho que executamos
ele ficará mais suave
com a dedicação.

pretendia ter uma vaidade
limitada. Não interato, MS

eu pedi permissão a
 minha mãe para sair, fui
 comprar um vestido
 que alegrava interior.
 pretendia ter várias
 vestidos. A Dona Agostinha
 fez o vestido. Góndet,
 que tram, é ver os nossos
 desejos realizados.
 Aquêlê vestido tinha o efeito
 de uma magia no meu
 sub-consciente era semelhante
 a um reconstituinte na
 minha vaidade feminina.
 Interrogata a mim mesma.
 Será que eu não ficaria
 bonita quando usá-lo?
 para usá-lo deveria comparecer
 numa festa. Ou usá-lo para
 passear com um namorado.
 Eu estava duplamente feliz.
 Agora sim, eu poderia
 comparecer nos bailes sem

constrangimento. peguei a
 Vassoura e saí dançando na
 loggia que era espaçosa.
 Eu tinha a impressão que estava
 usando o meu vestido. Quando
 rodopiei, encontrei os olhos da
 minha mãe, fitando-me.
 Eram uns olhos grandes orlados
 pretos e brilhantes, como se
 fossem envernizados.
 parei de repente, encostei a
 vassoura e fui ver as panelas.
 A mãe disse-me,
 — Creio que a senhora deveria
 ser bailarina, e não cozinheira.
 Esqueci o vestido, as festas
 e dediquei-me aos meus
 afazeres. Os irmãos estavam
 preparando-se para viajar
 para São Paulo, iam fazer
 o retiro. Eram seis irmãos
 viajaram de duas a duas.
 Para ser sinhora, comecei

sentir falta das diversões
então decidi sair. poderia
ganhar menos em outra casa
mas poderia sair aos dom-
gos ir ao cinema, e passear.
pedi a conta depois que
deixei o emprego, e aprendi
a minha insensatez.

De Dolores, minha prima Xingou
me, Você é burro, idiota
Você estorta ganhando quase
cem mil réis por mês e
têve coragem de sair; temo
que aprender olhar as vanta-
gens,

Eu estorta com dinheiro, fui
cancretigar o meu sonho.

Fui ao cinema, usando o
meu vestido novo.

Fui visitar a Dona Clélia, ela
arranjou-me um emprego
na residência de sua cunhada
Dona Salina, Santa e passar

Cuidar da casa quando ela esta-
va na loja. Dias depois o seu
filho José, viajou para São Paulo
para estudar no Colégio Lírio
Brasileiro, na Avenida Paulista.
Pensei; é, em São Paulo, que os
pobres não vivem, e em São Paulo
que as jovens não instruem-se
para transformar-se nos bons
brasileiros de amanhã.

Mas eu notei que nos meus
tempos de crises, alômens era
mais patriótica, nos incluindo
que é de ter de todos amar o
solo pátrio. Mas o porto dizia
que o Getúlio, era um olho de
linça. e além disso, era o dono
do país. Com um governo,
preeminente, o Brasil e o povo
repousaram nos braços da
felicidade.

Não avisei aos parentes onde
estorta trabalhando. e nota

MS

sais. porque o serviço era
denso. Eu era sózinha.
para cuidar de tudo.

Um domingo fui visitar a
Adores, ela estava doente
dos seus olhos escarlam
um líquido car de leite.
a enfermidade estava
dominando-a. Tiquei con-
do, disse-me que havia
rejeitado cartas de minha
mãe. Que a polícia estava
espancando o meu tio.

Antonio. Tiquei pensando
na minha família que eram
todos analfabetos, e não
poderiam viver nas grandes
cidades. & a única coisa
que eu poderia fazer por
eles, era ter apenas do
Respondi a carta de minha mãe
pedindo-lhe, que não falasse
que os pobres têm que ser

afônicos. Viver no nosso país,
como se fossemos estrangeiros.
A lei da lei contra-nós era
agora. A lei pode ser sertão.
Mas com uma assistência pode
ser benéfico. Prende-se uma
língua e obriga a estudar.
Prende-se um jovem, mas
ensina-lhe um ofício requista o
na sociedade. Se um homem é pai
de uma prole numerosa, o país
pode auxiliá-lo a educar-lhes
os filhos. Este era um dos sonhos
do saudoso Rui Barbosa. Que dizia
que o povo necessita de um líder
ou de um rei. Que um rei mediante
obriga o povo a trabalhar para
completar a sua obra. Mas um rei
sábio, trabalha para o bem estar do
seu povo. Que qualquer um pode
governar um povo livre e elertado.
que o ~~excesso~~ excesso de liberdade ofusca
a autoridade, no lar, na escola

e no trabalho. Que alguém sempre é autoridade de alguém. Que um homem é líder no seu lar com a esposa e as filhas, o patrão com os empregados. Esta é uma regra da humanidade. Que o povo dizis que estão evoluindo-se, mas apenas os que sabem ler e que tomaram conhecimento dos empreendimentos do país. O povo tinha que ser coeso.

Para nós que não tinhamos eira o que deveriamos fazer era resignar-nos em sermos apenas berrões. A leitura nos propicia os conhecimentos nos, não nos dá a independência econômica. Trabalhei três meses para a Dna. Salina, não ganhar quarenta mil réis por mês. Quando vencio o mês eu tinha vergonha

de cobrar-lo. Quando completei os noventa dias, decidi cobrar-lo. Ela deu-me apenas dez mil réis.

- Eu disse - Che! Só?.

Respondeu-me, se não estou contente, pode deixar a minha casa. - Chei, pensando na quantidade de roupas que eu lavava e passava. Cuidar do quintal, olhar a casa quando ela estava ausente não sauberto, cuidando de tudo como se fosse meu. Decidi procurar outro emprego, ou deixar o interior. Pretendia encontrar um trabalho com melhor remuneração. Eu tinha que aprender a reagir, eslegir, respeito nos contratos de trabalho.

Mas, não tinha casa, e já estava cansando-me da minha vida andarellha. A patroa era estrangeira, e eu, nacional. Eu não podia competir-me com ela, ela era rica, e eu pobre.

Ela podia mandar, prender-me, continuai trabalhando, e a patroa havia de dizer que havia encontrado uma idiota que trabalharia quase de graça.

Depois do jantar eu saía andando pela cidade, procurando emprego. Em estado de não havia obstáculos para vedar-me. Indicarão-me uma professora que estava

procurando uma criada para vir para São Paulo. Foi procurá-la, ela aceitou-me,

Que alegria. Voltar carregado, fui preparar algumas roupas. Não arusei a patroa que ia sair, ela já havia despedido-me. Até que enfim, eu ia trabalhar a inclita cidade de São Paulo. Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que não residem na capital do Estado de São Paulo, reputam-se como se fossem para o céu. No dia da viagem não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei na estação

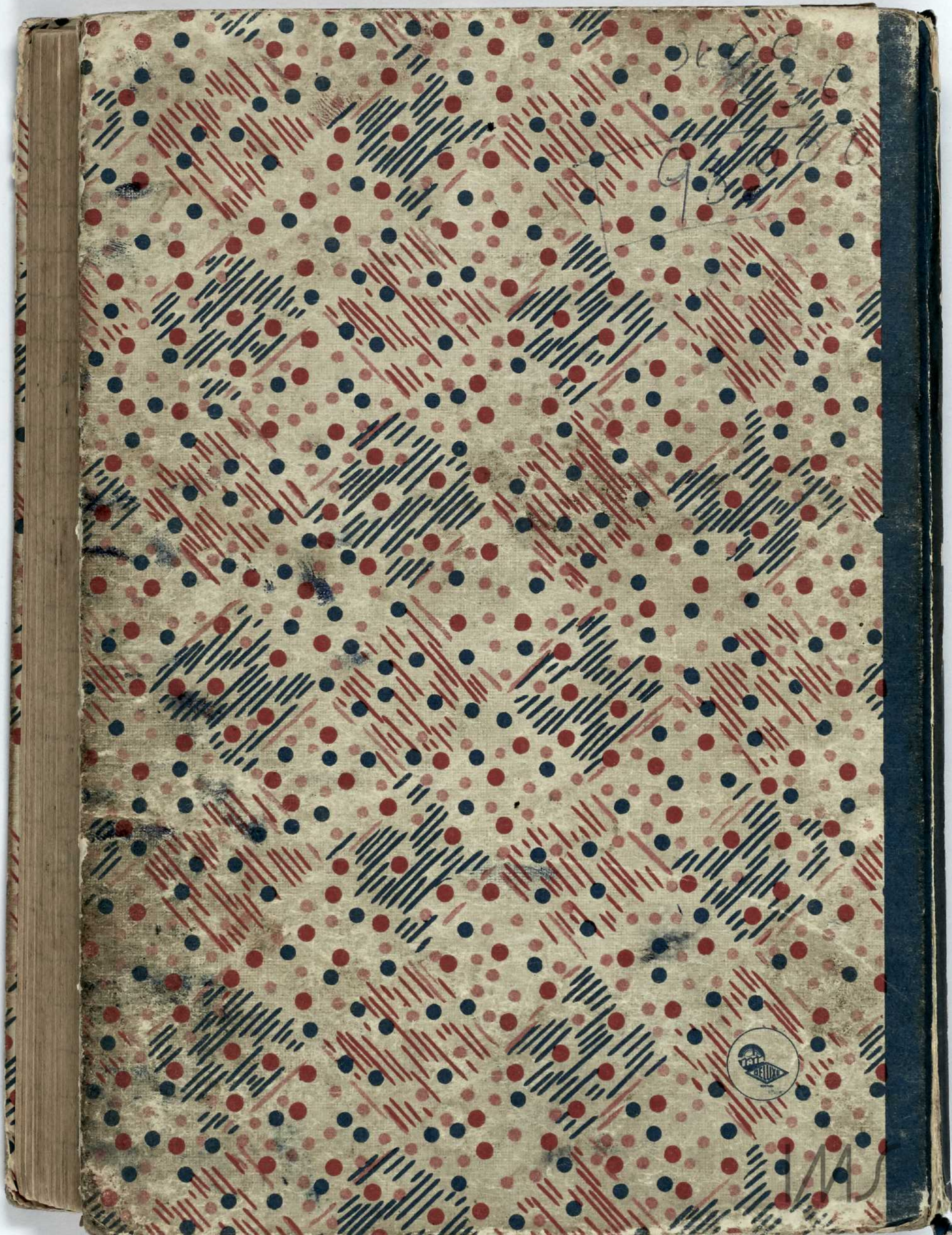
MS

as cinco horas. Que alegria
quando embarquei.

Rezava agradecendo a
Deus, e pedindo-lhe
proteção. Quem sabe se
já conseguirei meios
para comprar uma
casinha e viver os
restos dos meus dias
com tranquilidade.

Quando cheguei na
capital, gostei da
cidade, porque são
Paulo, e o eixo do
Brasil. É a espinha
dorsal do nosso país
quantas pátrias!

Que cidade progressista
São Paulo deve ser o furo-
no para que este país se
transforme, num bom
Brasil para os brasileiros.



95-100
100-100



WMS